



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIAMA SOARES SENE PEREIRA

**Raça, etnicidade e classe social nas *fanfictions*: um estudo com base nas
experiências dos leitores e autores do Spirit Fanfics e Histórias**

CAMPINAS

2023

MARIAMA SOARES SENE PEREIRA

Raça, etnicidade e classe social nas *fanfictions*: um estudo com base nas experiências dos leitores e autores do Spirit Fanfics e Histórias

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção da licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Inês Signorini

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

P414r Pereira, Mariama Soares Sene, 1999-
Raça, etnicidade e classe social nas *fanfictions* : um estudo com base nas experiências dos leitores e autores do Spirit Fanfics e Histórias / Mariama Soares Sene Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Inês Signorini.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Fan fiction. 2. Multiletramentos. 3. Identidade de gênero na literatura. 4. Identidade social na literatura. 5. Negros na literatura. I. Signorini, Inês, 1951-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Race, ethnicity and social class in fanfictions: a study based on the experiences of readers and authors of Spirit Fanfics e Histórias

Palavras-chave em inglês:

Fan fiction

Multiliteracies

Gender identity in literature

Group identity in literature

Black people in literature

Área de concentração: Linguística Aplicada

Titulação: Licenciada em Letras

Banca examinadora:

Laerte Luís Orpinelli Neto

Maria Luiza Alves

Data de entrega do trabalho definitivo: 30-06-2023

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, apesar de escrito por mim, só foi realizado porque estive longe de estar sozinha em qualquer parte desse processo – o que torna a lista de agradecimentos bastante longa.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, prof. Dra. Inês Signorini, que acreditou nas minhas ideias, me dando o direcionamento necessário e o suporte para finalizar este trabalho, apesar de todas as minhas dificuldades.

Agradeço à minha família por um apoio imenso que é grande demais para tentar fazer caber nestas linhas, mas que é o que me faz ter confiança para fazer minhas escolhas e torná-las em ações concretas. Agradeço à minha mãe, Patrícia, minha avó, Alzira, minhas irmãs, Bartira – minha gêmea que eu arrastei para ler fanfic junto comigo aos doze anos – e Tainã, e ao meu pai, José, pelo amor sem tamanho e por tentar entender esse universo das fanfics com que tinham pouco contato, mas, agora, de tanto me ouvir falar sobre, já devem estar entendendo um pouco mais. E ao meu avô, Fábio, que, apesar de não estar mais aqui conosco, ajudou este trabalho a tomar forma com muitas perguntas, muitos conselhos e, acima de tudo, muito afeto.

Agradeço profundamente aos amigos e amigas que fiz durante a graduação, sem os quais me formar teria sido muito mais difícil e menos divertido. Um agradecimento mais que especial à Julia, Juliana e Maria Júlia pelo carinho, pela companhia excelente e por me ajudar tanto a dar forma a este trabalho quanto por me aguentar falando dele há tanto tempo. À Beatriz, minha amiga que está ao meu lado desde o ensino médio e veio comigo para Campinas, gratidão pelo companheirismo, a ajuda e o carinho sem os quais minha experiência universitária teria sido muito menos alegre. E à Vittoria, que me apresentou às fanfics – assim, este trabalho só aconteceu por causa dela, no fim das contas – e a uma amizade longa e plena, na qual eu posso confiar de olhos fechados.

Por fim, agradeço ao Johnny Guimarães por me auxiliar na análise dos dados desta pesquisa. E a todos os participantes da pesquisa, especialmente as entrevistadas, por acreditarem neste trabalho e serem essenciais para que ele se concretizasse.

A Fábio de Melo Sene, meu avô, que não sabia o que era fanfic, mas sabia fazer todas as perguntas certas para me ajudar a explicar.

RESUMO

A *fanfiction*, ou fanfic, é um gênero digital que vem conquistando relevância no meio acadêmico, sendo apontada como um exemplo típico de novo letramento (*new literacy*). Nos trabalhos sobre o assunto há um consenso sobre a comunidade de *fanfiction* ser um espaço que incentiva a escrita sobre questões de gênero e sexualidade, sendo composta principalmente por mulheres e pessoas *queer*, mas não tendo a mesma abertura para questões raciais ou de classe. Assim, neste trabalho, teve-se por objetivo entender quem são os leitores e autores de *fanfictions* do site “Spirit Fanfics e Histórias”, por meio de um formulário e entrevistas, buscando saber quais são suas preferências, bem como identificar se fazem parte de alguma minoria étnica e/ou de classe social para analisar quais são suas experiências com essas questões nas fanfics que produzem e/ou leem. Além de trazer o conhecimento sobre o gênero para a realidade brasileira, investigando o que se mantém e o que não se aplica da teoria estrangeira, a pesquisa também visou levantar debates sobre diversidade e representatividade, questionando como e para quem elas acontecem, mesmo em espaços considerados inclusivos como o da *fanfiction*. Concluiu-se que há, de fato, uma diferença na frequência da abordagem de questões de sexualidade e gênero em comparação às questões de raça/etnicidade, enquanto as questões sobre classe social, apesar de pouco comentadas nas pesquisas estrangeiras, tem bastante presença nas fanfics brasileiras.

Palavras-chave: *fanfiction*, novos letramentos, representatividade, escrita não escolar

ABSTRACT

Fanfiction, or fanfic, is a digital genre that has gained relevance in academia, being considered a typical example of new literacy. In works on the subject, there is a consensus that the fanfiction community is a space that encourages writing about gender and sexuality issues, being composed mainly of women and queer people, but not having the same openness to racial or class issues. Thus, in this work, the objective was to understand who are the readers and authors of fanfictions of the website “Spirit Fanfics e Histórias”, through a form and interviews, seeking to know what their preferences are, as well as to identify if they are part of any ethnic and/or social class minority to analyze what are their experiences with these issues in the fanfics they produce and/or read. In addition to bringing knowledge about the genre to the brazilian reality, investigating what remains and what does not apply from foreign theory, the research also aimed to raise debates about diversity and representativeness, questioning how and for whom they happen, even in spaces considered as inclusive as that of fanfiction. It was concluded that there is, in fact, a difference in the frequency of addressing sexuality and gender issues compared to race/ethnicity issues, while social class issues, although little commented on in foreign research, have a lot of presence in brazilian fanfic.

Keywords: fanfiction, new literacies, representativeness, non-school writing

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. BASE TEÓRICA	12
1.1. Os novos letramentos digitais	12
1.2. Fanfiction – definição e potencialidades	16
1.2.1. O “Spirit Fanfics e Histórias”: como o site funciona	18
1.2.2. Fanfic como espaço feminino e queer: a presença das questões de sexualidade e gênero	22
1.2.3. Quão diverso é o espaço da fanfic?: a ausência de questões de etnicidade e classe social	26
1.3. O fandom no Brasil: outros mapeamentos de leitores e autores de fanfic brasileiros	31
1.4. Censo do “AO3” por @centrumlumina	32
1.4.1. Dados específicos relevantes para a presente pesquisa	37
2. METODOLOGIA	40
2.1. Instrumentos de pesquisa	40
2.2. Critérios de inclusão dos participantes e dados levantados	41
3. RESULTADOS	45
3.1. Os dados obtidos através do formulário	45
3.1.1. Quem são os leitores e autores do “Spirit”?	45
3.1.2. Como os leitores e autores do “Spirit” usam o site?	53
3.1.3. O que os usuários do “Spirit” lêem e escrevem?	56
3.1.4. O que os usuários do “Spirit” experienciam em questão de diversidade?	62
3.2. Os dados obtidos através de entrevistas	66
3.2.1. Fanfic como acesso à leitura e à escrita: relações com a literatura tradicional	68
3.2.2. A fanfiction como espaço para a diversidade: o bom e o ruim	71
3.2.3. Classe social e raça na fanfic e nas vivências das participantes	75
4. DISCUSSÃO	78
4.1. Gênero e sexualidade nas fanfictions	78
4.2. Classe social nas fanfictions	79
4.3. Etnicidade/raça nas fanfictions	80
4.3.1. Como o <i>soft power</i> coreano, japonês e chinês afeta as fanfictions	80
4.3.2. Negritude: até onde a interpretação é permitida	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE	92
Entrevista 1 - P1	92
Entrevista 2 - P3	100
Entrevista 3 - P2	106
Entrevista 4 - P5	111
Entrevista 5 - P4	117
Entrevista 6 - P6	122
Entrevista 7 - P7	126

INTRODUÇÃO

A *fanfiction*, ou fanfic, é um gênero que se consolidou com a invenção e popularização da internet. Fanfic é, basicamente, um ato de reinterpretação (KOEHM, 2018). Fãs de qualquer tipo de mídia (livros, filmes, animes etc.), ou até mesmo de celebridades, escrevem suas reimaginações de uma história original, do arco narrativo de um personagem, da personalidade e relacionamentos de alguma pessoa famosa. Tudo isso publicado online, em sites voltados para a *fanfiction*, com toda uma comunidade de leitores que acompanha e comenta cada capítulo postado.

Com a expansão do acesso à internet nas últimas décadas, surge, na academia, a necessidade de se estudar as novas práticas que emergem nesse contexto. No campo dos estudos da linguagem, com o advento da Web 2.0, passa-se a falar de novos letramentos digitais (*new literacies*) (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007), em que há uma tendência à colaboração, experimentação e inteligência coletiva. A *fanfiction*, como Lankshear e Knobel (2007) apontam, é um caso paradigmático de novo letramento digital, justamente por apresentar todas essas características levantadas pelos pesquisadores.

Assim, a fanfic é um objeto de estudo recente no campo dos letramentos, bem como de diversos estudos com uma gama variada de objetivos, conduzidos, em grande maioria, por pesquisadores que são autores ou leitores de *fanfictions* (BURT, 2017), interessados em analisar as práticas e discursos que nascem nessas comunidades. Como o gênero só tomou forma com o advento da internet e de sites voltados especialmente para fanfics, há muito a se explorar e descobrir sobre o assunto.

Alguns desses sites já foram utilizados como tema e fonte de dados para diversos artigos e livros sobre fanfic (JAMISON, 2017; BUSSE, 2017), como o “Fanfiction.net”¹ – um dos mais antigos, criado em 1998 – e o “Archive of Our Own” (AO3)² – criado em 2007 e muito relevante atualmente, contando com mais de cinco milhões e meio de usuários. Esses sites são importantes por seu pioneirismo na consolidação da *fanfiction* como um gênero digital e por seu alcance, uma vez que abrigam histórias em diversos idiomas, ainda que o inglês seja a língua principal, e autores e leitores de vários países.

¹ <https://www.fanfiction.net/>

² <https://archiveofourown.org/>

Apesar de não terem a dimensão dos sites em língua inglesa, justamente por utilizarem um idioma menos difundido na população global, sites brasileiros como o “Nyah!Fanfiction”³ e o “Spirit Fanfics e Histórias”⁴ reúnem autores e leitores dos mais diversos *fandoms*, isto é, as comunidades de fãs que se criam dedicadas a qualquer tipo de mídia ou celebridade e que, com frequência, criam materiais de todos os tipos relacionados à mídia em questão, de músicas e desenhos a histórias do gênero *fanfic*. Em seu último levantamento, realizado em 2018, o “Spirit” tinha mais de 2,7 milhões de usuários, por exemplo.

No Brasil, pesquisas sobre as *fanfictions* e os sites brasileiros ainda estão se expandindo. Apesar de em menor número que no estrangeiro, já temos diversos trabalhos sobre a fanfic brasileira, como as pesquisas realizadas por Vargas (2005), Batista (2016), Fontana (2020) e Baptista (2021), que se propuseram, inclusive, a conhecer os leitores e autores de fanfic brasileiros, seus gostos, hábitos de leitura e outras informações relevantes para seus objetivos.

Como a grande maioria dos pesquisadores do assunto, faço parte de *fandoms*, escrevendo e lendo fanfics há mais de uma década. Se, por um lado, a *fanfiction* me apresentou, de maneira bastante positiva, a discursos feministas e a representações de diferentes sexualidades e expressões de gênero, a ausência de personagens não-brancos era bem evidente, coisa que eu procurava ativamente, uma vez que também sentia falta desse tipo de representação na mídia tradicional. A ausência de uma visão crítica sobre classes sociais também me parecia evidente, fosse na glamourização de riqueza opulenta ou na representação da pobreza de maneira estereotipada, quando chegava a ser mencionada. Como alguém que buscava esse tipo de discussão nas *fanfictions*, essa falta me voltou à memória assim que comecei a ter contato com os livros e artigos acadêmicos sobre o gênero, constatando que minha experiência aparecia também em tais estudos.

Estudiosos do assunto colocam a fanfic como criadora de uma comunidade que dá liberdade para a escrita das experiências mais variadas. Lorente (2020) aponta, por exemplo, que há mais autoras mulheres no gênero, em oposição à publicação tradicional, dominada por homens. Já Burt (2017), propõe que a fanfic, e a comunidade construída ao seu redor, criam

³ <https://fanfiction.com.br/>

⁴ <https://www.spiritfanfiction.com/?locale=pt>

um senso de igualdade participativa (*participatory equality*), em que todos são bem-vindos a escrever.

Entretanto, há um número diminuto de trabalhos acadêmicos que versam sobre a etnicidade das pessoas que fazem parte dos *fandoms* e, conseqüentemente, escrevem fanfics (KOEHM, 2018). A classe social é ainda menos analisada, não chegando a ser sequer citada em diversos trabalhos que versam, especificamente, sobre as identidades dos autores e leitores de fanfic.

No Brasil, onde a etnicidade e classe social são pontos relevantes na constituição da população brasileira, constatar uma escassez de *fanfictions* que tratem de tais questões pode dizer bastante sobre quem tem acesso às fanfics e como se portam diante de assuntos conflituosos como racismo, xenofobia e classicismo. A decisão de deixar essas questões de lado pode ser, por exemplo, por despreparo para lidar com isso – justamente por não experienciarem esse tipo de problema – ou uma reação à pouca popularidade de fanfics com essas questões em seu enredo, priorizando ter leitores à trazer problemáticas que podem estar tão presentes nas vidas dos autores quanto questões de gênero e sexualidade.

Em uma pesquisa que se enquadra nos parâmetros da Linguística Aplicada Crítica, entender quais são as identidades dos autores e leitores de fanfic do “Spirit” e como elas aparecem, ou não, em seus trabalhos é bastante relevante. Seja em sala de aula, em debates políticos ou em algo feito por lazer, como é o caso da *fanfiction*, a língua é inerentemente política e está “[...] sempre relacionada a questões de *classe, raça, gênero, etnia, sexualidade* etc.” (FREITAS, 2012, p. 231), podendo contribuir tanto para a modificação de discursos hegemônicos quanto para mantê-los.

Inquirir sobre a representatividade relacionada à etnicidade e à classe social em um gênero como a fanfic é importante porque há língua em funcionamento em um ambiente que, em teoria, convida vozes de todos os tipos a participarem (BURT, 2017) e que atrai muitas pessoas jovens – muitas em seu primeiro contato com a escrita que vai além da escolar (VARGAS, 2005).

Levando esses pontos em consideração, a presente pesquisa volta-se para um objeto de estudo de interesse para os estudos contemporâneos dos letramentos. Propõe-se, então, uma pesquisa para compreender como as questões de gênero, sexualidade e, principalmente, etnicidade/raça e classe social são tratadas por leitores e autores de fanfics brasileiros do site

“Spirit”, assim como quais são suas preferências de leitura para o gênero, por meio de um questionário e entrevistas. Visa-se: I. investigar a presença de questões sobre etnicidade/raça e classe social nas fanfics do “Spirit” em comparação com a presença de questões sobre gênero/sexualidade, a partir do que as respostas do formulário apontam sobre a identidade dos leitores e, em especial, autores de fanfics e II. discutir a consolidação em trabalhos acadêmicos da *fanfiction* como um espaço de oposição clara à indústria literária canônica (LORENTE, 2020) e, conseqüentemente, mais aberto à diversidade. O objetivo é apontar como essa afirmativa não é universal, uma vez que se pense na ausência de questões sobre classe social e etnicidade em fanfics produzidas por jovens brasileiros do site “Spirit”.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro, a base teórica, visa apresentar os novos letramentos digitais, contextualizando a *fanfiction* dentro de tal classificação. Em seguida, há uma apresentação detalhada da fanfic, com sua definição e exploração dos temas de questões de gênero, sexualidade, classe social e etnicidade em *fanfictions*, além de uma descrição do site estudado, o "Spirit". O capítulo apresentará, também, outras pesquisas brasileiras que tiveram como objetivo (ou um de seus objetivos) descrever quem são os leitores e autores de fanfic brasileiros.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada, apresentando como os dados do formulário foram analisados e contextualizando a presente pesquisa na Linguística Aplicada Crítica.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação dos resultados, divididos em dois tópicos: a apresentação e análise dos dados do formulário e a apresentação e análise das entrevistas.

O quarto capítulo é dedicado à discussão de todos os resultados em relação às hipóteses que embasaram este trabalho, com o levantamento de hipóteses para os resultados relacionados à presença de questões sobre classe social e etnicidade nas fanfics, de acordo com o que foi indicado pelas experiências dos participantes

O quinto e último capítulo recapitula e conclui os pontos levantados no decorrer do trabalho.

Apesar de todas as limitações e possíveis problemas no gênero, a fanfic incentiva a leitura e a escrita em uma parcela dos jovens, com níveis diversos de complexidade e extensão para cada trabalho lido ou escrito. Afinal, como aponta Jamison (2017):

[...] as comunidades de fanfiction oferecem uma rede de apoio para escritores iniciantes de uma forma que nenhum empreendimento comercial poderia. Hoje, centenas de milhares de novos escritores – jovens, crianças – crescem escrevendo não no isolamento, mas com uma comunidade pronta de leitores e comentaristas que já adoram os personagens e o mundo sobre os quais escrevem. Isso é muito diferente. (p. 34)

Assim sendo, é produtivo refletir sobre representatividade em um ambiente virtual considerado tão progressivo, para entender quanta abertura há, de fato, para que todas as vozes marginalizadas falem e quantos desses autores sentem-se empoderados pela liberdade de expressão que a fanfic proporciona.

1. BASE TEÓRICA

1.1. Os novos letramentos digitais

Gee define letramento em relação ao Discurso⁵, a partir de uma perspectiva sociocultural:

Discursos são formas socialmente reconhecidas de usar a linguagem (leitura, escrita, fala, escuta), gestos e outras semióticas (imagens, sons, gráficos, signos, códigos), bem como formas de pensar, acreditar, sentir, valorizar, agir/fazer e interagir em relação às pessoas e às coisas, de modo que possamos ser identificados e reconhecidos como membros de um grupo socialmente significativo, ou como desempenhando um papel socialmente significativo (cf., Gee 1991, 1996, 1998).⁶ (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.3)

Além disso, Gee (1996) divide o Discurso em primário e secundário. O Discurso primário seriam as práticas aprendidas na família no começo de nossas vidas, moldando nossa visão de quem são as “pessoas como nós”, quais são seus valores, o que fazem etc. Apesar de poder variar em suas características de pessoa para pessoa, cada um tem apenas um Discurso primário. Já os Discursos secundários podem ser vários para cada pessoa, e são o que aprendemos participando de grupos e instituições, como o trabalho e a escola. Eles

[...] se baseiam e estendem os recursos do nosso Discurso primário, e podem estar "mais próximos" ou "mais longe" do nosso Discurso primário. Quanto mais distante um Discurso secundário estiver de nosso Discurso primário e de nossos outros Discursos secundários, como no caso de crianças de grupos sociais marginais que lutam para entender a cultura das salas de aula, mais temos que "esticar" nossos recursos discursivos para "executar" dentro desse discurso⁷. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.3 – traduzido pela pesquisadora)

Assim, para Gee (1996), o letramento é o domínio de um Discurso secundário. A linguagem é um elemento essencial nessa performance fluente, mas não é o único, uma vez que o letramento não é uma questão apenas de saber ler e escrever de uma maneira específica, mas de aplicar esse conhecimento em um contexto e com um objetivo em particular.

⁵ Gee usa “discurso” (com letra minúscula) para indicar que se refere somente à linguagem e “Discurso” (com letra maiúscula) como o que abarca a linguagem, mas vai além dela.

⁶ Discourses are socially recognized ways of using language (reading, writing, speaking, listening), gestures and other semiotics (images, sounds, graphics, signs, codes), as well as ways of thinking, believing, feeling, valuing, acting/doing and interacting in relation to people and things, such that we can be identified and recognized as being a member of a socially meaningful group, or as playing a socially meaningful role (cf., Gee 1991, 1996, 1998).

⁷ These all draw upon and extend our resources from our primary Discourse, and may be “nearer to” or “further away from” our primary Discourse. The further away a secondary Discourse is from our primary Discourse and our other secondary Discourses — as in the case of children from marginal social groups who struggle to get a handle on the culture of school classrooms — the more we have to “stretch” our discursive resources to “perform” within that Discourse.

É a partir dessa conceituação proposta por Gee, que Lankshear e Knobel elaboram a seguinte definição de letramento, a partir da qual desenvolvem a discussão sobre os novos letramentos digitais:

Assim, defendemos que os letramentos são “formas socialmente reconhecidas de gerar, comunicar e negociar conteúdos significativos por meio de textos codificados dentro de contextos de participação em Discursos (ou, como membros de Discursos)”⁸ (Lankshear and Knobel, 2006, 64). (KNOBEL; LANKSHEAR, p. 6, 2007 – traduzido pela pesquisadora)

Os novos letramentos digitais se distinguem dos letramentos de base impressa por terem novas técnicas (“new technical stuff”) e novo *ethos* (“new *ethos* stuff”). De acordo com Lankshear e Knobel, os casos paradigmáticos de novos letramentos precisam, necessariamente, ter novo *ethos* e técnica; a presença do novo *ethos*, somente, caracteriza o que eles chamam de casos periféricos e só as novas técnicas, a tecnologia, não são o suficiente para caracterizar um letramento como “novo”, uma vez que, sem o novo *ethos*, o que acontece é a replicação das práticas dos letramentos convencionais nas tecnologias digitais.

O importante nas novas técnicas é a tecnologia digital/eletrônica como espaço para a criação de diversos artefatos, requerendo do usuário um conhecimento básico de como mexer na interface do software em questão, o acesso à internet e a um aparelho eletrônico padrão. Assim, não é necessário ter um entendimento sofisticado de tecnologia para operar as novas técnicas – o que possibilita e potencializa o novo *ethos*.

Para Lankshear e Knobel, os novos letramentos digitais possuem um *ethos* mais

[...] “participativo”, “colaborativo” e “distribuído” do que os letramentos convencionais. Ou seja, eles são menos “publicados”, “individualizados” e “centrados no autor” do que os letramentos convencionais. Eles também são menos “dominados por especialistas” do que os letramentos convencionais. As regras e normas que os regem são mais fluidas e menos obedientes do que aquelas que normalmente associamos a letramentos estabelecidos.⁹ (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.9 – traduzido pela pesquisadora)

Esse novo *ethos* tem correlação com o fenômeno social da “fragmentação do espaço” (“*fracturing of space*”). Essa ideia emerge com o “ciberespaço”, um novo espaço que co-existe com o espaço físico. Nenhum desses espaços apaga ou é capaz de dispensar o outro.

⁸ Hence, our claim that literacies are “socially recognized ways of generating, communicating and negotiating meaningful content through the medium of encoded texts within contexts of participating in Discourses (or, as members of Discourses)

⁹ [...] “participatory,” “collaborative,” and “distributed” in nature than conventional literacies. That is, they are less “published,” “individuated,” and “author-centric” than conventional literacies. They are also less “expert-dominated” than conventional literacies. The rules and norms that govern them are more fluid and less abiding than those we typically associate with established literacies.

Existem dois tipos de mentalidade (*mindset*) nesse espaço dividido. A primeira é a mentalidade “físico-industrial” (“*physical-industrial*” *mindset*) e a segunda é a “ciberespacial-pós-industrial” (“*cyberspatial-postindustrial*” *mindset*), sendo essa última a mentalidade no novo *ethos*.

A mentalidade “físico-industrial” assume, de acordo com Lankshear e Knobel (2007), que o mundo se mantém o mesmo desde a era industrial, só que agora se tornou tecnológico de maneira sofisticada e nova. Assim, a economia, cultura, o mundo social em que essas novas tecnologias estão inseridas se manteria igual, regido por valores e pressupostos há muito em vigor.

Já a mentalidade “ciberespacial-pós-industrial” encara o mundo atual como muito diferente do de 50 anos atrás e continua mudando. Essa transformação teria ligação direta com as novas tecnologias e os novos jeitos de fazer e ser que elas possibilitam.

Lankshear e Knobel resumem, na seguinte tabela, as diferenças entre as duas mentalidades:

Figura 1 - Tabela traduzida sobre as duas mentalidades

Mentalidade 1	Mentalidade 2
<p>O mundo opera basicamente em princípios e lógicas físicos/materiais. O mundo é “centralizado” e hierárquico.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O valor funciona em função da escassez ● A produção é baseada em um modelo “industrial” <ul style="list-style-type: none"> ○ Produtos são artefatos materiais e <i>commodities</i> ○ A produção é baseada na infraestrutura e produção de unidades e centros (ex.: uma firma ou companhia) ○ Ferramentas são, em maioria, ferramentas de produção ● A pessoa individual é a unidade de produção, competência, inteligência ● A perícia e a autoridade são “localizadas” em indivíduos e instituições ● O espaço é fechado e tem um propósito em específico ● As relações sociais do “espaço do livro” prevalecem; é uma “ordem textual” estável 	<p>O mundo cada vez mais opera em princípios e lógicas não-materiais (ex.: ciberespaço) e pós-industriais.</p> <p>O mundo é “descentralizado” e “horizontal”.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O valor funciona em função da dispersão ● Visão “pós-industrial” da produção <ul style="list-style-type: none"> ○ Foco em influência e na participação não-finita ○ Ferramentas são, cada vez mais, tecnologias de mediação e relacionamento ● O foco é, cada vez mais, nos “coletivos” como unidades de produção, competência, inteligência ● A perícia e a autoridade são distribuídas e coletivas; peritos híbridos ● O espaço é aberto, contínuo e fluido ● As relações sociais do “espaço da mídia digital” em emergência é mais visível; textos em mudança

Fonte: KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.11

Na mentalidade “físico-industrial”, por exemplo, o livro é o texto paradigma. Já no ciberespaço contemporâneo, não há texto paradigma. Os tipos de textos são abertos à experimentação, hibridização, quebra de regras. As regras existem, claro, mas menos controladas e centralizadas em autoridades.

A proliferação de tipos e espaços textuais significa que há sempre um lugar para "ir", onde os "jeitos" de cada um serão aceitáveis, onde haverá liberdade para interagir e onde a ênfase tradicional na "credibilidade" está totalmente subordinada à busca de relacionamentos e à celebração da sociabilidade.¹⁰ (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.14 – traduzido pela pesquisadora)

Na segunda mentalidade, o novo *ethos*, também se rompe com a noção de autoria. A criação é encarada como coletiva e horizontal, com menos relações hierárquicas em relação à distribuição de conhecimento.

Os autores apontam, ainda, que essa diferença de mentalidades pode ser encontrada entre a Web 1.0 e a Web 2.0. A primeira geração da Web tem muita semelhança com a mentalidade industrial, com uma forte divisão entre produtor e consumidor. Essa característica se dissolve na Web 2.0, em que há menos ênfase em entregar produtos finalizados, nascidos de expertise centralizada em profissionais, e mais em buscar uma inteligência coletiva. Um exemplo disso é a criação da Wikipédia, que usa da

[...] inteligência coletiva para a produção de conhecimento em domínio público. Considerando uma enciclopédia "oficial" é elaborada sobre o princípio da contratação de peritos reconhecidos para redigir inscrições sobre temas designados e que as entradas recolhidas são formalmente publicadas por uma empresa, as entradas da Wikipédia são escritas por qualquer pessoa que queira contribuir com seu conhecimento e compreensão e são editadas por qualquer outra pessoa que pense que pode melhorar o que já está lá.¹¹ (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.17 – traduzido pela pesquisadora)

Nesse contexto, a *fanfiction* também é usada como um exemplo típico, um caso paradigmático, enquadrando-se nas práticas que caracterizam os novos letramentos. Tais

¹⁰ The sheer proliferation of textual types and spaces means there is always somewhere to “go” where one’s “ways” will be acceptable, where there will be freedom to engage them, and where traditional emphases on “credibility” are utterly subordinated to the pursuit of relationships and the celebration of sociality.”

¹¹ [...] collective intelligence for knowledge production in the public domain. Whereas an “official” encyclopedia is produced on the principle of recognized experts being contracted to write entries on designated topics, and the collected entries being formally published by a company, Wikipedia entries are written by anyone who wants to contribute their knowledge and understanding and are edited by anyone else who thinks they can improve on what is already there.

características corroboram para se pensar na fanfic como um gênero aberto à inovação e ao que foge do que é considerado normalidade:

[...] quanto mais uma prática de letramento privilegia a participação sobre a publicação, a especialização distribuída sobre a especialização centralizada, a inteligência coletiva sobre a inteligência possessiva individual, a colaboração sobre a autoria individual, a dispersão sobre a escassez, a partilha sobre a propriedade, experimentação sobre "normalização", inovação e evolução sobre estabilidade e fixidez, quebra de regra criativa-inovadora sobre pureza genérica e policiamento, relacionamento sobre transmissão de informação e assim por diante, mais devemos considerá-la como um "novo" letramento.¹² (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 21 – traduzido pela pesquisadora)

1.2. *Fanfiction* – definição e potencialidades

A origem da fanfic é um tópico um tanto incerto; as *fanfictions* poderiam ter nascido com a criação de histórias sobre Sherlock Holmes, depois de Arthur Conan Doyle ter matado o personagem, e há autores que supõem origens ainda mais anteriores (HELLEKSON; BUSSE, 2014; JAMISON, 2017). Contudo, o início oficial do que conhecemos como fanfic atualmente são os anos 60, com a explosão da cultura pop e de um show específico: Star Trek. Nas convenções sobre o programa, fãs produziam *zines* com histórias próprias, baseadas no programa.

De acordo com Stephen Duncombe (1997), "zines são revistas não comerciais, não profissionais, de pequena circulação que seus criadores produzem, publicam e distribuem por si mesmos" (como citado na *Propergenderpress*). Um desses primeiros fanzines foi *Spockanalia*, com um total de cinco edições, sendo a primeira edição impressa em 1967 e a última em 1970. O fanzine incluiu trabalhos que vão desde contos, roteiros, estudos do universo de Star Trek e seus personagens, poemas, canções e até histórias em quadrinhos.¹³ (LORENTE, 2020, p.4 – traduzido pela pesquisadora)

A definição mais usual de *fanfiction* (traduzida, literalmente, como “ficção de fã”) caracteriza-a como um gênero amplo e essencialmente digital, que se desenvolve a partir de uma outra obra — ou seja, trata-se de uma história criada com base em uma outra narrativa. Esse conceito, apesar de apontar corretamente a ligação do gênero com a tecnologia, não engloba tudo o que a fanfic pode ser: há *fanfictions* sobre pessoas reais, celebridades e até

¹² [...] the more a literacy practice privileges participation over publishing, distributed expertise over centralized expertise, collective intelligence over individual possessive intelligence, collaboration over individuated authorship, dispersion over scarcity, sharing over ownership, experimentation over “normalization,” innovation and evolution over stability and fixity, creative-innovative rule breaking over generic purity and policing, relationship over information broadcast, and so on, the more we should regard it as a “new” literacy.

¹³ According to Stephen Duncombe (1997), “zines are non-commercial, nonprofessional, small-circulation magazines which their creators produce, publish and distribute by themselves” (as cited in *Propergenderpress*). One of those first fanzines was *Spockanalia*, with a total of five issues, the first issue being printed in 1967 and the last in 1970. The fanzine included works ranging from short stories, scripts, studies of the Star Trek universe and its characters, poems, songs and even comic strips.

classificadas como originais – muitos sites de fanfic, inclusive, possuem uma categoria para *fanfictions* assim.

Fanfic é, como aponta Jamison (2017), escrita experimental, sempre mudando. O que se entende como uma fanfic interativa em uma lado da internet pode ser o oposto do que se entende em outro. No “Spirit”, por exemplo, *fanfictions* interativas tem um formato bastante conhecido: os autores criam uma história e a deixam preparada para receber os personagens que os leitores mandarão. Os autores disponibilizam fichas para serem preenchidas pelos leitores e, baseados nelas, escolhem quem fará parte do elenco daquela narrativa, geralmente tendo um número de vagas a serem preenchidos. Algumas interativas deixam que os leitores votem e escolham os destinos dos personagens, outras não, deixando bem claro que o que acontece com o personagem enviado pelo leitor depende da vontade do autor, apenas – e, quem sabe, se o leitor em questão comenta ou não nos capítulos da história. Em outros sites – e mesmo em certos fandoms do próprio “Spirit” – pode ser diferente. Por isso a dificuldade em ter uma definição que englobe todos os formatos que a fanfic toma.

Anne Jamison (2017) levanta dois pontos importantes que ajudam a pensar em uma definição de *fanfiction* que condiz melhor com o que se encontra nos sites do gênero: a fanfic como um trabalho publicado sem a intenção de gerar lucro e como uma prática que permite escrever “[...] histórias para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também.” (JAMISON, p. 49, 2017).

Como um novo letramento, a fanfic apresenta um caráter comunitário, criando um processo de leitura – e de escrita, em certa medida – muito menos solitário do que encontra-se em publicações tradicionais. Assim, a definição elaborada por Hellekson e Busse (2006) de *fanfiction* como “expressões artísticas de fãs” criadas em comunidade, em coletivo, de maneira digital, engloba bem melhor a diversidade de tipos de fanfic. Além disso, a escrita de *fanfiction* está atrelada à reconstrução/recriação/reinterpretação (KOEHM, 2018) seja de obras diversas – como apontado na primeira definição do gênero, vista anteriormente – ou das personas de celebridades que, mesmo sendo pessoas reais, acabam virando ponto para invenção (ARROW, 2017). No caso das fanfics originais, essa definição tem relação com a comunidade construída ao redor dos sites em que a história será publicada. Escrever, mesmo que algo original, para a publicação tradicional e para sites de *fanfiction* é bastante diferente.

É importante evidenciar o papel essencial da comunidade quando se trata de *fanfiction*, pois é justamente nela que reside o diferencial e a grande potência da fanfic. O

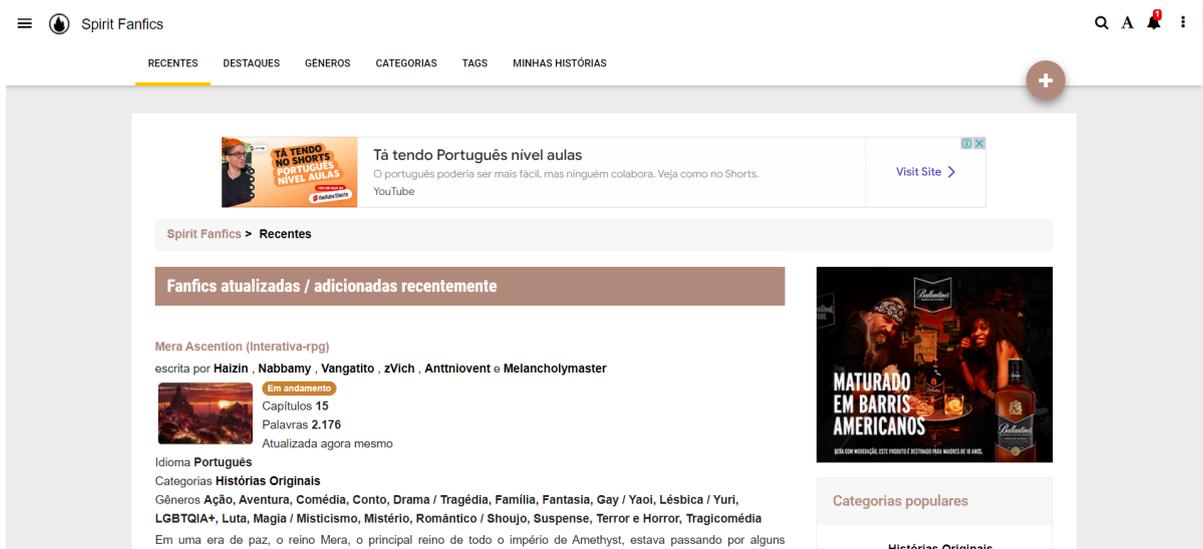
caráter voluntário, sem visar o lucro, também é relevante; além de leitores e autores, os fãs também se colocam como revisores (é comum que autores de fanfic tenha *beta readers*, que lêem e corrigem seus trabalhos antes de serem publicados no site) e comentadores das histórias. A comunidade trabalha em prol de si mesma. Mais do que isso, a fanfic “[...] borra várias divisórias que nós (equivocadamente) achávamos que eram estáveis: entre leitura e escrita, consumo e criação, todo tipo de gêneros, autores e críticos, trabalhos derivativos e transformativos.” (JAMISON, 2017, p. 20).

1.2.1. O “Spirit Fanfics e Histórias”: como o site funciona

O “Spirit” se estrutura de maneira bastante parecida com a maioria dos sites de fanfic. Há uma página inicial, em que o usuário pode encontrar *fanfictions* recentemente postadas. Além de pesquisar por fanfics na barra de pesquisa específica, pode-se, também, procurar nas categorias, gêneros e tags. As categorias e gêneros são fixos, devendo obedecer a tópicos pré-estabelecidos pelo site – toda fanfic deve ser classificada dentro de um ou mais gêneros e dentro de uma ou mais categorias. Já as tags são opcionais e podem ser qualquer marcação que o autor quiser atrelar à sua história, escritas livremente, sem categorias pré-estabelecidas, facilitando que o leitor encontre uma história de um casal ou tema específico, por exemplo.

Há também a aba de destaques, onde ficam as fanfics marcadas por algum dos administradores do site por serem excepcionais em algum aspecto. Essa é uma maneira de divulgar histórias para pessoas de fandoms diferentes e reconhecer usuários por trazer boas representações, temas ou estilo de escrita para o site.

Figura 2 – Visão da *homepage* do “Spirit”



Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGORIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

Tá tendo Português nivel aulas
O português poderia ser mais fácil, mas ninguém colabora. Veja como no Shorts.
YouTube Visit Site

Spirit Fanfics > Recentes

Fanfics atualizadas / adicionadas recentemente

Mera Ascension (Interativa-rpg)
escrita por Haizin, Nabbamy, Vangatito, zVich, Antniovent e Melancholymaster

Em andamento
Capítulos 15
Palavras 2.176
Atualizada agora mesmo

Idioma Português

Categorias **Histórias Originais**
Gêneros Ação, Aventura, Comédia, Conto, Drama / Tragédia, Família, Fantasia, Gay / Yaoi, Lésbica / Yuri, LGBTQIA+, Luta, Magia / Misticismo, Mistério, Romântico / Shoujo, Suspense, Terror e Horror, Tragicomédia

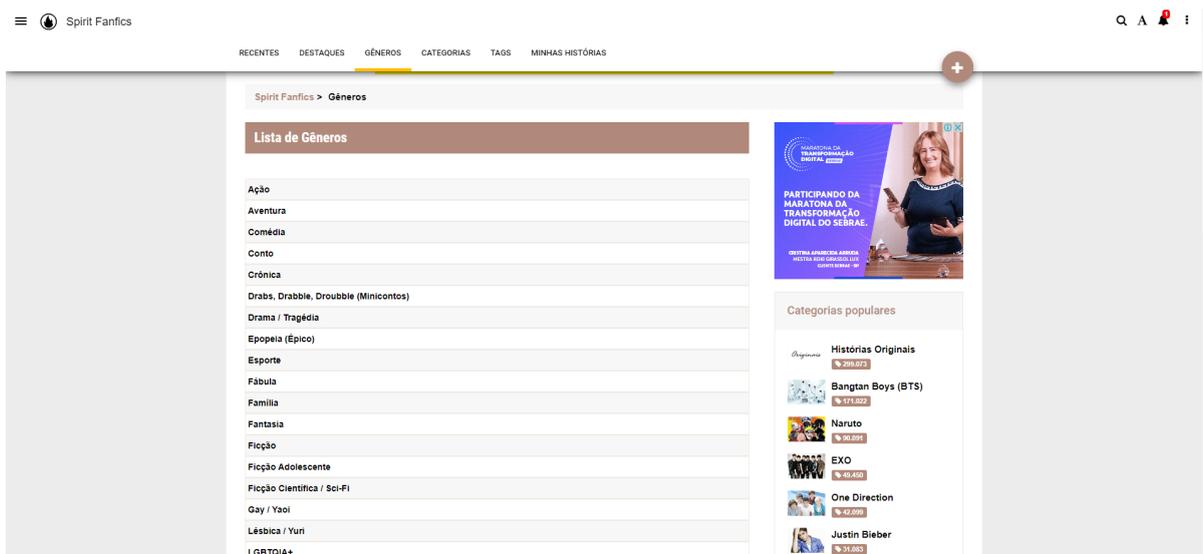
Em uma era de paz, o reino Mera, o principal reino de todo o império de Amethyst, estava passando por alguns

Categorias populares

Histórias Originais

Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

Figura 3 – Página com a lista de gêneros em que as fanfics são classificadas no “Spirit”



Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGORIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

Spirit Fanfics > Gêneros

Lista de Gêneros

Ação
Aventura
Comédia
Conto
Crônica
Drabs, Drabble, Droubble (Minicontos)
Drama / Tragédia
Epopéia (Épico)
Esporte
Fábula
Família
Fantasia
Ficção
Ficção Adolescente
Ficção Científica / Sci-Fi
Gay / Yaoi
Lésbica / Yuri
LGBTQIA+

Participando da maratona da transformação digital do SEBRAE.

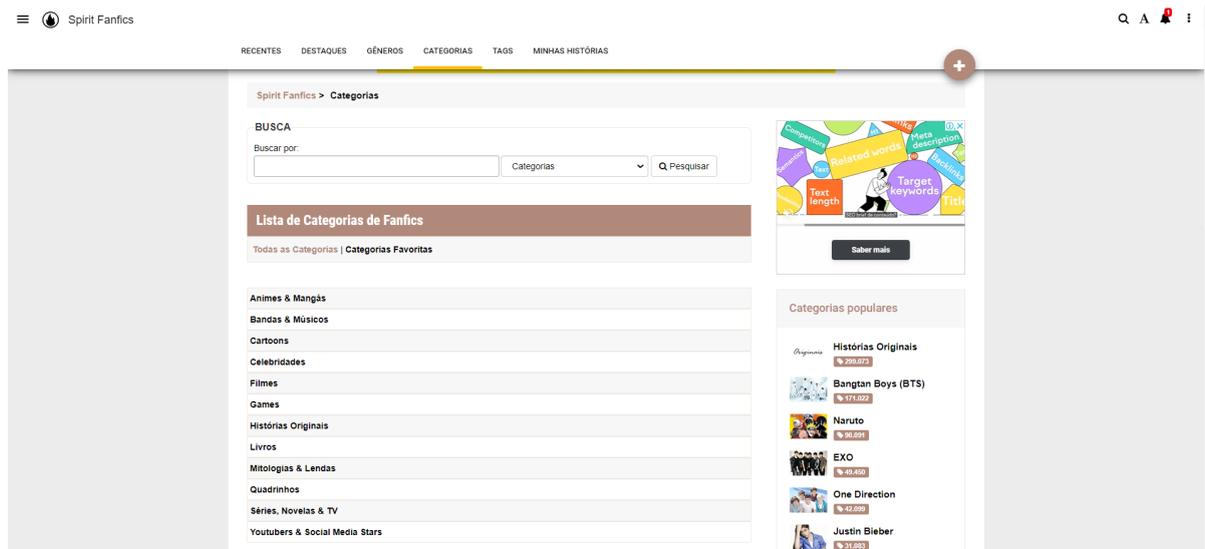
Categorias populares

Histórias Originais

Bangtan Boys (BTS)
Naruto
EXO
One Direction
Justin Bieber

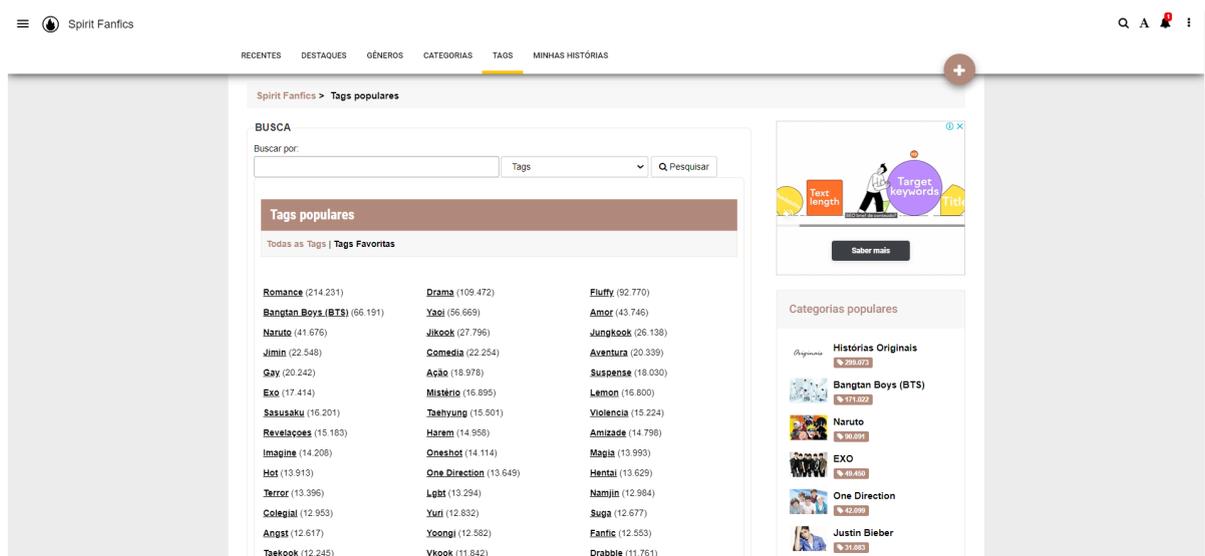
Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

Figura 4 – Página com a lista de categorias em que as fanfics são classificadas no “Spirit”



Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

Figura 5 – Página com as tags com que uma fanfic pode ser classificada no “Spirit”



Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

As histórias em si tem uma interface bastante intuitiva. Todas as histórias possuem título, os autores que participaram – podendo-se adicionar quantos co-autores quanto se quiser –, uma sinopse da narrativa, uma capa – opcional, mas geralmente é utilizada por ser mais uma maneira de chamar a atenção do leitor –, as informações da narrativa – como a data da última atualização, número de palavras etc –, o aviso legal que deve aparecer em todas as histórias, obrigatoriamente, junto com a classificação indicativa e a lista dos capítulos postados.

Figura 3 - Página de visão geral de uma fanfic do "Spirit"

Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGORIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

Spirit Fanfics > Um Conto de Fadas e Maldições

História Um Conto de Fadas e Maldições

Escrita por: **Callyope** Adicionar à lista



ZATTINI 8%

2 Favoritos

Atualizações

Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGORIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

Sinopse:

Elitora se encontra presa em uma vida miserável, trabalhando sem descanso para sua madrastra e meia-irmãs. Filha de uma relação inter-racial, Ela se vê sem coragem de revidar os abusos que sofre, por medo da retaliação que receberá tanto em casa quanto na sociedade. Com o passar do tempo, o conselho de ter "coragem e ser gentil" que recebeu de sua mãe anos antes parece não ser suficiente para suportar o que vive todos os dias.

Cassian, o príncipe do reino, ficou cego anos antes e, por uma crença geral de que a justificativa para isso seria uma maldição, teve o casamento com a princesa do reino vizinho, planejado há tempos, desfeito. Para resolver esse problema repentino, o rei decide organizar um baile, em que o príncipe deverá escolher sua futura esposa, mesmo que a ideia lhe pareça ridícula.

Com ajuda de magia ou não, o baile é a grande chance dos dois encontrarem seus finais felizes, um no outro e dentro de si mesmos.

Iniciado em 13/08/2020 12:33
Atualizada em 13/08/2020 12:44
Idioma **Português**
Visualizações **85**
Favoritos **2**
Comentários **1**
Listas de leitura **3**
Palavras **8.081**
Concluído **Sim**
Categorias **Cinderela**

julinhapo
Favoritei a história
em 11/12/2020 00:57

Grazitae
Favoritei a história
em 15/08/2020 02:27

Callyope
Adicionei um novo capítulo
em 13/08/2020 12:44

• Veja todas as Atualizações

Callyope
Usuário
Ver meus posts

3 Histórias 287 Seguidores

Spirit Premium
Adicione histórias offline ilimitadas, sem anúncios, envio

Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGORIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

L LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS
Gêneros **Fantasia, Magia / Misticismo, Romântico / Shoujo**

Aviso legal
Alguns dos personagens encontrados nesta história e/ou universo não me pertencem, mas são de propriedade intelectual de seus respectivos autores. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos criada de fã e para fã sem comprometer a obra original.

Lista de Capítulos

Capítulo	Palavras
1 Elitora. em 13/08/2020 12:39 0 comentários 17 visualizações	1.829
2 Cassian. em 13/08/2020 12:41 0 comentários 12 visualizações	1.132
3 O Baile. em 13/08/2020 12:42 0 comentários 11 visualizações	3.477
4 O Final Feliz. em 13/08/2020 12:44 1 comentários 15 visualizações	1.643

Outras histórias de Callyope

Sabe o que é isso aqui? Humanidade.

Uma tolice pequena.

Spirit Premium
Adicione histórias offline ilimitadas, sem anúncios, envio maiores de imagens e símbolo de usuário premium.
BAIXE O APP E ASSINE

Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

Nos capítulos em si, além do texto principal, há espaço para que o autor faça notas iniciais e finais, havendo, no final da página, o espaço para que o leitor deixe um comentário, podendo ler os comentários de outras pessoas, também.

Figura 4 - Capítulo de uma fanfic do "Spirit"

Spirit Fanfics

RECENTES DESTAQUES GÊNEROS CATEGÓRIAS TAGS MINHAS HISTÓRIAS

Spirit Fanfics > Um Conto de Fadas e Maldições > **Ellora.**

História Um Conto de Fadas e Maldições - Ellora.

Escrita por: **Callyope** Adicionar à lista

Notas do Autor

Primeiro de tudo, tenho que agradecer à @neoclassica por essa capa lindíssima!

Bom, essa história surgiu da leitura de vários posts que tentavam explicar porque o príncipe não podia reconhecer a Cinderela pelo rosto, ter assistido a versão de 1997 de Cinderella e uma certa vontade de escrever mulheres negras em dramas históricos, heh.

Espero que gostem!

Capítulo 1 - Ellora.

"Era uma vez uma fada.

Ela era poderosa e bela. Costumavam dizer que era protegida do Sol, e seu vestido dourado, pele escura e
luminosa e cabelos trançados com fios de um realmante nomeavam com essa criança

2 Favoritos

Atualizações

Julinhapo

GOSTOU DA HISTÓRIA? COMPARTILHE!

<http://fics.me/20193288> Tweetar 0 Curtir

</> Divulgar História Compartilhar no Facebook

GOSTOU? DEIXE SEU COMENTÁRIO!

Muitos usuários deixam de postar por falta de comentários, estimule o trabalho deles, deixando um comentário.

4000 Caracteres disponíveis

Enviar Comentário

1 Comentários

Fonte: *printscreen* realizado pela autora.

1.2.2. Fanfic como espaço feminino e *queer*: a presença das questões de sexualidade e gênero

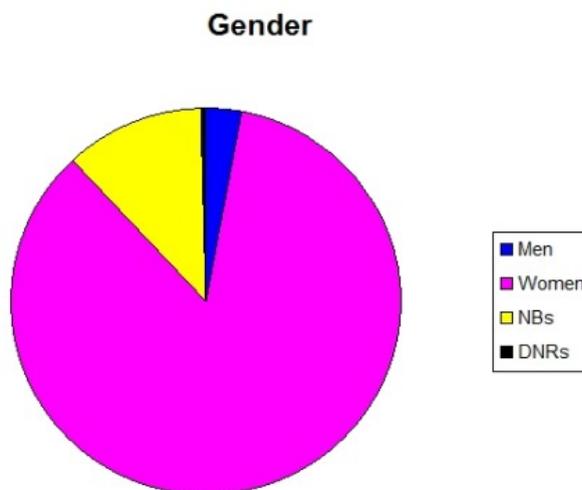
Além do caráter comunitário, a fanfic tem sido encarada pelos trabalhos acadêmicos (LORENTE, 2020; KOEHM, 2018; BUSSE, 2017) como um espaço em que vozes

marginalizadas podem ter visibilidade. Originalmente, a comunidade da *fanfiction* era composta em sua grande maioria por mulheres, em uma clara oposição à indústria literária canônica, historicamente dominada por homens:

Desde seus primórdios, a ficção de fãs de mídia tem sido uma empreitada feminina, se não feminista. Situamos os primórdios da *fanfiction* midiática com o fanzine mimeografado de 1967 *Spockanalia*, editado e contendo ficção e não ficção por mulheres (Coppa 2006a).¹⁴ (HELLEKSON; BUSSE, p. 75, 2014 – traduzido pela pesquisadora)

Atualmente, com a expansão da comunidade e o fato de os usuários poderem se manter anônimos, é um pouco mais complexo afirmar que mulheres dominam o gênero. Contudo, de acordo com o censo do site de *fanfictions* “AO3” (*Archive of Our Own*), realizado pela usuária do Tumblr *centrumlumina* em 2013, a comunidade da fanfic ainda é composta majoritariamente por mulheres e pessoas *queer*.

Figura 2 - Gráfico sobre o gênero dos participantes do censo do “AO3”¹⁵



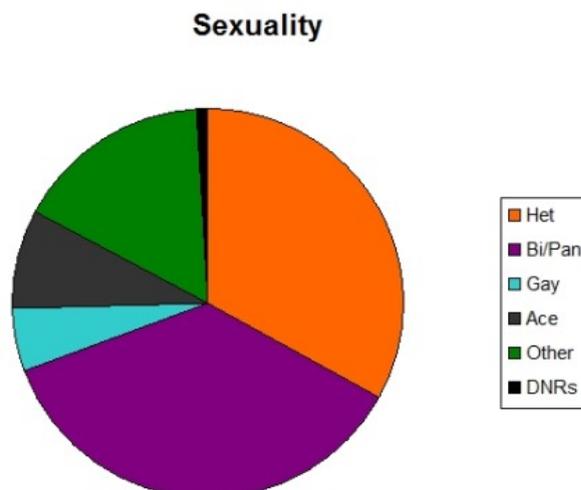
Fonte: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/94545453362/gender-identity-and-categorisation-this-data-is>

Figura 3 - Gráfico sobre a sexualidade dos participantes do censo do “AO3”¹⁶

¹⁴ From its very beginnings, media fan fiction has been a female, if not feminist, undertaking. We place the beginnings of media fan fiction with the 1967 mimeographed fan zine *Spockanalia*, edited by and containing fiction and nonfiction by women (Coppa 2006a).

¹⁵ O gráfico se refere, na ordem da legenda na imagem, a homens (incluindo homens trans), mulheres (incluindo mulheres trans), não-binários e não respondentes.

¹⁶ O gráfico se refere, na ordem da legenda na imagem, a heterossexuais, bi/panssexuais, gays, assexuais, outros e não respondentes.



Fonte: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/94549837169/sexuality-identities-and-categorisation-this-data>

Esse cenário demográfico da fanfic é bastante diferente do que encontramos na publicação e no mercado literário tradicional, como mostrou um trabalho realizado pela Universidade de Brasília (UnB), que analisou publicações das principais editoras nacionais entre 1965 e 2014. De acordo com eles:

[...] os autores brasileiros são homens (70%), brancos (90%) e paulistas ou cariocas (50% do total). Os personagens retratados também são os mais próximos da realidade desses autores: os protagonistas são homens (60%), brancos (80%), heterossexuais (90%). Quando o negro é personagem (6,2% dos romances publicados entre 2004 e 2014), 4,5% deles protagonizaram as histórias e a maioria (obras de 1990 a 2014) desenvolvia ocupação de bandido, empregado doméstico, escravo, profissional do sexo e dona de casa. (JÚNIOR, 2021)

Nos últimos anos, não englobados na pesquisa realizada pela UnB, houve um aumento na diversidade da literatura infanto-juvenil e jovem adulta, principalmente por meio da publicação independente (CASTRO, 2022; SCHREINER, 2022). O cenário ainda está longe de ser ideal, contudo, com vários autores recorrendo à publicação independente para poder contar as histórias que desejam em um mercado que ainda não está completamente aberto a elas.

Henry Jenkins (2014) aponta que o que é publicado espelha quem está por trás da produção, sendo que quem fica de fora “[...] tem seus interesses culturais deslegitimados em favor dos interesses comerciais de autores autorizados.¹⁷” (p. 27 – traduzido pela pesquisadora). É relevante, então, que os autores e leitores de *fanfiction* sejam compostos por

¹⁷ [...] their cultural interests are delegitimized in favor of the commercial interests of authorized authors.

um grupo diversificado de pessoas, o que reflete no que produzem. Há, inclusive, muitos trabalhos acadêmicos sobre por que a *fanfiction* é um “território tão feminino”. Kristina Busse (2017) aponta, por exemplo, que a grande maioria da mídia é produzida tendo homens brancos heterossexuais como espectador alvo, por isso eles

[...] muitas vezes não sentem a necessidade de transformar os mundos fictícios que lhes são oferecidos porque são seu alvo principal: os pontos de vista dos personagens que acompanhamos são, frequentemente, homens brancos heterossexuais, os personagens sexualmente objetivados tendem a ser mulheres jovens e os homens tendem a ter mais falas e mais agência em geral.¹⁸ (BUSSE, p.189, 2017 – traduzido pela pesquisadora)

Como um trabalho de reimaginação que nasce, muitas vezes, da frustração com uma obra, faz sentido que os menos ou pior representados na grande mídia sejam os que se voltem à fanfic em busca de algo mais condizente com suas vivências e ideais. Assim, não é surpresa que não só os personagens quanto as narrativas tratem de gênero e sexualidade com muita frequência – sendo apontada como o ponto principal da fanfic por alguns autores como Koehm: “Ainda que a fanfiction possa ter enredos intrincados, seu foco primário está na caracterização e relacionamentos, que são frequentemente românticos ou sexuais.¹⁹” (p. 5, 2018 – traduzido pela pesquisadora) e Jamison:

É importante notar que a fic cada vez mais oferece um espaço onde gênero, como a sexualidade, não é um fenômeno e as divergências, ou mesmo rebeliões de gêneros e sexuais, há muito fazem parte da história da fic. A fanfiction transforma hipóteses que a cultura mainstream rotineiramente faz sobre gênero, sexualidade, desejo e em que grau queremos que elas se encaixem. (p. 33, 2017)

Há trabalhos dos mais diversos tipos sobre essas questões. Muito se pesquisa sobre as subversões em relação à sexualidade e ao gênero que nascem na fanfic, que com frequência antecedem discussões na grande mídia e chegam ao tabu (JAMISON, 2017; SACHS, 2019). Também há bastante pesquisa sobre a importância dessa abertura para quem lê e escreve, pois encontrou-se um lugar e uma comunidade que permite explorar tanto possibilidades literárias quanto experimentar e entender sua própria identidade. Um exemplo disso pode ser encontrado no relato de Katie Forsythe, em entrevista a Anne Jamison:

Eu tive uma formação católica muito conservadora – estava cheia com todo tipo de questões sexuais e bissexuais sem realmente perceber, gênero e homossexualidade eram um espectro que nunca analisei muito de perto. Enquanto isso, eu sou uma garota pequena de aparência superfeminina [...], e slash²⁰ era uma forma de

¹⁸ these viewers often do not feel the need to transform the fictional worlds they are offered because they are their prime target: the point-of-view characters are more often than not straight white men, the sexually objectified characters tend to be young women, and men tend to have more lines and more agency in general.

¹⁹ While fanfiction can have intricate plots, its primary focus is on characterization and relationships, which are often romantic or sexual

²⁰ Slash é um subgênero da fanfic, focado na relação sexual entre dois personagens.

descarregar muita angústia e conflito pessoal. (FORSYTHE *in* JAMISON, p. 75, 2017)

1.2.3. Quão diverso é o espaço da fanfic?: a ausência de questões de etnicidade e classe social

É possível perceber que há um consenso entre estudiosos da *fanfiction* sobre a diversidade que o gênero gera e atrai, seja nos temas das histórias, caracterização dos personagens ou na própria identidade dos leitores e autores, que buscam na fanfic o que falta em outros lugares. Lorente (2020) resume bem esse pensamento:

A maior parte da *fanfiction* é sobre a exploração do que não é dito, que faz parte da revisão e reinterpretação do texto original, mas também é sobre o que foi ignorado e rejeitado na mídia. Ao introduzir tópicos que são considerados tabu na publicação tradicional e ao explorar "a mutabilidade e variação dessas identidades" (Koehm, 2018, p. 16), tanto escritores quanto leitores podem achar que a *fanfiction* "valida sua própria luta" (p. 27). Ao todo, uma grande parte da *fanfiction* é sobre encontrar representação e validação de sua própria identidade e experiência.²¹ (p.12 – traduzido pela pesquisadora)

Contudo, embora haja tantos artigos sobre o assunto e abertura para tratar de questões relacionadas a gênero e sexualidade, o mesmo não acontece com questões raciais e muito menos questões relacionadas a classes sociais, nem mesmo citadas na maioria dos trabalhos que versam sobre a relação entre fanfic e diversidade:

Há muito pouca erudição sobre raça e fandom de mídia. Embora os estudiosos pareçam constantemente preocupados com o gênero e a sexualidade dos fãs, pouca atenção tem sido dada à raça dos fãs, exceto para afirmar que a maioria deles é branca (Jenkins 1192, Busse 2017).²² (KOEHM, p. 47, 2018 – traduzido pela pesquisadora)

Entender porque algo assim acontece em um ambiente tão conhecido por oferecer boa representatividade é complexo, mas importante. Jamison (2017) levanta a possibilidade de ser um conflito de interesses, dos objetivos que as pessoas têm ao escrever e ler fanfic; se o fazem por diversão, então talvez faça sentido que queiram ficar longe de discussões sobre raça, afinal “[...] falar de questões raciais não chega nem perto de ser tão divertido quanto falar de sexo” (p. 330), e questões de gênero e sexualidade dão abertura para esse último com muita facilidade. Entretanto, da mesma maneira que nem toda fanfic que trate de gênero e

²¹ Most *fanfiction* is about the exploration of what is left unsaid, which is part of the revision and reinterpretation of the original text, but it is also about what has been ignored and rejected in media. By introducing topics that are considered taboo in traditional publishing and by exploring “the mutability and variation of these identities” (Koehm, 2018, p. 16), both writers and readers might find that *fanfiction* “validates their own struggle” (p. 27). In all, a big part of *fanfiction* is about finding representation and validation of your own identity and experience.

²² There is very little scholarship concerning race and media fandom. While scholars seem perennially concerned with the gender and the sexuality of fans, little attention has been given to the race of fans, except to claim that most of them are white (Jenkins 1192, Busse 2017).

sexualidade vai abordar machismo ou homofobia, por exemplo, nem toda fanfic que aborde raça precisa trazer a discriminação racial para seu enredo. Reimaginar um personagem com outra identidade de gênero ou sexualidade, sem que isso tenha repercussão negativa alguma na história é bastante comum. Quando se trata de raça, contudo, esse exercício de recharacterização raramente acontece.

Tal ausência fica evidente nos levantamentos sobre os 100 *ships* (abreviação de *relationship*, ou seja, os relacionamentos românticos/sexuais) mais populares daquele ano no site de fanfics “AO3”. Os levantamentos são feitos desde 2013, constando o nome dos participantes do *ship*, a qual fandom pertencem, número de fanfics escritas sobre o *ship* naquele ano, tipo de fanfic e raça dos personagens envolvidos. Abaixo constam os 40 primeiros colocados dos anos de 2020, 2021 e 2022:

Figura 4 - *Ships* mais populares de 2020

Rank	Change	Pairing	Fandom	Works	Type	Race
1		0 Castiel/Dean Winchester	Supernatural	84563	M/M	White
2		0 Sherlock Holmes/John Watson	Sherlock (TV)	61544	M/M	White
3		0 Derek Hale/Stiles Stilinski	Teen Wolf (TV)	59286	M/M	White
4		0 James "Bucky" Barnes/Steve Rogers	Captain America (Movies)	49659	M/M	White
5		0 Draco Malfoy/Harry Potter	Harry Potter - J. K. Rowling	40312	M/M	White
6		1 Steve Rogers/Tony Stark	The Avengers (Marvel Movies)	36264	M/M	White
7		-1 Harry Styles/Louis Tomlinson	One Direction (Band)	33126	M/M	White
8		0 Keith/Lance (Voltron)	Voltron: Legendary Defender	30317	M/M	Amb/POC
9		50 Aziraphale/Crowley (Good Omens)	Good Omens (TV)	28208	M/M	White
10		-1 Dean Winchester/Sam Winchester	Supernatural	27696	M/M	White
11		0 Magnus Bane/Alec Lightwood	Shadowhunters (TV)	24787	M/M	Whi/POC
12		-2 Katsuki Yuuri/Victor Nikiforov	Yuri!!! on Ice (Anime)	24333	M/M	Whi/POC
13		0 Jeon Jungkook/Kim Taehyung V	Bangtan Boys BTS	23339	M/M	POC
14		15 Rey/Ben Solo Kylo Ren	Star Wars Sequel Trilogy	21306	F/M	White
15		-1 Min Yoongi Suga/Park Jimin	Bangtan Boys BTS	19851	M/M	POC
16		4 Adrien Agreste Chat Noir/Marinette Dupain-Cheng Ladybug	Miraculous Ladybug	19631	F/M	Whi/POC
17		-5 Merlin/Arthur Pendragon (Merlin)	Merlin (TV)	18688	M/M	White
18		7 Jeon Jungkook/Park Jimin	Bangtan Boys BTS	17867	M/M	POC
19		0 Sirius Black/Remus Lupin	Harry Potter - J. K. Rowling	17686	M/M	White
20		-5 Sherlock Holmes & John Watson	Sherlock (TV)	17417	Gen	White
21		0 Pepper Potts/Tony Stark	Marvel Cinematic Universe	17384	F/M	White
22		18 Peter Parker & Tony Stark	Marvel Cinematic Universe	17366	Gen	White
23		-7 Dan Howell/Phil Lester	Phandom/The Fantastic Foursome (YouTube RPF)	17316	M/M	White
24		-6 Will Graham/Hannibal Lecter	Hannibal (TV)	17257	M/M	White
25		21 Bakugou Katsuki/Midoriya Izuku	Boku no Hero Academia My Hero Academia	16824	M/M	POC
26		-3 Kim Namjoon RM/Kim Seokjin Jin	Bangtan Boys BTS	16682	M/M	POC
27		-10 Blaine Anderson/Kurt Hummel	Glee	16175	M/M	Whi/POC
28		24 Bakugou Katsuki/Kirishima Eijirou	Boku no Hero Academia My Hero Academia	15375	M/M	POC
29		-5 Erik Lehnsherr/Charles Xavier	X-Men (Alternate Timeline Movies)	14736	M/M	White
30		-8 Levi/Eren Yeager	Shingeki no Kyojin Attack on Titan	14304	M/M	White
31		22 Midoriya Izuku/Todoroki Shouto	Boku no Hero Academia My Hero Academia	14073	M/M	POC
32		-2 Keith/Shiro (Voltron)	Voltron: Legendary Defender	13925	M/M	Amb/POC
33		-5 Armitage Hux/Ben Solo Kylo Ren	Star Wars Sequel Trilogy	13475	M/M	White
34		-8 Gabriel/Sam Winchester	Supernatural	13166	M/M	White
35	N	Lán Zhàn Lán Wángji/Wèi Yīng Wèi Wúxiàn	魔道祖师 - 墨香铜臭 Módào Zūshi - Mòxiāng Tóngxiù	13132	M/M	POC
36		14 Kara Danvers/Lena Luthor	Supergirl (TV 2015)	13048	F/F	White
37		-10 Jensen Ackles/Jared Padalecki	Supernatural RPF	13046	M/M	White
38		-7 Loki/Thor (Marvel)	Thor (Movies)	12863	M/M	White
39		-6 Bellamy Blake/Clarke Griffin	The 100 (TV)	12750	F/M	Whi/POC
40		2 Jung Hoseok J-Hope/Min Yoongi Suga	Bangtan Boys BTS	12668	M/M	POC
41		-6 Evil Queen Regina Mills/Emma Swan	Once Upon a Time (TV)	12286	F/F	Whi/POC

Fonte: <https://archiveofourown.org/works/25671457/chapters/62325097>

Figura 5 - *Ships* mais populares de 2021

Rank	Change	Relationship	Fandom	Works	Type	Race
1		0 Castle/Dean Winchester	Supernatural	96616	M/M	White White
2		0 Sherlock Holmes/John Watson	Sherlock (TV)	64408	M/M	White White
3		0 Derek Hale/Stiles Stilinski	Teen Wolf (TV)	62648	M/M	White White
4		0 James "Bucky" Barnes/Steve Rogers	Captain America (Movies)	55252	M/M	White White
5		0 Draco Malfoy/Harry Potter	Harry Potter - J. K. Rowling	49245	M/M	White White
6		0 Steve Rogers/Tony Stark	The Avengers (Marvel Movies)	40510	M/M	White White
7		2 Aziraphale/Crowley (Good Omens)	Good Omens (TV)	36546	M/M	White White
8		-1 Harry Styles/Louis Tomlinson	One Direction (Band)	35365	M/M	White White
9		-1 Keith/Lance (Voltron)	Voltron: Legendary Defender	31707	M/M	Ambig Latino
10		0 Dean Winchester/Sam Winchester	Supernatural	29526	M/M	White White
11		2 Jeon Jungkook/Kim Taehyung V	Bangtan Boys BTS	28479	M/M	Asian Asian
12		-1 Magnus Bane/Alec Lightwood	Shadowhunters (TV)	28086	M/M	Asian White
13		1 Rey/Ben Solo Kylo Ren	Star Wars Sequel Trilogy	25865	F/M	White White
14		2 Adrien Agreste Chat Noir/Marinette Dupain-Cheng Ladybug	Miraculous Ladybug	25668	F/M	White Asian
15		-3 Katsuki Yuuri/Victor Nikiforov	Yuri!!! on Ice (Anime)	25647	M/M	Asian White
16		9 Bakugou Katsuki/Midoriya Izuku	Boku no Hero Academia My Hero Academia	25351	M/M	Asian Asian
17		2 Sirius Black/Remus Lupin	Harry Potter - J. K. Rowling	24891	M/M	White White
18		17 Lán Zhàn Lán Wángjǐ/Wèi Yíng Wèi Wúxiàn	魔道祖师 - 墨香铜臭 Módào Zǔshī - Mòxiāng Tóngxiù	23826	M/M	Asian Asian
19		9 Bakugou Katsuki/Kirishima Eijirou	Boku no Hero Academia My Hero Academia	22606	M/M	Asian Asian
20		-3 Merlin/Arthur Pendragon (Merlin)	Merlin (TV)	22577	M/M	White White
21		-6 Min Yoongi Suga/Park Jimin	Bangtan Boys BTS	22410	M/M	Asian Asian
22		-4 Jeon Jungkook/Park Jimin	Bangtan Boys BTS	22400	M/M	Asian Asian
23		-1 Peter Parker & Tony Stark	Marvel Cinematic Universe	22165	Gen	White White
24		0 Will Graham/Hannibal Lecter	Hannibal (TV)	21446	M/M	White White
25		-4 Pepper Potts/Tony Stark	Marvel Cinematic Universe	19609	F/M	White White
26		0 Kim Namjoon RM/Kim Seokjin Jin	Bangtan Boys BTS	19256	M/M	Asian Asian
27		4 Midoriya Izuku/Todoroki Shouto	Boku no Hero Academia My Hero Academia	18807	M/M	Asian Asian
28		-8 Sherlock Holmes & John Watson	Sherlock (TV)	18502	Gen	White White
29		-6 Dan Howell/Phil Lester	Phandom/The Fantastic Foursome (YouTube RPF)	17455	M/M	White White
30		-3 Blaine Anderson/Kurt Hummel	Glee	17427	M/M	Asian White
31		20 Iwaizumi Hajime/Oikawa Tooru	Haikyuu!!	16456	M/M	Asian Asian
32		4 Kara Danvers/Lena Luthor	Supergirl (TV 2015)	16227	F/F	White White
33		-4 Erik Lehnsherr/Charles Xavier	X-Men (Alternate Timeline Movies)	15634	M/M	White White
34		-4 Levi Ackerman/Eren Yeager	Shingeki no Kyojin Attack on Titan	15492	M/M	White White
35		24 James Potter/Lily Evans Potter	Harry Potter - J. K. Rowling	15164	F/M	White White
36		-4 Keith/Shiro (Voltron)	Voltron: Legendary Defender	15162	M/M	Ambig Asian
37		18 Hinata Shouyu/Kageyama Tobio	Haikyuu!!	15073	M/M	Asian Asian
38		2 Jung Hoseok J-Hope/Min Yoongi Suga	Bangtan Boys BTS	14892	M/M	Asian Asian
39		7 Hermione Granger/Ron Weasley	Harry Potter - J. K. Rowling	14881	F/M	Ambig White
40		18 Hermione Granger/Draco Malfoy	Harry Potter - J. K. Rowling	14834	F/M	Ambig White

Fonte: <https://archivefourown.org/works/32940190/chapters/81752386>

Figura 6 - Ships mais populares de 2022

Rank	Change	Relationship	Fandom	New Works	Total	Type	Race
1		11 Wilbur Soot & TommyInnit	Minecraft (Video Game)	9387	15561	Gen	White White
2		7 Wilbur Soot & Technoblade & TommyInnit & Phil Watson	Minecraft (Video Game)	9094	15928	Gen	White White
3		0 Lán Zhàn Lán Wángjǐ/Wèi Yíng Wèi Wúxiàn	魔道祖师 - 墨香铜臭 Módào Zǔshī - Mòxiāng Tóngxiù	8021	31777	M/M	Asian Asian
4		4 Sirius Black/Remus Lupin	Harry Potter - J. K. Rowling	7600	32428	M/M	White White
5	N	Blackbeard Edward Teach/Stede Bonnet	Our Flag Means Death (TV)	7574	7574	M/M	Indig White
6		-1 Bakugou Katsuki/Midoriya Izuku	Boku no Hero Academia My Hero Academia	7359	32614	M/M	Asian Asian
7		-3 Draco Malfoy/Harry Potter	Harry Potter - J. K. Rowling	7338	56506	M/M	White White
8		-7 Clay Dream/George/Not Found (Video Blogging RPF)	Video Blogging RPF	7252	20920	M/M	White White
9		-7 Castle/Dean Winchester	Supernatural (TV 2005)	6632	103224	M/M	White White
10	N	Steve Harrington/Eddie Munson	Stranger Things (TV 2016)	6597	6597	M/M	White White
11		16 Evan "Buck" Buckley/Eddie Diaz (9-1-1 TV)	9-1-1 (TV)	6580	14895	M/M	White Latino
12		-2 Toby Smith Tubbo & TommyInnit	Minecraft (Video Game)	6092	12897	Gen	White White
13		0 Adrien Agreste Chat Noir/Marinette Dupain-Cheng Ladybug	Miraculous Ladybug	5688	31257	F/M	White Asian
14		-8 Aziraphale/Crowley (Good Omens)	Good Omens (TV)	5547	42066	M/M	White White
15		18 Tartaglia Childe/Zhongli (Genshin Impact)	原神 Genshin Impact (Video Game)	5540	9641	M/M	White Asian
16		13 Technoblade & TommyInnit (Video Blogging RPF)	Minecraft (Video Game)	5446	9900	Gen	White White
17		20 Ranboo & Toby Smith Tubbo	Minecraft (Video Game)	5363	8992	Gen	White White
18		6 Hermione Granger/Draco Malfoy	Harry Potter - J. K. Rowling	5336	20117	F/M	Ambig White
19		16 Dazai Osamu/Nakahara Chuuya (Bungou Stray Dogs)	文豪ストレイドッグス Bungou Stray Dogs	5085	17676	M/M	Asian Asian
20		-13 Bakugou Katsuki/Kirishima Eijirou	Boku no Hero Academia My Hero Academia	4937	27490	M/M	Asian Asian
21		-10 Geralt z Rivii Geralt of Rivia/Jaskier Dandelion	Wiedźmin The Witcher - All Media Types	4792	18663	M/M	White White
22		-6 Aizawa Shouta Eraserhead/Yamada Hizashi Present Mic	Boku no Hero Academia My Hero Academia	4764	17318	M/M	Asian Asian
23		-3 James Potter/Lily Evans Potter	Harry Potter - J. K. Rowling	4492	19611	F/M	White White
24		-10 James "Bucky" Barnes/Steve Rogers	Captain America (Movies)	4450	59640	M/M	White White
25	N	Ranboo & Toby Smith Tubbo & TommyInnit	Minecraft (Video Game)	4440	6039	Gen	White White
26		45 Ranboo & TommyInnit (Video Blogging RPF)	Minecraft (Video Game)	4255	6654	Gen	White White
27		-8 Jeon Jungkook/Kim Taehyung V	Bangtan Boys BTS	4164	32628	M/M	Asian Asian
28	N	Caitlyn/Vi (League of Legends)	Arcane: League of Legends (Cartoon 2021)	4009	4009	F/F	Asian White
29		-11 Miya Aisumu/Sakusa Kiyoomi	Haikyuu!!	3834	9783	M/M	Asian Asian
30		0 Bakugou Katsuki & Midoriya Izuku	Boku no Hero Academia My Hero Academia	3764	13091	Gen	Asian Asian
31		21 Technoblade & Phil Watson (Video Blogging RPF)	Minecraft (Video Game)	3757	6688	Gen	White White
32		-10 Peter Parker & Tony Stark	Marvel Cinematic Universe	3634	25763	Gen	White White
33		3 Amity Blight/Luz Noceda	The Owl House (Cartoon)	3544	7326	F/F	White Af Lat
34		12 Aizawa Shouta Eraserhead & Midoriya Izuku	Boku no Hero Academia My Hero Academia	3533	8873	Gen	Asian Asian
35		42 TommyInnit & Phil Watson (Video Blogging RPF)	Minecraft (Video Game)	3473	5791	Gen	White White
36		-2 Merlin/Arthur Pendragon (Merlin)	Merlin (TV)	3183	25746	M/M	White White
37		21 Wilbur Soot & Technoblade	Minecraft (Video Game)	3174	5874	Gen	White White
38		38 Clay Dream & TommyInnit (Video Blogging RPF)	Minecraft (Video Game)	3107	5462	Gen	White White
39	N	Will Byers/Mike Wheeler	Stranger Things (TV 2016)	3003	4925	M/M	White White
40		10 James "Bucky" Barnes/Reader	Marvel Cinematic Universe	2960	13702	Other	White Ambig

Fonte: <https://archivefourown.org/works/40795074/chapters/102218811>

Em 2020, a grande maioria dos casais são compostos por personagens brancos, ocupando as primeiras posições da lista. Dos casais não-brancos, são compostos por asiáticos de pele clara. Em 2021 esse padrão continua, com apenas um personagem latino, na 7ª posição. Em 2022, dois casais de asiáticos aparecem no *top* 10 pela primeira vez, junto com um personagem indígena. Pela primeira vez, também, há uma personagem preta, na 33ª posição, identificada como afro-latina. Ainda assim, a maioria dos casais é composta por personagens brancos que ocupam as primeiras posições da lista.

Um tópico foi criado em 2016 para discutir a questão de raça no site, visto a discrepância entre *ships* com pessoas brancas e pessoas não-brancas. Após analisar as informações dos anos anteriores, centrumlumina, a usuária do site que realizou todos os levantamentos, chegou a conclusões pouco animadoras:

- Na Lista dos Top 100 deste ano, apenas 24,5% dos personagens são não-brancos.
- Há um limite padrão na representação de POC, em que os primeiros lugares da lista são exclusivamente brancos. A menos que esse padrão seja quebrado, a desigualdade na Lista de todos os tempos só irá aumentar com o passar dos anos.
- Mais da metade dos personagens não-brancos deste ano são de fandoms de Anime e K-pop.
- Limitando a lista para fandoms de mídias ocidentais, apenas, só 12,5% dos personagens não são brancos.
- Metade dos personagens não-brancos na mídia ocidental são mestiços ou de raças fantásticas.
- Comparada à mídia ocidental em geral, a lista dos fandoms tem menos representação não-branca, mais personagens mestiços e menos personagens pretos.
- Como referência, o censo estadunidense aponta para a porcentagem de pessoas não-brancas como sendo de 38.4%
- Dos personagens não-brancos da lista, eu observei uma polarização em favor de personagens de pele clara que, subsequentemente, são embranquecidos pelo fandom.²³ (CENTRULUMINA, 2016 – traduzido pela pesquisadora)

²³● On This Year's Top 100 list, only 24.5% of characters listed are POC.

- There is a consistent 'Glass Ceiling' pattern in POC representation, where the top places on the list are exclusively white. Unless this pattern is broken, inequality on the All Time list will only grow over time.
- More than half of the POC on This Year's list are from Anime and K-Pop fandoms.
- Limiting the list to only Western media fandoms, only 12.5% of characters are POC.
- Half of the POC in Western media fandom are either mixed race or fantasy races.
- Compared to Western media in general, the fandom list has less POC representation, more mixed race characters, and fewer black characters.
- For reference, the US census gives the proportion of POC as 38.4%.
- Of the POC on the list, I have observed a bias towards light-skinned characters who are subsequently white-washed by fandom.

Em 2019, centrumlumina fez outra análise dos levantamentos de *ships*, agora discutindo “qual a aparência de uma pessoa não-branca nos status dos *ships* do AO3?”²⁴. Aqui, ela discute melhor o ponto sobre colorismo que trouxe em 2016. De acordo com ela, houve um aumento de pessoas não-brancas nos levantamentos, por conta da inclusão de asiáticos da China, Coréia do Sul e Japão nas fanfics:

Embora alguns personagens latinos, e um único personagem interpretado por ator nativo americano, estejam na lista das aparições na mídia ocidental, há uma clara e óbvia preferência por personagens de pele clara, alguns dos quais tem "passabilidade branca" (Uma das três mulheres de cor mostradas aqui é interpretada por uma atriz branca, embora a personagem seja explicitamente identificada como latina.)²⁵ (CENTRUMLUMINA, 2019 – traduzido pela pesquisadora)

A usuária centrumlumina argumenta que, apesar de ser uma diversificação bem-vinda, é preciso pensar sobre o por que da preferência por celebridades e personagens de pele mais clara – não sendo raro que sejam, mesmo assim, embranquecidos nas *fanfictions*, seja nas descrições de aparência ou na escolha de celebridades para representar o personagem em capas, *trailers* e *fanarts* que acompanham a fanfic, às vezes.

Por fim, Jamison (2017) aponta que alguns autores com quem conversou disseram que “[...] não querem ouvir acusações de racismo ou descobrir que foram, mesmo sem intenção, racistas ou insensíveis” (p. 330). Esse tipo de receio, junto do dado citado por Koehm (2018) sobre como a comunidade da fanfic é majoritariamente branca, aponta para uma pouca diversidade atrás das telas que reflete no que é produzido e no ambiente criado para recepção dessas histórias – um ambiente que chega a normalizar essa configuração mesmo para os fãs não-brancos, como aponta Rukmini Pande (2017), ao falar de sua experiência com *fanfiction* como mulher indiana:

Acho que até certo ponto eu tinha compartimentalizado minha identidade de fandom de mídia (que estava baseado no consumo de séries e filmes principalmente dos EUA) como algo separado da minha identidade cultural e racial, já que sempre tive uma representação midiática da minha cultura; bollywood (e outro cinema indiano) e literatura sendo produzida na Índia forneciam isso. O fandom de mídia era uma parte muito diferente dos meus hábitos de consumo de cultura popular. Não que eu não tivesse notado que havia uma grave falta de diversidade nas fanworks que eu consumia, mas eu ainda não tinha me relacionado criticamente com esta questão. (JAMISON, p. 335, 2017)

²⁴ What does a ‘Person Of Colour’ look like in the AO3 Ship Stats?

²⁵ Although some Latino characters, and a single character played by Native American actor, make the list from appearances in Western media, there is a clear and obvious preference for lighter-skinned characters, some of whom are “white-passing.” (One of the three women of colour shown here is played by a white actress, although the character is explicitly identified as Latina.)

É difícil chegar a conclusões, contudo, quando há pouca informação sobre a raça dos autores e leitores de fanfic e praticamente nenhuma sobre sua classe socioeconômica. Um dos dados mais recentes sobre isso foi o censo do site “AO3” que levantou, entre muitas outras questões, informações sobre gênero, sexualidade e raça dos participantes. Esse censo será descrito em mais detalhes em um tópico posterior.

1.3. O fandom no Brasil: outros mapeamentos de leitores e autores de fanfic brasileiros

Apesar de não terem a mesma proporção que o estudo de *fanfictions* estadunidense, as pesquisas brasileiras sobre fanfic – e sobre fanfic brasileira – existem há mais de três décadas (Henrique Magalhães²⁶ já falava sobre o fanzine, precursor da fanfic, em 1993), com maior diversidade de abordagens e assuntos a cada ano que passa.

Entre essas pesquisas, há algumas que seguem o mesmo caráter deste trabalho, tendo como um de seus objetivos e/ou ferramentas conhecer quem são as pessoas que escrevem e leem fanfic no país. Uma vez que há um público bastante grande e heterogêneo interessado em *fanfiction*, todo espalhado pelos mais diversos sites na internet, é difícil chegar a qualquer conclusão geral que vá abarcar todos os brasileiros fanfiqueros.

Dessa forma, ter uma multiplicidade de pesquisas com a função de entender os fandoms é bastante importante, com cada pesquisa alcançando grupos e áreas diferentes da fanfic brasileira.

Uma dessas pesquisas, a mais antiga, foi elaborada por Maria Lucia Vargas em 2005. Sua intenção era apresentar o fenômeno da fanfic ao universo acadêmico, buscando apresentar, também, o que levava as pessoas a participarem dessa prática. Para tal, a autora utilizou, além de pesquisa bibliográfica, um questionário enviado por email que foi respondido por 42 participantes. Nele, a autora perguntava sobre a idade, ocupação, escolaridade e questões sobre a experiência com fanfic dos respondentes, desde quando e por que leem/escrevem *fanfiction* até os benefícios que enxergam na prática.

Já o trabalho de Márcio Siqueira, realizado em 2008, também versa sobre as motivações para a participação na prática da fanfic, mas analisando especificamente como os fanfiqueros tem um papel mais ativo no consumo da indústria cultural. Para tal, o autor entrevistou nove autores de fanfic, buscando entender como eles se diferenciavam do público

²⁶ MAGALHÃES, Henrique. **O que é Fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993

geral ao consumir mídia. Antes da entrevista, várias pessoas responderam a um questionário básico sobre dados pessoais (idade, classe social, escolaridade e local de residência), possibilitando a escolha de entrevistados que representassem o “autor de fanfic médio” encontrado por essa pesquisa. Além da entrevista online, as fanfics publicadas dos voluntários foram analisadas.

Em 2016, Barbara Batista realizou uma pesquisa com o objetivo de apresentar o fenômeno da fanfic, explorando seu impacto cultural como um fruto da convergência entre meios e mídias. Além disso, a autora também se propõe a apresentar alguns autores de fanfiction. Ela entrevistou quatro autoras por vídeo, em que elas contam como se interessaram pelo gênero, com que idade e como tem sido sua experiência com *fanfiction* desde então.

Em uma pesquisa mais recente, realizada em 2020, Ana Paula Fontana se propôs a esboçar um perfil do público que escreve e lê fanfic, além de estudar os hábitos de leitura dessas pessoas. A autora fez a divulgação de sua pesquisa em um canal do Youtube chamado Video Quest e, dessa maneira, conseguiu um número de respostas muito maior do que o dos outros trabalhos aqui citados. No total, 2.411 pessoas responderam ao questionário online que ela divulgou. Nesse questionário, havia perguntas sobre idade, classe social, gênero, sexualidade dos participantes e questões direcionadas à experiência com a fanfic, como quando começaram a ler/escrever esse gênero.

Por fim, há a pesquisa de Lorena Baptista, realizada em 2021, em que a autora buscou entender se e como a fanfic funciona como uma aliada no incentivo à leitura. Para tal, ela também utilizou de um questionário, voltado especificamente para leitores e autores do site de fanfics FICSOS. No questionário, havia perguntas sobre idade, gênero, sexualidade, raça, escolaridade, renda e questões voltadas à fanfic, como quando começou a ler e/ou a escrever *fanfictions*, razões para ler fanfics e como isso impactou em outras leituras da pessoa.

1.4. Censo do “AO3” por @centrumlumina

Em 2013, a usuária do Tumblr identificada como centrumlumina, realizou um censo do site de *fanfictions* “Archive of Our Own” (AO3). Os resultados da pesquisa, bem como notas sobre as questões feitas e reflexões posteriores sobre os dados, podem ser encontradas

tanto no Tumblr da usuária quanto no próprio “AO3”, publicado em forma de fanfic e com os dados separados em capítulos.

Apesar de já um pouco datado, esse censo caracteriza a comunidade da fanfic em mais detalhes do que foi visto em outros trabalhos até então. Além disso, apresenta uma forma replicável de mapear o *fandom*, sendo utilizada na presente pesquisa. Os resultados encontrados por centrumlumina são importantes para ter um parâmetro do que poderia ser esperado na coleta de dados desta pesquisa, bem como uma boa maneira de saber como algumas perguntas poderiam ser mais efetivas, levando em conta os *feedbacks* dos participantes do censo em questão.

O “AO3” é um site de *fanfictions* em língua inglesa, sendo bastante usado por pessoas de vários países, um dos mais populares atualmente. O site foi criado pela Organization for Transformative Works (OTW), uma organização criada em 2007. Sem fins lucrativos, seu objetivo é “[...] servir aos interesses dos fãs, proporcionando acesso e preservando a história das obras de fãs e da cultura de fãs em suas inúmeras formas.²⁷” (ARCHIVE OF OUR OWN, 2022). Além do AO3, a organização também é responsável pelos seguintes projetos: Fanlore (uma espécie de wikipédia dedicada à história e terminologia dos fandoms), Legal Advocacy (voltado à proteção e defesa dos trabalhos feitos por fãs), Open Door (arquivo dedicado a hospedar trabalhos feitos por fãs em risco de serem apagados) e Transformative Works and Culture (um jornal acadêmico dedicado à divulgação de trabalhos relacionados ao fandom).

O censo do site foi realizado completamente online, via questionário com a maioria de questões fechadas e algumas abertas. Todos os resultados foram apresentados no *post* do Tumblr de forma resumida, em tópicos. Cada tópico é um hiperlink que redireciona para maiores explicações sobre os dados em questão.

Antes da apresentação dos resultados, há dois tópicos apresentados pela condutora do censo: as limitações e usos dos dados e o tamanho da amostra (10.005 respondentes). Sobre o primeiro ponto, centrumlumina aponta que, por sua divulgação feita principalmente no Tumblr, os resultados da pesquisa não podem ser generalizados. E acrescenta:

Quando se trata de um grupo tão amplo e desestruturado quanto o fandom, é impossível elaborar uma lista completa da população para selecionar uma amostra aleatória. A disseminação viral desta pesquisa através das redes sociais - principalmente via reblogs do Tumblr - significa que esses dados não podem ser

²⁷ to serve the interests of fans by providing access to and preserving the history of fanworks and fan culture in its myriad forms.

considerados representativos de qualquer população maior. É impossível saber quais grupos podem ter sido super-representados porque a pesquisa foi espalhada mais rapidamente entre grupos de amigos com um determinado grupo demográfico.²⁸ (CENTRUMLUMINA, 2013 – traduzido pela pesquisadora)

Ainda assim, ela aponta que mesmo que alguns resultados sejam surpreendentes, não devem ser considerados irrelevantes, mesmo que precisem de uma pesquisa mais aprofundada para comprová-los.

A maior parte do conhecimento sobre demografia de fandoms é atualmente baseado em evidências anedóticas; enquanto esse conjunto de dados não é necessariamente representativo, o grande número de entrevistados - 10.005 no total - significa que cada 1% do valor desta pesquisa corresponde a mais de 100 pessoas. Em pontos em que as estatísticas discordam do senso comum, isso oferece um volume considerável de contra-reivindicações.²⁹ (CENTRUMLUMINA, 2013 – traduzido pela pesquisadora)

Em seguida, são apresentadas as perguntas feitas, bem como os resultados em forma de gráfico e uma análise breve.

Figura 8 - Pergunta sobre idade dos usuários do “AO3”

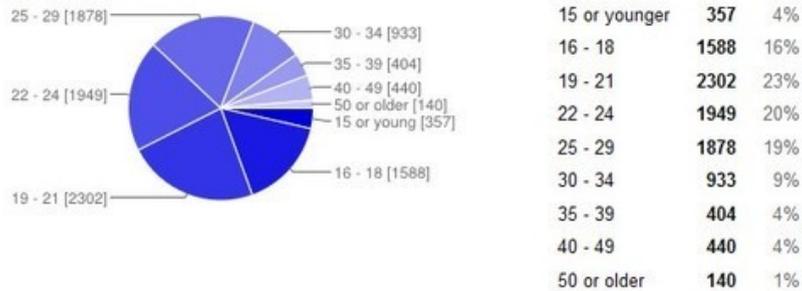
²⁸ When it comes to a group as broad and unstructured as fandom, it is impossible to draw up a full list of the population in order to select a random sample. The viral spread of this survey through social networks - mainly via Tumblr reblogs - means that this data cannot be assumed to be representative of any larger population. It is impossible to know which groups may have been over-represented because the survey was spread more rapidly among groups of friends with a certain demographic.

²⁹ Most knowledge of fandom demographics is currently based on anecdotal evidence; while this dataset is not necessarily representative, the huge number of respondents - 10,005 in total - means that every 1% value from this survey corresponds to over 100 people. In places where the statistics disagree with the received wisdom, this offers a considerable volume of counter-claims.

Age

This post is part of the [AO3 census](#) data analysis.

How old are you?



N.B. The above percentages refer to % of total responses to this question, and sum to 100%.

Question

This question was phrased as 'How old are you?' There were no additional instructions. Users could select one option from the given list.

Responses

The responses were selected with the following frequencies:

Responses

The responses were selected with the following frequencies:

- **15 or younger** - 357 respondents. 3.6%
- **16 - 18** - 1588 respondents. 15.9%
- **19 - 21** - 2302 respondents. 23.0%
- **22 - 24** - 1949 respondents. 19.5%
- **25 - 29** - 1878 respondents. 18.8%
- **30 - 34** - 933 respondents. 9.3%
- **35 - 39** - 404 respondents. 4.0%
- **40 - 49** - 440 respondents. 4.4%
- **50 or older** - 140 respondents. 1.4%

14 respondents (0.1%) did not respond to this question.

In order to calculate the distribution of each result, the values for each group were approximated as the point midway between the lowest value for that group and the lowest value for the one above it, i.e. 17.5 for 16-18, 20.5 for 19-21 etc. The estimated values for the first and last groups were 12 and 60 respectively.

By this method, the mean age of the respondents who answered this question was **25.1 years old**, and age had a standard deviation of **8.2 years**. The median age was in the range **22-24 years**.

As perguntas seguintes, demográficas, seguem o mesmo padrão. São elas:

1. Idade
2. Gênero
3. Sexualidade
4. Identificação como parte de uma minoria de gênero, sexual ou romântica
5. Etnicidade

As próximas perguntas são relacionadas ao uso do AO3 por parte dos respondentes:

6. Desde quando usa o site
7. Frequência de uso
8. Tempo de uso por sessão
9. Atividades no site
10. Línguas

E, por fim, as perguntas são relacionadas às fanfics com que os respondentes interagem, com distinção entre as que produzem e as que lêem.

11. Classificação indicativa
12. Categorias
13. Gêneros
14. Fandoms populares
15. Outros fandoms

Em seguida, centrumlumina abre tópico para uma análise mais detalhada de certos resultados, divididos em:

- Heterosexual Female Slash Fans
- M/M³⁰ Fans: Sexuality and Gender
- Why M/M? - An opinion piece about possible reasons for the popularity of M/M.
- Fic Rating Popularity vs. Age
- Fic Category Popularity vs. Age
- Age Distribution of AO3 Users
- Gender Identity and Categorisation
- Sexuality Identities and Categorisation

³⁰ Fanfiction slash em que a relação sexual é entre homens.

- Ethnicity Identities and Categorisation
- Fic Category Preferences
- Gender Categorisation vs Fic Category
- Sexuality Categorisation vs Fic Categories
- Overall Gender and Sexuality of AO3 Users
- Gender Demographics by Fic Category
- Sexuality Demographics by Fic Category
- Gender and Sexuality Demographics by Fic Category
- Demographics of Individual Fandoms:
 - F/F³¹ Fandom
 - F/M³² Fandom
 - Gen³³ Fandom
 - M/M Fandom
- Other Fandoms Reanalysed
- The Changing Face of Fandom
- Creators vs Readers
- Men in Fandom

O post sobre o censo é finalizado com tópicos direcionados especificamente para pesquisadores interessados nos dados coletados. No tópico “notas para futuros pesquisadores”, centrumlumina aponta para a necessidade de ser inclusivo nas perguntas ao realizar questionários parecidos com o seu. Também há um tópico dedicado à permissão da utilização dos dados em pesquisas, indicando como os créditos devem ser feitos. Além disso, há links para dois trabalhos realizados com os dados.

1.4.1. Dados específicos relevantes para a presente pesquisa

Na questão sobre etnicidade, 83.8% dos participantes responderam que eram brancos. O maior número, em seguida, era de respondentes asiáticos, contabilizando 8% dos participantes. Em seguida apareciam os latinos (5.7%), mestiços (5.5%), pretos (2.4%),

³¹ Fanfiction slash em que a relação sexual é entre mulheres.

³² Fanfiction slash em que a relação sexual é entre homem e mulher.

³³ Fanfictions que não contém relações sexuais ou românticas de qualquer tipo.

outros³⁴ (2.3%), indígenas (*native american*)(1.5%) e nativos das ilhas do Pacífico (*Pacific islanders*)(0.6%). 749 participantes selecionaram mais de uma opção.

Para uma análise mais simplificada, os dados foram separados nas seguintes categorias, com a seguinte porcentagem de respostas: brancos (77.9%), pretos (1,5%), asiáticos (6.6%), hispânicos (3.1%), etnicidade mista (5,6%), outras etnicidades (4.8%) e não respondentes (0.5%).

Em uma seção de “críticas e *feedback*” ao final do tópico, centrumlumina aponta que algumas pessoas acharam as categorias “americanas demais”, além de muitos acharem que as categorias eram abrangentes demais para serem categorizadas como “etnicidade”, e deveriam ser mais específicas ou nomeada como “raças”.

Na questão sobre gênero, a maioria dos participantes se identificou com o gênero feminino (90.3%). Em seguida, 7.3% dos participantes se identificaram como *genderqueer*, seguidos pelos que se identificaram com o gênero masculino (4.2%), como *andrógino* (2.4%), *transgênero* (2.3%), *agênero* (2.3%), *trans** (1.9%), *outro*³⁵ (1.1%) e *neutrois* (0.6%). 896 participantes selecionaram mais de uma opção.

Em um dos tópicos de análise, os dados sobre gênero foram simplificados em três categorias: mulheres (incluindo mulheres *trans*), homens (incluindo homens *trans*) e não-binários. Assim, os números ficaram, respectivamente: 85.1%, 3%, 11,6% e 0,2% de não respondentes.

Além disso, na seção para “críticas e *feedback*”, centrumlumina relata que alguns participantes acharam a opção “*transgênero*” uma escolha mal informada, uma vez que não havia a opção “*cisgênero*”, além de ser um termo considerado muito amplo - o que levou alguns participantes a especificarem isso na opção “*outros*”, sob a forma *FTM/MTF*³⁶.

Na questão sobre sexualidade, 38% dos participantes assinalaram a opção “*heterossexual*”. A opção “*bissexual*” aparece com 30.6% das respostas, seguida por

³⁴ A opção “*outros*” deixava o respondente escrever algo. As respostas nesse caso foram, em ordem decrescente: referência à algum país específico, judeu, indiano, do oriente médio, europeu, sul-asiático, árabe, sem identificação com nenhuma identidade e chinês.

³⁵ Na opção “*outro*” os participantes escreveram, em ordem decrescente do número de respostas: *genderfluid*, não-binário, bi-gênero, não tem uma identidade de gênero, questionando/incerto de sua identidade de gênero e *transexual*.

³⁶ *MTF* (male to female) e *FTM* (female to male) são siglas utilizadas para indicar a transição do masculino para o feminino - uma mulher *transgênero* - e do feminino para o masculino - um homem *transgênero*.

pansexual (15.9%), queer (11.6%), asexual (11.4%), demisexual (7.6%), homossexual (6.7%), grey-asexual (6.1%) e outros³⁷ (4.8%). 2536 participantes assinalaram mais de uma opção.

Em uma questão específica para saber se os participantes se identificavam como parte de uma minoria de gênero, sexual ou romântica, 53.7% responderam que sim, 44.8% responderam que não e 1,5% não responderam.

Na seção de críticas, alguns participantes reclamaram da falta de clareza para orientações românticas. centrumlumina instruiu que as pessoas especificassem isso na opção “outro”, uma vez que imaginara que teria um número baixo de respostas, por isso não incluiu a opção no questionário.

Por fim, no tópico “The Changing Face of Fandom”, centrumlumina compara as respostas relacionadas às perguntas demográficas de participantes com mais de 30 anos e participantes com/com menos de 18 anos. De acordo com ela:

Olhando para gênero e sexualidade, é claro que há muito mais fãs LGBT + no grupo mais jovem, com ganhos para pessoas não binárias, para todos os grupos de sexualidade que não sejam heterossexuais e para aqueles que se identificam como uma minoria de gênero, sexual ou romântica. Há também um aumento no número de várias raças além do branco, com as maiores diferenças sendo naqueles que se identificaram como raças asiáticas, hispânicas e mistas/ múltiplas.³⁸ (CENTRUMLUMINA, 2013 – traduzido pela pesquisadora)

Ela também aponta que os gostos pelo que as pessoas lêem e escrevem não tiveram muita mudança, apontando, somente, que pessoas mais jovens parecem menos inclinadas a escrever fanfic do que pessoas mais velhas. Por fim, ela finaliza o tópico com a seguinte pergunta: “Por que não há evidências de uma mudança nos gostos para refletir as diferentes perspectivas desse novo grupo de fãs jovens, LGBT+, etnicamente diversos?”³⁹ (CENTRUMLUMINA, 2013 – traduzido pela pesquisadora).

³⁷ As resposta escritas em outro, em ordem decrescente: questionando/não sabe, panromântico, biromântico, aromântico, homoromântico, heteroromântico, não se identifica com uma sexualidade, heteroflex, lésbica, bi-curioso, fluido, demiromântico e grey-romântico.

³⁸ Looking at gender and sexuality, it’s clear that there are far more LGBT+ fans in the younger group, with gains for non-binary people, for every sexuality group other than heterosexual, and for those identifying as a Gender, Sexual or Romantic Minority. There are also increased numbers of several races other than white, with the largest differences being in those who identified as Asian, Hispanic, and Mixed/Multiple races.

³⁹ “why is it that there’s no evidence of a shift in tastes to reflect the different outlook of this new group of young, LGBT+, ethnically diverse fans?”

2. METODOLOGIA

2.1. Instrumentos de pesquisa

A presente pesquisa realizou, em sua primeira parte, um levantamento de dados demográficos sobre os usuários do site “Spirit Fanfics e Histórias”, por meio de um formulário, para entender quem são essas pessoas e quais são suas preferências em relação ao uso do site e consumo e/ou produção de *fanfictions*. Caracteriza-se, assim, como uma abordagem por estatística descritiva e, portanto, quantitativa. Levando-se em conta, também, a anonimidade tanto do questionário quanto do próprio site (BURT, 2017) e, portanto, a impossibilidade de averiguar se as respostas são objetivamente verdadeiras, procurou-se alcançar um número considerável de respondentes. Ainda assim, certos grupos dentro do site “Spirit” podem ter sido mais representados nos resultados do que outros.

Os dados do formulário foram cruzados para melhor entendimento de algumas respostas. Esse trabalho foi feito por Johnny Caselato Guimarães, graduando em Engenharia Elétrica pela USP. Ele foi responsável por, a partir da planilha que o Google Forms gerou automaticamente com as respostas do questionário, combinar os dados e organizá-los em tabelas compreensíveis.

As combinações foram feitas a partir de uma lista elaborada por mim, em que os tópicos a serem combinados eram marcados com um “+”. Assim, por exemplo, o cruzamento dos dados de idade, gênero e sexualidade seria indicado como “idade + gênero + sexualidade” e teria uma apresentação final como a apresentada a seguir:

idade + gênero + sexualidade	
19 - 21 + Mulher cisgênero + Bissexual	11
19 - 21 + Mulher cisgênero + Heterossexual	9
22 - 24 + Mulher cisgênero + Bissexual	6
22 - 24 + Mulher cisgênero + Heterossexual	5

Esses dados foram produzidos por meio de uma análise combinatória vetorizada em Python. Por conta do grande número de dados gerados nessas combinações, houve também um processo de escolha dos resultados com resultados mais relevantes em relação ao todo.

A segunda parte da pesquisa consistiu na realização de uma entrevista com sete dos respondentes do questionário que demonstraram interesse em participar dessa etapa. As entrevistas realizadas via Google Meet foram transcritas usando o site oTranscribe⁴⁰, mantendo características da fala das participantes (como dizer “tava” ao invés de “estava”), mas sem preocupação em transcrever foneticamente ou acrescentar todas as pausas entre falas. As entrevistas feitas por mensagem foram copiadas e coladas, retirando-se, apenas, as marcações de dia e hora de envio, além dos números de telefone e nome das participantes e pesquisadora. As entrevistas foram analisadas quanto ao seu conteúdo.

Adotou-se uma metodologia mista (COUTINHO, 2011), com métodos quantitativos e qualitativos para partes específicas dos dados coletados e de maneira cronológica, caracterizando um desenho sequencial misto (*sequential mixed design*). Buscou-se, assim, realizar a triangulação metodológica (COUTINHO, 2011), para aumentar a confiabilidade das interpretações dos dados.

Esta pesquisa se enquadra na Linguística Aplicada Crítica, encarando a língua como um “instrumento de ação, mudança e resistência” (URZÊDA-FREITAS, p.232, 2012) e, por isso, também possui a capacidade de manter discursos hegemônicos em vigor. A fanfic, como uma parte muito dinâmica da língua, é capaz de ir contra e dismantelar certos discursos da mídia tradicional, mas pode, também, sustentá-los.

Por ser uma pesquisa em LAC, esta pesquisa fará uso não só de estudos da área linguística e discursiva, mas também estudos antirracistas, para compreender certos resultados encontrados.

2.2. Critérios de inclusão dos participantes e dados levantados

O questionário foi elaborado tendo o levantamento feito por centrumlumina (2013) como base para a elaboração da maioria das questões. A descrição, na íntegra, do questionário foi apresentada em tópico anterior.

As questões foram:

- Demográfico
 - Qual a sua idade?
 - Com que gênero você se identifica?

⁴⁰ <https://otranscribe.com/>

- Com qual sexualidade você se identifica?
- Você se identifica como parte de uma minoria de gênero, sexual ou romântica?
- Com qual(is) etnicidade(s) você se identifica?
- Você se identifica como parte de uma minoria étnica/racial?
- Qual a sua classe social?
- Uso do site
 - Há quanto tempo você utiliza o Spirit Fanfiction?
 - Com que frequência você usa o site?
 - Quanto tempo você passa no Spirit por sessão, tipicamente?
 - Para qual (is) das seguintes atividades você usa o Spirit?
- Preferências gerais
 - Qual a classificação das fanfics que você prefere ler?
 - Qual a classificação das fanfics que você costuma escrever?
 - Que gênero de fanfic você prefere ler?
 - Que gênero de fanfic você costuma escrever?
 - Que categorias de fanfic você prefere ler?
 - Que categorias de fanfic você prefere escrever?
 - Você lê ou escreve fanfics dos seguintes fandoms populares no Spirit?
 - Para quais outros fandoms você escreve ou lê fanfics?
- Diversidade
 - Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de gênero/sexualidade?
 - Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de gênero/sexualidade?
 - Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de etnicidade/raça?
 - Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de etnicidade/raça?
 - Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de classe social?
 - Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de classe social?
 - Sobre fanfics interativas: qual a etnia/cor dos personagens que você já criou?
 - Em que fandoms você encontra/procura fanfics que abordam questões sobre etnicidade/raça?

- Em que fandoms você encontra/procura fanfics que abordam questões sobre classe social?

A condição para participar da segunda parte da pesquisa, a entrevista, era somente ter respondido o questionário e demonstrado interesse em ser entrevistado posteriormente. No começo do questionário havia uma pergunta em que os participantes tinham a opção de colocar o link do seu perfil no “Spirit”, já cientes de que poderiam ser convidados a realizar a entrevista se o fizessem. As entrevistas foram feitas por videochamada, por meio do Google Meet ou por mensagem, de acordo com a preferência do participante.

As perguntas da entrevista foram voltadas para as questões de diversidade, já abordadas no final do questionário, além de serem moldadas pelos resultados da primeira parte da pesquisa. Assim, tinha-se em mente a realização de perguntas abertas sobre a experiência de leitura e/ou escrita do participante em relação à fanfic, se ele acredita que há possibilidade de maior liberdade criativa na *fanfiction*, se comparada com a publicação tradicional e, principalmente, quais são suas experiências com questões de etnicidade/raça e classe socioeconômica no gênero - se nunca tinha pensado sobre, se faz parte dos grupos minoritários em questão, se sente abertura para escrever sobre tais vivências etc. Esta parte da pesquisa caracteriza-se, assim, por uma metodologia qualitativa.

Como uma entrevista semi estruturada, as perguntas variaram de acordo com as respostas dos participantes e com como se identificaram em questão de etnicidade e classe social no formulário, mas as questões de base foram:

Apresentação:

1. Apresente-se: nome, idade, profissão.

Perguntas para todos:

1. Quando e como você começou a ler fanfics? E a escrever?
2. Como você enxerga a publicação tradicional em relação à fanfic?
3. Você escreve ou pretende escrever para publicação tradicional? Por quê?
4. O que te atraiu a ler/escrever fanfics? É o mesmo motivo que te fez continuar lendo/escrevendo?
5. Em relação ao formulário, o que você entendeu que seria uma “questão de sexualidade”, “questão de gênero”, “questão de etnicidade” e “questão de classe social”?

6. A diversidade das identidades dos personagens (em questão de gênero, sexualidade, etnicidade e classe social) é um ponto importante na leitura/escrita de fanfics para você? Se sim:
 - a. Há algum tipo (de diversidade) que te interessa mais?
 - b. Você se sente apto a escrever sobre personagens e realidades diferentes da sua? Há algum desafio particular em relação a isso?
7. Você prefere encontrar fanfics com personagens e situações que se assemelhem à sua realidade de alguma forma, ou esse é um ponto que não faz diferença?
8. Você espera encontrar um nível maior de diversidade nas fanfics em comparação com a mídia tradicional (filmes, séries, livros)? E encontra, de fato?

Perguntas adicionais para participantes que se identificaram como parte de minoria racial e/ou socioeconômica:

1. É importante para você encontrar personagens diversos em questão de raça ou classe social, principalmente que se pareçam com a sua realidade? Se sim, é fácil encontrar isso na mídia tradicional, em filmes, livros, séries...?
2. Você se propõe a escrever fanfics que tenham a diversidade que você gostaria de ver? Há algum desafio em particular na hora de escrever ou na recepção das histórias?

3. RESULTADOS

3.1. Os dados obtidos através do formulário

Em 27 de outubro de 2022, o formulário começou a ser divulgado, sendo encerrado após seis meses de circulação, em 17 de abril de 2023. A divulgação foi feita no site “Spirit”, por meio das atualizações e das mensagens, contatando usuários de diferentes fandoms, com a maior diversidade possível. Também houve divulgação feita nas redes sociais da pesquisadora (Twitter e Instagram) e grupos de Facebook dedicados à divulgação de fanfics do “Spirit”.

No total, houve 100 respondentes, sendo 99 das respostas viáveis. Um dos participantes era menor de idade, não respondendo o formulário além da pergunta de verificação de maioridade.

Dos respondentes, 62 pessoas demonstraram interesse em serem entrevistadas na segunda parte da pesquisa. Os dados das entrevistas serão explorados mais adiante.

Antes de apresentar os dados, é importante ressaltar que a amostragem é bastante pequena, seja em comparação com o número total de usuários do “Spirit” – que marcava 2.795.198 usuários em 2018, no último levantamento disponibilizado pelo site – ou em comparação com o número de pessoas que lêem e escrevem fanfics no Brasil. Isso, contudo, não torna os resultados encontrados menos relevantes, mesmo que seja apenas para levantar mais perguntas e incentivar outros pesquisadores a estudarem esta área.

3.1.1. Quem são os leitores e autores do “Spirit”?

A primeira pergunta de caráter demográfico inquiria os participantes sobre sua idade. Estes foram os resultados da questão:

FIGURA 9 - Gráfico da idade dos participantes

Qual a sua idade?

99 respostas

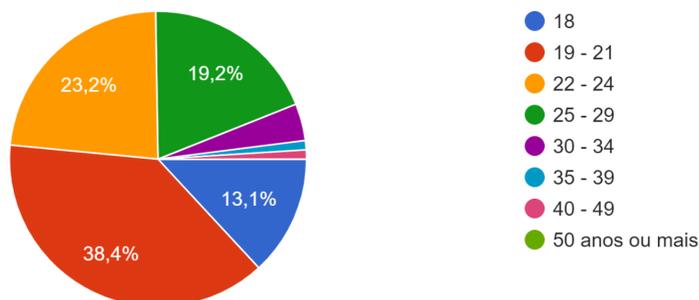


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

A maioria dos participantes tem entre 19 e 21 anos (38 pessoas), sendo seguidos por participantes com idade entre 22 e 24 anos (23 pessoas), entre 25 e 29 anos (19 pessoas), 18 anos (13 pessoas), entre 30 e 34 anos (4 pessoas), entre 35 e 39 anos (1 pessoa) e entre 40 e 49 anos (1 pessoa). Não houve nenhum respondente com 50 anos ou mais e todos os participantes responderam essa questão.

Esses resultados estão em consonância com outros trabalhos que indicam a fanfic como feita majoritariamente por jovens. Importante apontar que, com o direcionamento a pessoas maiores de idade, esta pesquisa excluiu uma parte de possíveis respondentes, contudo, se a tendência em trabalhos como o de Fontana (2020) – em que 82,99% dos participantes de sua pesquisa, 2000 pessoas, afirmaram ter entre 13 e 17 anos quando começaram a ler fanfic – fosse ser seguida, a presença de adolescentes e pré-adolescentes também seria significativa.

Mesmo participantes mais velhas reportaram (nas entrevistas) que começaram a ler e escrever fanfic ainda na adolescência, como uma prática de leitura e de escrita formativa para muita gente.

A pergunta seguinte inquiria sobre o gênero dos respondentes.

FIGURA 10 - Gráfico do gênero dos participantes

Com que gênero você se identifica?

99 respostas

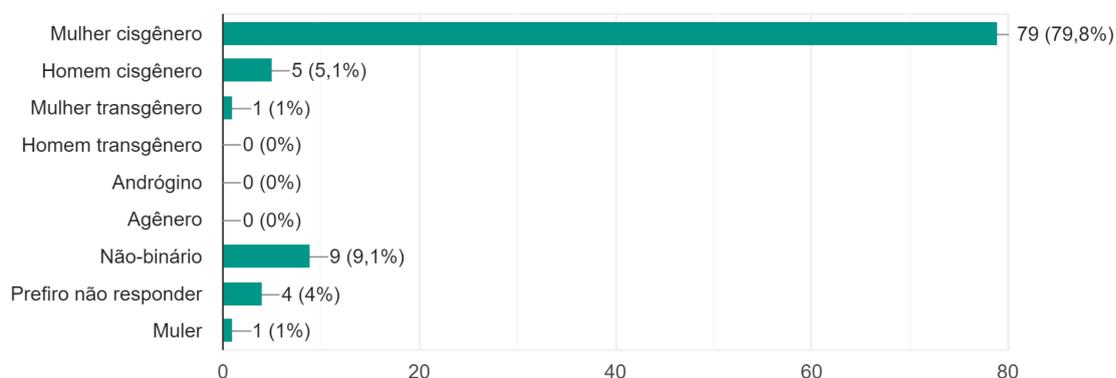


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

É evidente a prevalência do número de participantes que se identificam como mulheres cisgêneros sobre as outras opções. Foram 79 respondentes nessa categoria, sendo a segunda mais frequente a de não-binário, com 9 respostas. Em seguida, há homens cisgêneros, com 5 respostas, pessoas que preferiram não responder, com 4 respostas, uma mulher transgênero e uma resposta digitada escrita “Muler” – pode-se especular que essa última seja um erro de digitação para “mulher” mas, sem a confirmação do participante, que não deixou forma de contato no forms, não é possível afirmar isso.

A resposta dessa questão corrobora a visão do universo da fanfic como majoritariamente feminino, parte do que o caracteriza como tão disruptivo e, muitas vezes, oposto ao que se vê na mídia tradicional (KOEHM, 2018).

Em seguida, havia uma questão sobre a sexualidade dos participantes.

FIGURA 11 - Gráfico sobre a sexualidade dos participantes

Com qual sexualidade você se identifica?

99 respostas

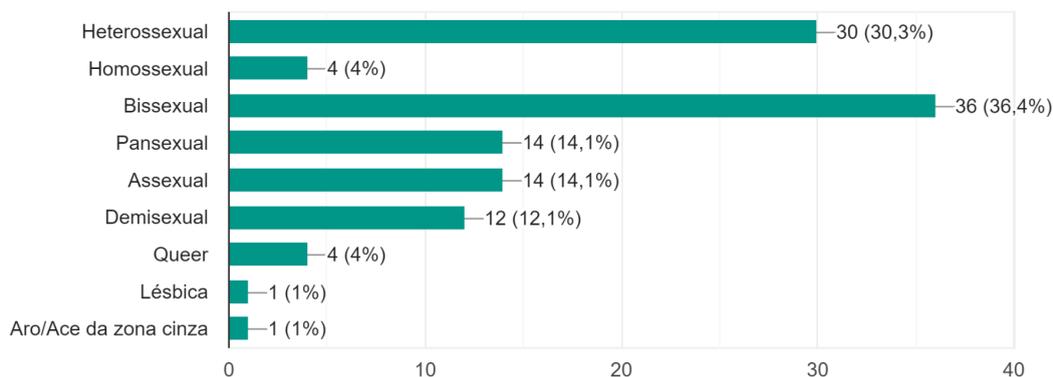


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

A maioria dos participantes se identificou como bissexual, com 36 respostas para essa categoria. Em seguida, há os participantes que se identificaram como heterossexuais, com 30 respostas. As outras respostas, em ordem decrescente, foram pansexuais e assexuais, ambos com 14 respostas, demissexuais, com 12 respostas, homossexual e *queer*, ambos com 4 respostas, e lésbica e aro/ace da zona cinza (este último sendo digitado pelo participante), ambos com 1 resposta.

Todos os participantes responderam a essa questão, mas é importante notar que várias pessoas marcaram mais de uma opção, totalizando 116 respostas.

A diferença entre o número de pessoas heterossexuais (30) e pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ (86) é evidente. A afirmação de que a fanfic é um espaço majoritariamente feminino e *queer* se mantém no contexto do "Spirit".

A questão seguinte estava diretamente relacionada às duas anteriores, pedindo que os participantes se identificassem, ou não, como parte de uma minoria de gênero/sexualidade.

Importante apontar que tanto na questão referente à gênero e sexualidade, quanto na referente à raça/etnicidade, *minoria* se refere ao conceito de minoria social. Dessa maneira, não tem ligação com a quantidade de indivíduos de um desses grupos em uma população, mas sim com a exclusão social e política que sofrem, como explicado por Ramacciotti e Calgaro (2021):

A insuficiência do elemento numérico para o emprego do termo minoria na definição de grupos e sujeitos sociais exigiu outra construção conceitual no vocabulário da Sociologia. Conforme Chaves (1977), o termo minoria tem sido

utilizado em dois sentidos: i) Significa um grupo de pessoas em uma sociedade, que se encontra numa situação de dependência ou não-dominância em relação a um outro grupo majoritário. “As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria”, por questão de gênero, de religião, de idade, etc.; ii) “Exprime as denominadas “minorias nacionais”, grupos raciais ou étnicos que, em situação de minoria, cointegram juntamente com uma maioria um determinado Estado” (1977, p.149). Como no caso de negros, pardos, indígenas, quilombolas no Brasil, entre outros grupos sociais. (p.8)

FIGURA 12 - Gráfico sobre minorias de gênero e sexualidade

Você se identifica como parte de uma minoria de gênero, sexual ou romântica?

98 respostas

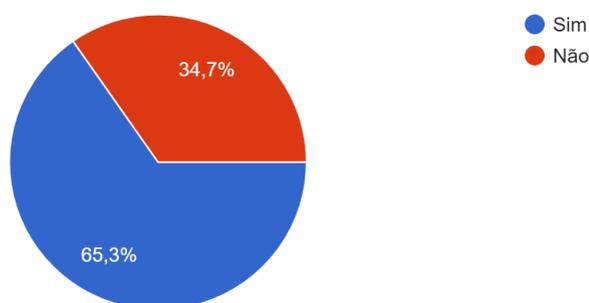


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Na questão sobre fazer parte de uma minoria de gênero, sexual ou romântica, um participante não respondeu. A maioria dos participantes se identificaram como parte de uma minoria (64). Apesar disso, porém, esse é um dado interessante, uma vez que, considerando a quantidade de mulheres (80) na pesquisa e com apenas 5 homens cisgêneros participando, a expectativa seria de um número menor para pessoas que não se entendessem como parte de uma minoria.

A junção de gênero e sexualidade nessa questão pode ter causado alguma confusão. Uma análise cruzada dos dados, juntando gênero, sexualidade e a resposta à questão acima, confirmam essa hipótese, uma vez que a maioria das mulheres que responderam “não” sobre serem uma minoria de gênero/sexual/romântica eram cisgêneros e heterossexuais, enquanto outras combinações de sexualidade e gênero tenderam a responder “sim”.

gênero + sexualidade vs. se identificar como minoria de gênero/sexualidade	
Mulher cisgênero + Heterossexual + Não	23
Mulher cisgênero + Bissexual + Sim	21
Mulher cisgênero + Pansexual + Sim	6
Mulher cisgênero + Assexual + Sim	5
Mulher cisgênero + Demisexual + Sim	5
Mulher cisgênero + Bissexual, Assexual + Sim	4

Fonte: a autora.

A questão seguinte foi sobre a etnicidade dos respondentes, seguida de uma pergunta sobre se eles se enxergavam, ou não, como parte de uma minoria étnica.

FIGURA 13 - Gráfico sobre a etnicidade dos participantes

Com qual(is) etnicidade(s) você se identifica?

99 respostas

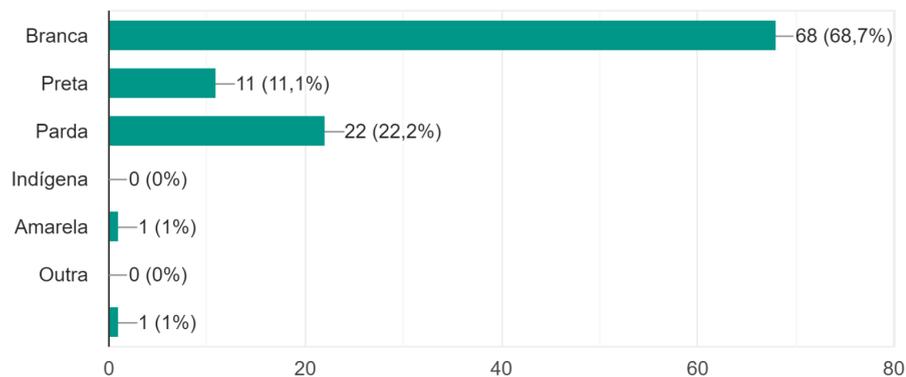


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 14 - Gráfico sobre minoria étnica/racial

Você se identifica como parte de uma minoria étnica/racial?

99 respostas

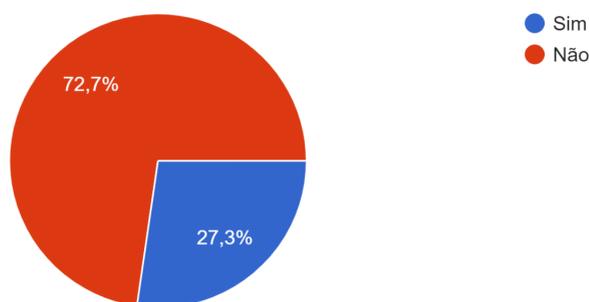


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

A maioria dos participantes se identificou como branco, com 68 respostas. O maior número de respostas, em seguida, foi de pardos, com 22 respondentes, seguido de pretos, com 11 respostas e amarelo, com 1 resposta. Um participante digitou uma resposta em branco e todos responderam a essa questão.

Houve participantes marcando mais de uma etnicidade, pois as respostas somam 103 para 99 participantes. Além disso, é importante apontar que, enquanto na primeira questão sobre etnicidade 34 participantes responderam etnicidades não-brancas, na questão sobre fazer parte de uma minoria racial, apenas 27 se identificaram como minorias.

Cruzando os dados da etnicidade dos participantes com quem se identificou como minoria, há o seguinte resultado:

eticidade vs. se identificar como minoria de raça/etnia	
Branca + Não	64
Parda + Sim	11
Preta + Sim	10
Parda + Não	7
Branca + Sim	2
Parda, + Sim	1
Preta, Parda + Sim	1
Amarela + Sim	1
Branca, Parda + Sim	1
Branca, Parda + Não	1

Fonte: a autora.

É possível perceber, assim, que uma parte das pessoas pardas não se consideram parte de uma minoria social. Essa é uma problemática bastante conhecida quando se estuda a negritude, como bem apontam Daflon, Carvalhaes e Júnior:

Desde a década de 1970, a discriminação contra os pardos vem sendo registrada com tal consistência que até o Estado foi convencido de sua importância para a formulação de políticas públicas. Contudo, os próprios pardos não parecem detectá-la: quando indagados acerca de suas experiências com a discriminação racial, eles apresentam índices de percepção da discriminação significativamente mais baixos do que os indivíduos que se autotransferem como pretos (Datafolha, 1995, 2008; DataUFF, 2002; Fundação Perseu Abramo, 2003; Rennó et al. 2011). (p. 293, 2017)

A questão seguinte, a última voltada ao demográfico do site, pergunta sobre a classe social a que pertencem os participantes.

FIGURA 15 - Gráfico sobre a classe socioeconômica dos participantes

Qual a sua classe social?

97 respostas

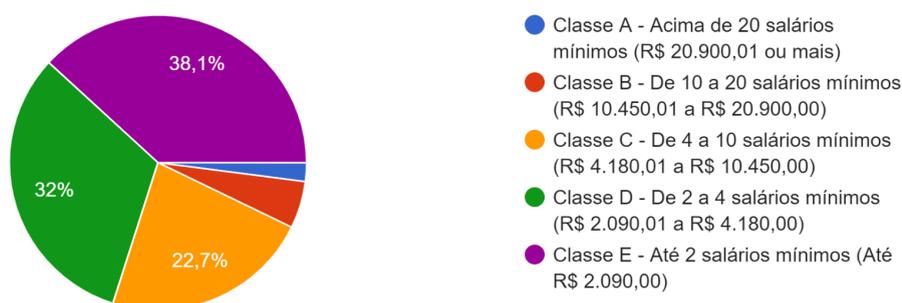


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Nessa questão, fica evidente que a maioria dos respondentes afirmam que pertencem a classes sociais mais baixas, com a maioria respondendo que pertence à classe E, com 37 respostas. A classe D teve 31 respostas, a classe C teve 22 respostas, a classe B teve 5 respostas e a classe A somente 2 respostas.

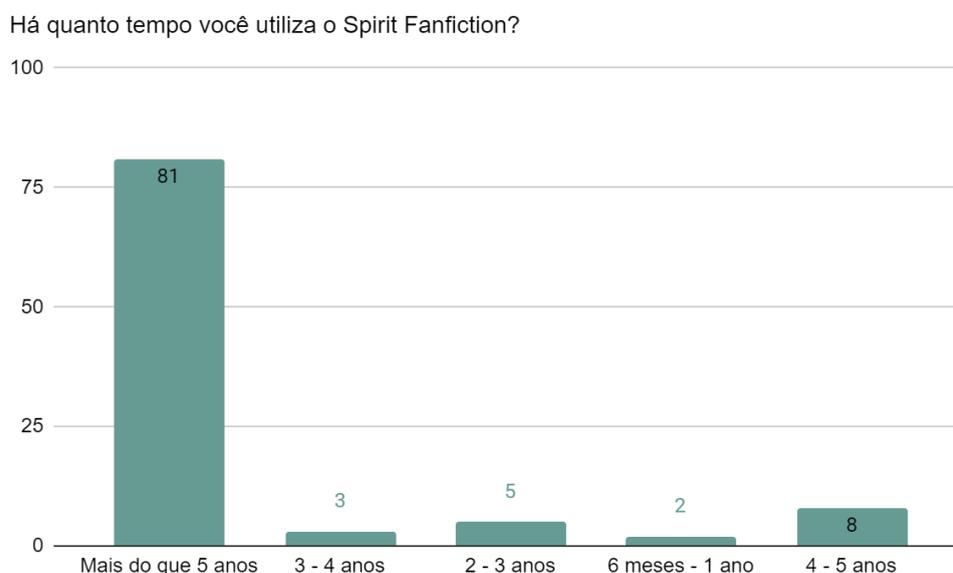
As respostas a essa pergunta evidenciam o quanto a fanfiction é disseminada entre diferentes níveis econômicos, o que reforça a argumentação de trabalhos como o de Souza, Silva e Santos (2020) sobre a importância da fanfic como acesso e incentivo à leitura (ponto levantado, inclusive, em uma das entrevistas) e como incentivo à prática da escrita (LIMA, MERCADO, 2020; RIBEIRO, JESUS, 2019).

Na média, assim, o leitor/autor de fanfics no “Spirit” é uma mulher cisgênero, branca e *queer*, de classe média/baixa e jovem, com idade entre 19 e 24 anos.

3.1.2. Como os leitores e autores do “Spirit” usam o site?

A parte seguinte do formulário se voltava aos usos que os usuários do “Spirit” fazem do site. Nesse quesito, foram obtidas as seguintes informações:

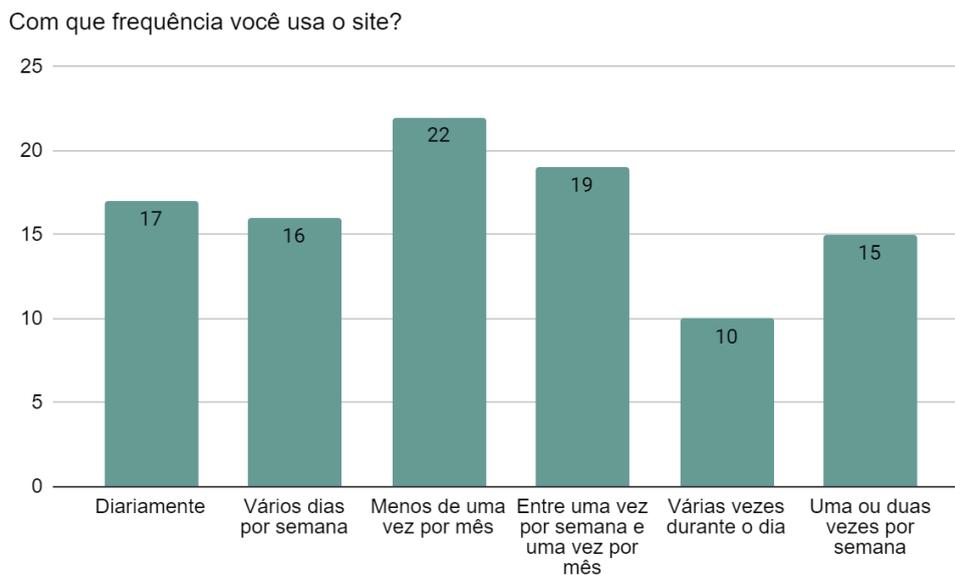
FIGURA 16 - Gráfico do tempo de uso do site



Fonte: a autora.

A maioria dos usuários está cadastrado e utilizando o “Spirit” há mais de 5 anos, não havendo ninguém que tenha se inscrito há menos de 6 meses. Isso pode indicar que a divulgação do formulário não chegou até os recém cadastrados no site ou, se chegou, não houve interesse por parte deles em participar. Pode indicar, também, uma diminuição no interesse de novas pessoas pelo site, contudo, como o “Spirit” não divulga mais quantos usuários estão cadastrados na plataforma, não é possível afirmar isso.

FIGURA 17 - Gráfico da frequência de uso do site

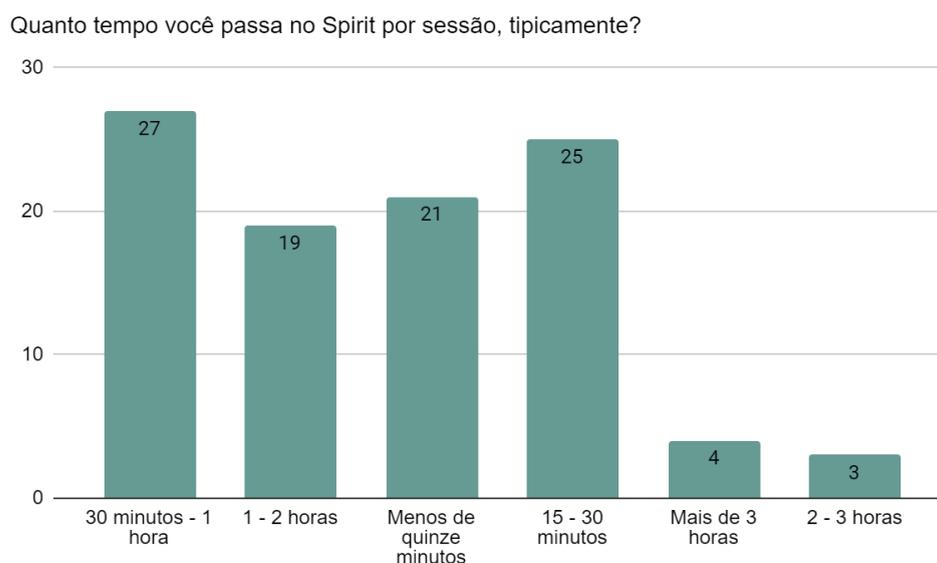


Fonte: a autora.

A frequência do uso do “Spirit” é bastante variada, com números bem parecidos para todas as 6 opções: usam o site menos de uma vez por mês (22), entre uma vez por semana e uma vez por mês (19), uma ou duas vezes por semana (15), vários dias por semana (16), diariamente (17) e várias vezes durante o dia (10). Todos responderam a essa questão.

Percebe-se, assim, que os participantes têm experiências bem variadas com o site, tendendo mais a usá-lo mais esporadicamente do que todos os dias.

FIGURA 18 - Gráfico das horas de uso do site



Fonte: a autora.

O tempo de sessão de uso também apresenta variabilidade, com números bem parecidos para quatro das seis opções. A maioria, com 27 respostas, usa o site entre 30 minutos e 1 hora. A segunda opção mais frequente, a sessão entre 15 e 30 minutos, conta com uma resposta bem próxima, contabilizando 25 participantes. Em seguida há as sessões de menos de 15 minutos, com 21 respostas, e as de 1 a 2 horas, com 19 respostas. As sessões mais longas são menos comuns: sessões de mais de 3 horas contabilizam 4 respostas e sessões de 2 a 3 horas contabilizam 3 respostas.

FIGURA 19 - Gráfico das atividades que os participantes realizam no site

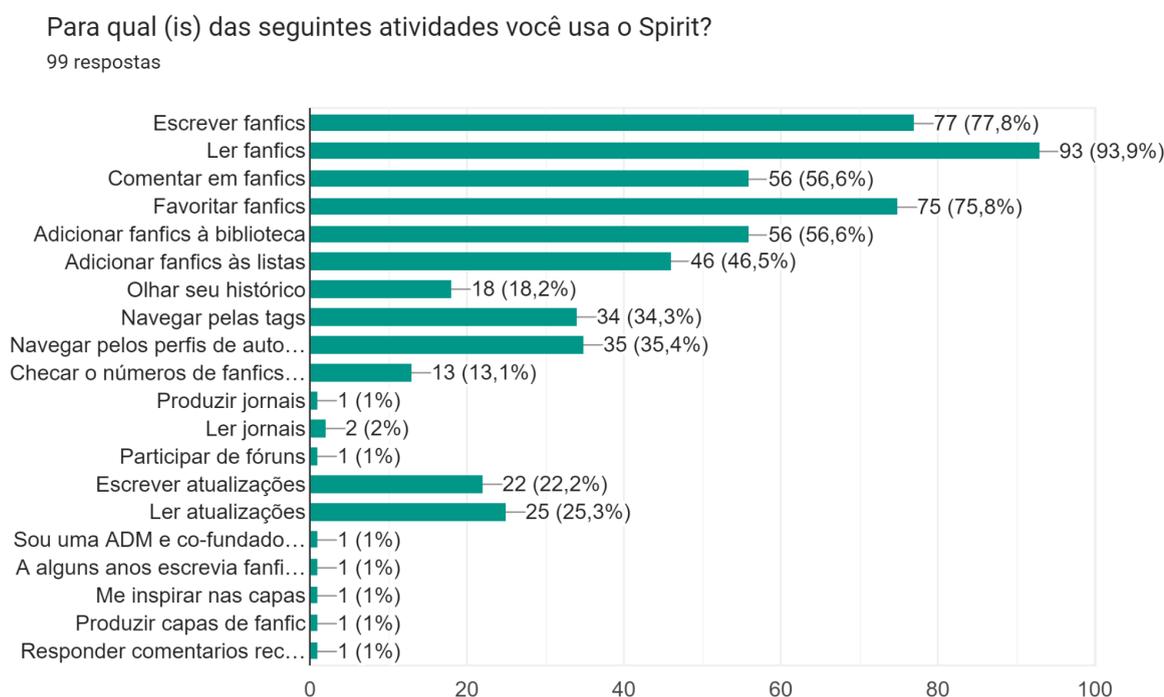


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

Referente às atividades que o usuário faz no site, é um uso bastante variado, sendo que as respostas escolhidas por mais participantes, sem surpresa, foram ler fanfics (93) e escrever fanfics (77). Interessante apontar que algumas pessoas adicionaram respostas digitadas à questão, trazendo as seguintes atividades:

- “Sou uma ADM (administradora) e co-fundadora de um projeto de escrita. Muitas vezes entro para verificar e resolver problemas com as histórias relacionadas ao projeto”;
- “A alguns anos escrevia fanfics mas parei por conta de outras responsabilidades”;
- “Responder comentários recebidos”;

- “Produzir capas de fanfic”;
- “Me inspirar nas capas”.

Na média, um usuário do “Spirit” está no site há mais de cinco anos, o utiliza poucas vezes no mês e em sessões mais curtas, não costumando passar muito de 1 hora de uso.

3.1.3. O que os usuários do “Spirit” lêem e escrevem?

A parte seguinte do questionário era destinada a obter informações sobre os gostos dos participantes, tomando como base as categorizações que o próprio “Spirit” oferece: classificação indicativa, gênero, categoria e fandom. As respostas foram as seguintes:

FIGURA 20 - Gráfico da classificação indicativa das fanfics lidas pelos participantes

Qual a classificação das fanfics que você prefere ler?

99 respostas

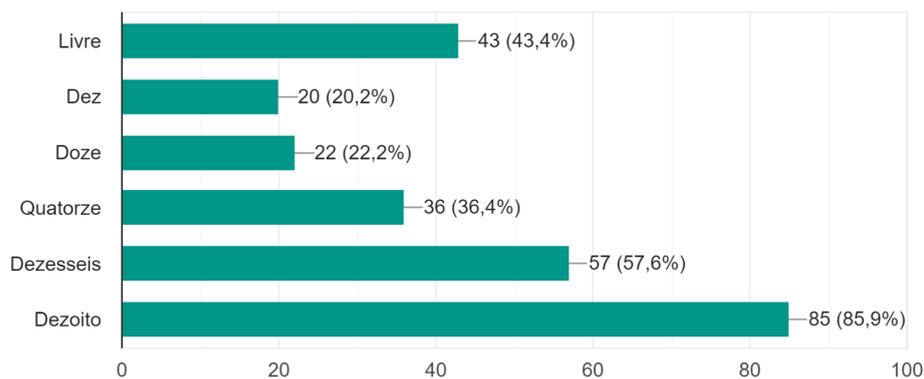


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 21 - Gráfico da classificação indicativa das fanfics escritas pelos participantes

Qual a classificação das fanfics que você costuma escrever?

89 respostas

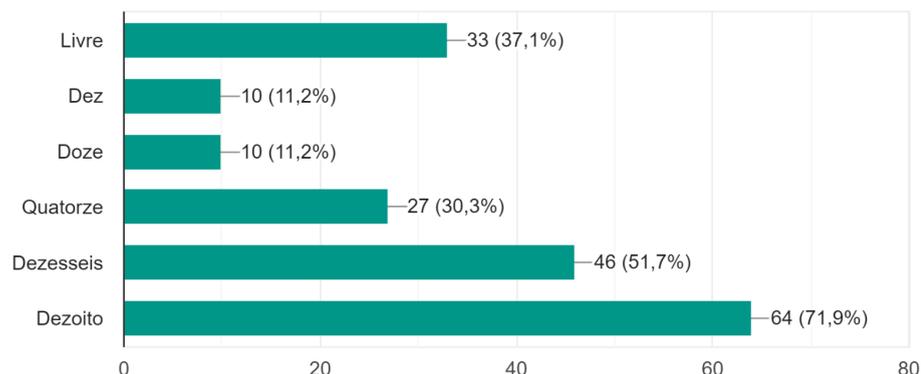


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

É possível verificar, na análise dos gráficos acima, que a maioria dos participantes tem preferência para fanfic categorizadas para maiores de 18 anos, seja na leitura (85 respostas) ou na escrita (64 respostas). Ainda assim, todas as classificações foram selecionadas, muitas pelos mesmos participantes, evidenciando uma diversidade nos assuntos e seriedade de tratamento dada a eles nas *fanfictions* consumidas e criadas pelos respondentes.

A pergunta seguinte era sobre o gênero de fanfic que os participantes preferiam ler e escrever.

FIGURA 22 - Gráfico do gênero das fanfics lidas pelos participantes

Que gênero de fanfic você prefere ler?

98 respostas

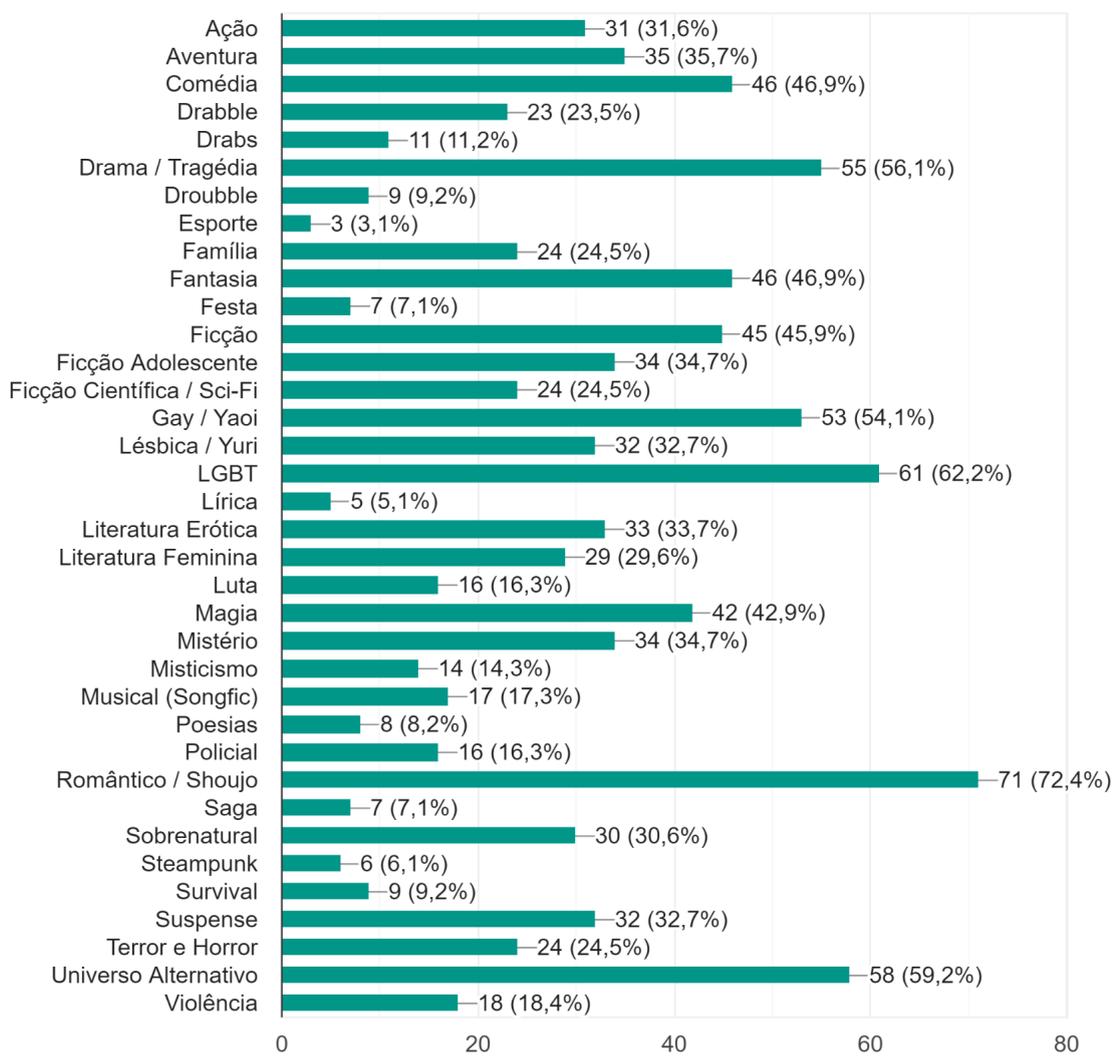


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

FIGURA 22 - Gráfico do gênero das fanfics escritas pelos participantes

Que gênero de fanfic você costuma escrever?

87 respostas

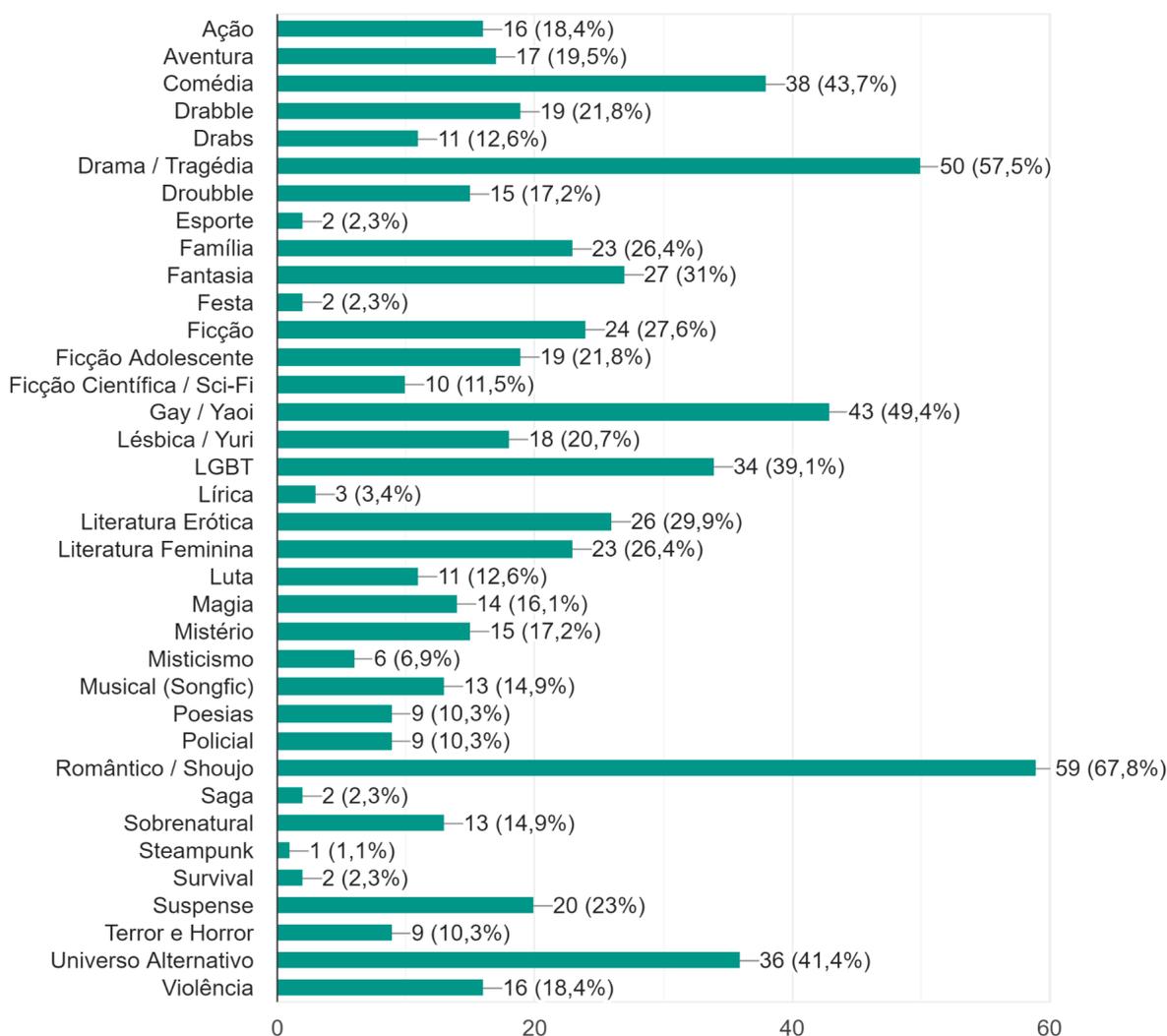


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Como na pergunta sobre classificação indicativa, todas as opções de gênero foram marcadas – até porque, no “Spirit”, é possível marcar diversos gêneros para uma mesma história. Há categorias que se destacam pelo número elevado de respostas, em especial a categoria “Romântico/Shoujo⁴¹”, que é, claramente, a mais escolhida tanto quando se trata de leitura (71 respostas) quanto quando se trata de escrita (59 respostas).

Analisando as questões separadamente, na leitura os cinco gêneros mais escolhidos são “Romântico/Shoujo” (71), “LGBT” (61), “Universo Alternativo” (58), “Drama/Tragédia” (55) e “Comédia” (46) e “Fantasia” (46).

⁴¹ O shoujo é uma categoria editorial japonesa utilizada em mangás e quadrinhos, que classifica a obra como voltada para o público feminino adolescente e jovem adulto, com histórias, originalmente, voltadas a romance, relacionamentos e vida escolar, mas se diversificou com o tempo.

Já quando se trata de escrita, os gêneros mais escolhidos são “Romântico/Shoujo” (59), “Drama/Tragédia” (50), “Gay/Yaoi” (43), “Comédia” (38) e “Universo Alternativo” (36).

As perguntas seguintes inquiram sobre quais categorias de fanfic os participantes preferem ler e escrever.

FIGURA 23 - Gráfico da categoria das fanfics lidas pelos participantes

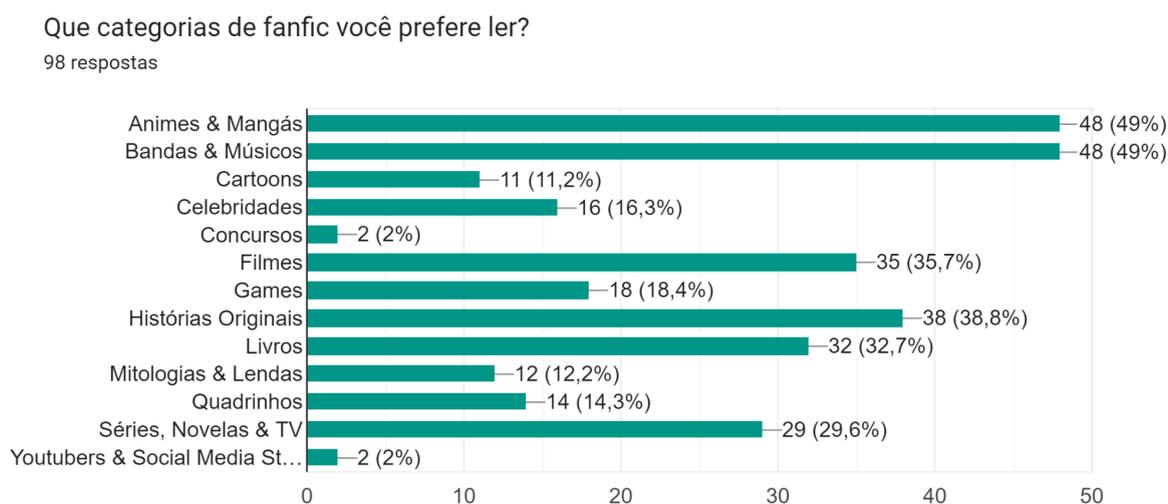


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 24 - Gráfico da categoria das fanfics escritas pelos participantes

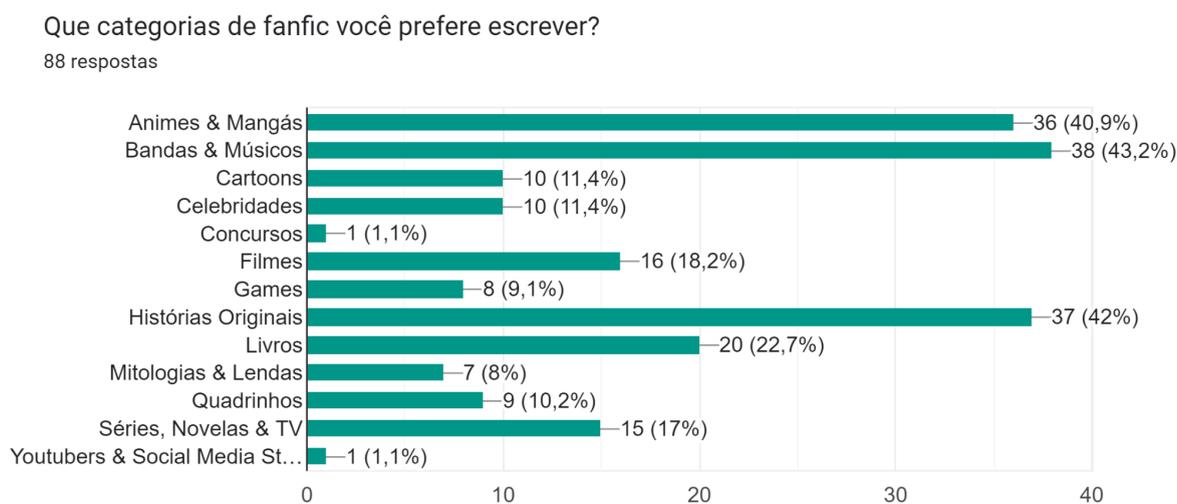


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Em ambas as questões, as categorias de “Anime & Mangás” (48 na leitura e 36 na escrita), “Bandas & Músicos” (48 na leitura e 38 na escrita) e “Histórias Originais” (38 na leitura e 37 na escrita) se destacam como as mais escolhidas, com uma diferença significativa em relação às outras categorias, principalmente quando se trata do que os participantes preferem escrever.

As questões finais dessa parte do questionário inquiriram sobre os fandoms dos quais as fanfics que consumiam e produziam faziam parte. A primeira questão, com categorias pré-definidas, englobava apenas os 11 fandoms mais populares do “Spirit”. Já a outra questão era aberta para que os participantes citassem outros fandoms de que fizessem parte. Abaixo há uma tabela com todos esses fandoms e o número de vezes que foram mencionados.

FIGURA 25 - Gráfico com os fandoms mais populares do “Spirit”

Você lê ou escreve fanfics dos seguintes fandoms populares no Spirit?

87 respostas

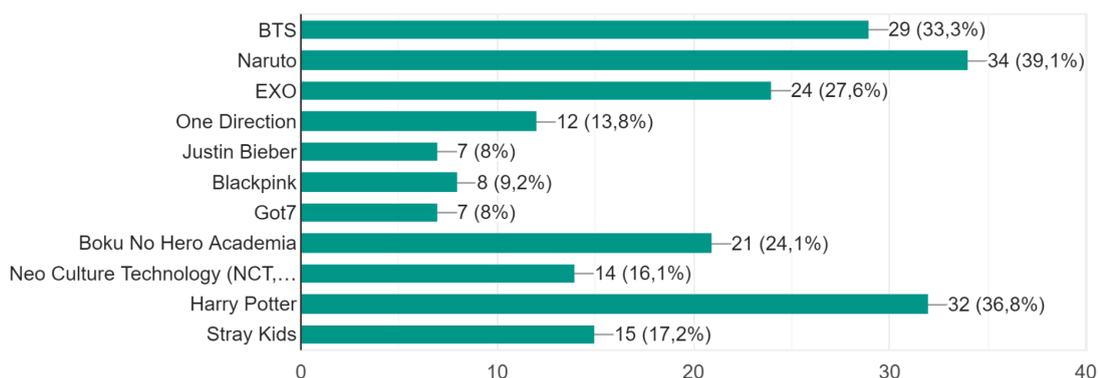


Gráfico gerado pelo Google Forms

Fonte: a autora.

FIGURA 26 - Outros fandoms citados pelos participantes

FANDOMS	Nº DE MENÇÕES	FANDOMS	Nº DE MENÇÕES	FANDOMS	Nº DE MENÇÕES	LEGENDA
TWICE	3	Amor Doce	2	Another	1	Animes & Mangás
Red Velvet	9	Teen Titans	1	Angel's Death	1	Animes & Mangás
Seventeen	4	Como Treinar o seu Dragão	1	Call of Duty	1	Bandas & Músicos
Tomorrow X Together (TXT)	6	Watch Dogs 2	1	Dr. Stone	1	Cartoons
Loona	5	Detroit: Become human	1	Kimetsu no Yaiba	1	Celebridades
The Boyz	3	Crepúsculo	3	Magos: Contos da Arcadia	1	Filmes
Iz One (IZ*ONE / IZONE)	3	Arrow	2	Hataraku Saibou	1	Games
Aespa	4	HAIKYUU	5	Chainsaw Man	1	Livros
STAYC	1	Viagem de Chihiro	1	The Promised Neverland	1	Séries, Novelas & TV
No.6	1	A Princesa e o Cavaleiro	1	Jujutsu Kaisen	4	
Kep1er	2	Death Parade	1	Black Clover	1	
A Seleção	2	Rangers	1	Harry Potter	2	
Percy Jackson	8	Brawl Stars	1	Attack on Titan	1	
Descendentes	2	Homem Aranha	2	NewJeans	2	
Gravity Falls	1	O Fantasma da Ópera	1	B.A.P	1	
Supernatural	3	A Casa Coruja	1	Sherlock Holmes	1	
Kuroshitsuji	1	Dear Evan Heasen	1	DC	1	
D Gray Man	1	Dororo	1	Star Wars	1	
House	1	EXO	1	Star Trek	1	
Miraculous Ladybug	1	NCT	1	The Umbrella Academy	1	
Game of Thrones	3	Genshin Impact	5	Tokyo Revengers	1	
Avatar: A Lenda de Aang	3	League of Legends (LOL)	2	Jojo's Bizarre Adventure	2	
She-ra	1	G-idle	1	One Punch Man	1	
Arcane	2	South Park	2	One Piece	1	
The Vampire Diaries	4	Os Vingadores	3	Enhyphen	1	
Jogos Vorazes	3	Demi Lovato	1	LE SSERAFIM	1	
The Cruel Prince	1	ATEEZ	1	IVE	1	
A Court of Thorns and Roses (ACOTAR)	2	The Originals	1	Pokemon	1	
Once Upon A Time (OUAT)	1	SF9	1	Onmyoji	1	
Supergirl	1	Cavaleiros do Zodíaco	4	Dreamcatcher	1	
Orphan Black	1	Lewis Hamilton	1	NU'EST	1	
DC Legends of Tomorrow (DCLOT)	1	Neymar Jr	1	Devil May Cry	1	
A League of Their Own (ALOTO)	1	Toni Kroos	1	Silent Hill	1	
5SOS	1	Charles Leclerc	1	Final Fantasy	1	
BTS	3	Hailey Baldwin	1	Nanatsu no Taizai	1	
GOT7	1	Dua Lipa	1	SHINee	1	
Naruto	3	James Rodriguez	1	Mo Dao Zu Shi (Os Indomáveis)	2	
Fairy Tail	2	Kylie Jenner	1	Dark	1	
TeenWolf	5	Spy x Family	2	IT	1	
Obey Me	1	Sandman	1	Drama Total	1	
Marvel	6	The Flash	1	Super Lovers	1	
Mystic Messenger	1	Blue Lock	1	Meninas Super-Poderosas	1	
The Walking Dead	1	Cobra Kai	1	Dragon Ball	1	
				Star vs as Forças do Mal	1	

Fonte: a autora.

3.1.4. O que os usuários do “Spirit” experienciam em questão de diversidade?

A parte final do questionário – e vital para esta pesquisa – perguntava sobre a presença de questões de diversidade na leitura e escrita de fanfics, pedindo que os participantes avaliassem isso em uma das quatro opções seguintes: “muito frequente”, “frequente”, “pouco frequente” ou “nunca”.

FIGURA 27 - Gráfico da frequência da presença de questões de gênero/sexualidade na leitura de fanfics

Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de gênero/sexualidade?

99 respostas

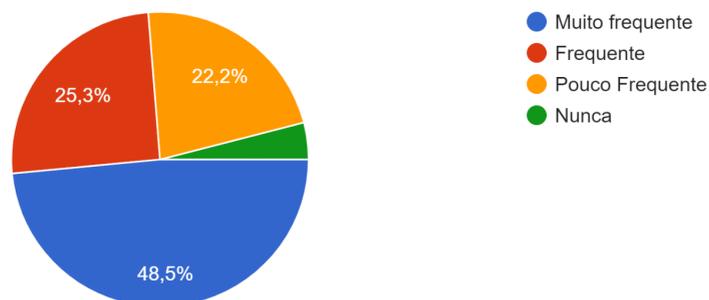


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 28 - Gráfico da frequência da presença de questões de gênero/sexualidade na escrita de fanfics

Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de gênero/sexualidade?

94 respostas

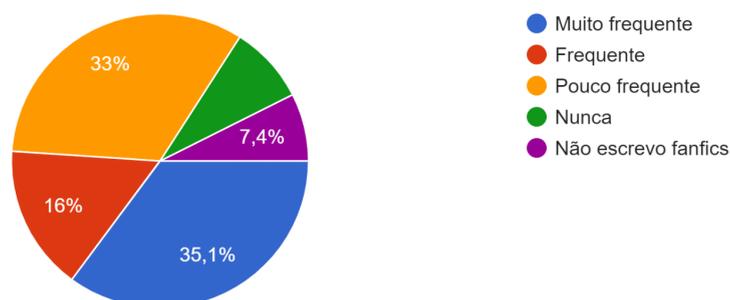


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Em ambos os gráficos, a percepção da presença de questões de gênero/sexualidade tende a ser alta. Na pergunta sobre leitura isso é mais evidente, com apenas 22 pessoas marcando “pouco frequente” e 4 marcando “nunca”.

Na questão sobre escrita, ainda que a resposta mais alta seja “muito frequente”, com 33 marcações, a segunda resposta mais marcada foi “pouco frequente”, com 31 marcações. Em uma análise que junta “muito frequente” e “frequente” em um extremo e “pouco frequente” e “nunca” no outro, a alta frequência é a resposta de mais da metade dos participantes.

As perguntas seguintes eram sobre a presença de questões de etnicidade na leitura e na escrita de fanfics.

FIGURA 29 - Gráfico da frequência da presença de questões de etnicidade na leitura de fanfics

Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de etnicidade/cor?

99 respostas

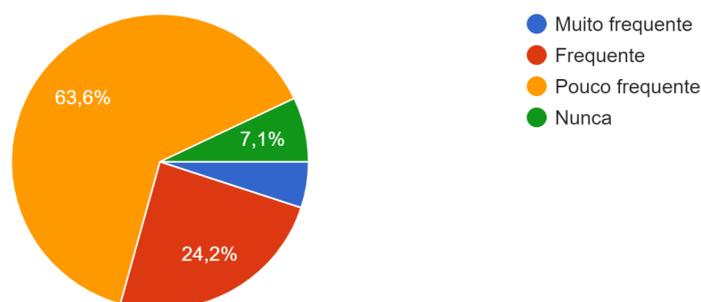


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 30 - Gráfico da frequência da presença de questões de etnicidade na escrita de fanfics

Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de etnicidade/cor?

94 respostas

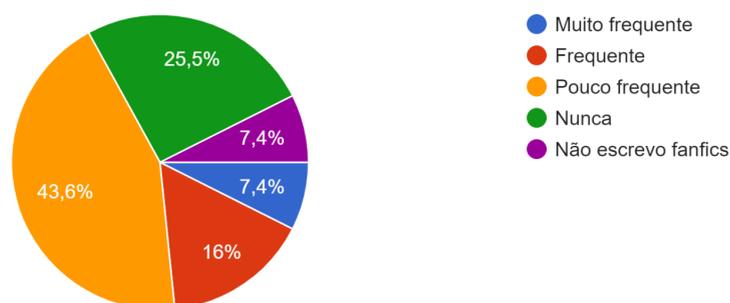


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Em comparação com o gráfico de gênero/sexualidade, a diferença é evidente: tanto na leitura quanto na escrita a percepção da frequência de questões de etnicidade/raça é pouco frequente, com o número mais alto de marcações para o “nunca” na escrita, quando comparado às outras questões dessa seção.

FIGURA 31 - Gráfico da frequência da presença de questões sobre classe social na leitura de fanfics

Com qual frequência você lê fanfics que abordem questões de classe social?

98 respostas

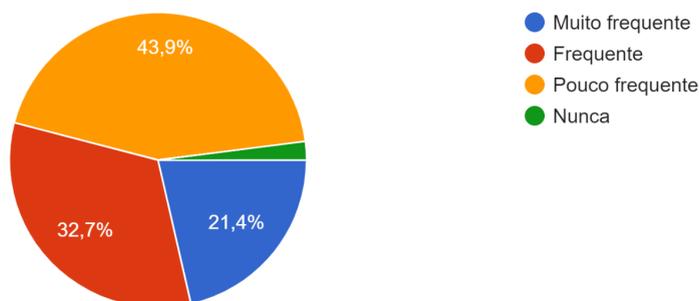


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

FIGURA 32 - Gráfico da frequência da presença de questões sobre classe social na escrita de fanfics

Com qual frequência você escreve fanfics que abordem questões de classe social?

95 respostas

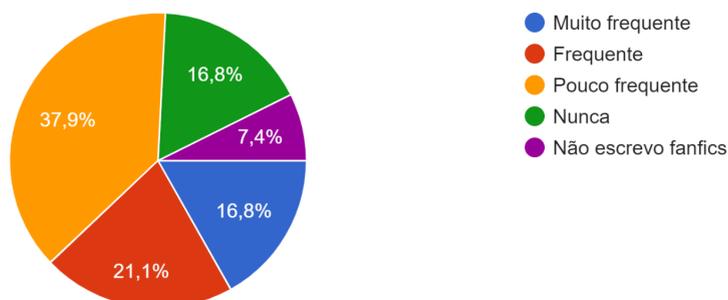


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Das três questões relacionadas à frequência de questões de diversidade nas fanfics, as sobre classe social tiveram a maior diferença entre as respostas sobre leitura e as sobre escrita. No primeiro caso, a resposta mais alta é “pouco frequente”, com 43 marcações. Juntando os dados de “muito frequente” e “frequente”, porém, eles somam mais da metade das respostas, com 54,1% das marcações.

Já quando se trata da escrita, a tendência à baixa frequência é mais evidente, com a junção das respostas “baixa frequência” e “nunca” somando 54,7% das marcações.

A última questão do questionário, por fim, perguntava sobre fanfics interativas, em que as pessoas criam personagens e mandam ao autor da fanfic, que insere tais personagens na história.

FIGURA 33 - Gráfico da etnicidade dos personagens criados pelos participantes para fanfics interativas

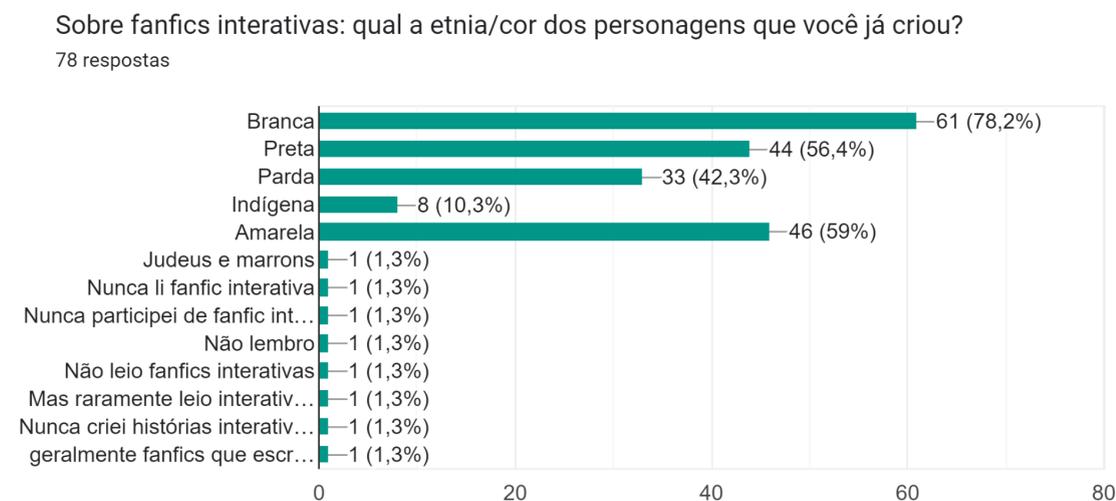


Gráfico gerado pelo Google Forms
Fonte: a autora.

Esse é um dado interessante, pois indica que os participantes desta pesquisa já se propuseram a criar personagens de etnicidades diferentes das suas – chegando a citar outras categorizações (judeus e marrons) – com números bastante significativos de personagens pretos (44) e pardos (33).

3.2. Os dados obtidos através de entrevistas

Após a finalização do formulário, 20 participantes que indicaram que gostariam de participar das entrevistas foram contatados.

A escolha foi aleatória, a partir dos 62 participantes que demonstraram interesse em participar dessa segunda fase da pesquisa. Busquei, porém, seguir os padrões demográficos demonstrados pelo questionário. Por exemplo: havia mais participantes brancos, sendo o segundo grupo mais frequente os que se identificaram como pardos e depois pretos. Procurei

manter essa proporção nas entrevistas, bem como as proporções em relação ao gênero, sexualidade, classe social e idade dos participantes.

Das pessoas contatadas, 7 responderam e aceitaram ser entrevistadas, sendo 2 das entrevistas realizadas via Google Meet e as outras 5 feitas por mensagem, no Whatsapp.

Em ambos os casos, as entrevistas duraram entre 25 minutos e 1 hora. As entrevistas foram pré-planejadas, tendo algumas questões base, mas tendo perguntas acrescentadas ou retiradas de acordo com cada entrevista em particular.

Todas as entrevistadas são mulheres, sendo 6 delas cisgênero e uma transgênero. Considerando a enorme maioria de mulheres que responderam ao questionário em comparação aos homens, esse grupo de entrevistas ainda está consonante com o que foi visto anteriormente. Importante ressaltar que, dos cinco homens que responderam o formulário, apenas um indicou que participaria da entrevista, não tendo respondido à mensagem de convite para tal.

Para manter as identidades das participantes anônimas, elas são apresentadas apenas com iniciais fictícias.

TABELA 1 – Perfil identitário das entrevistadas

Inicial	Idade	Gênero	Sexualidade	Raça/Etnicidade	Classe social	Tipo de entrevista
P1	22 anos	mulher transgênero	Bissexual	Preta	Classe E	Vídeo – Google Meet
P2	21 anos	mulher cisgênero	Heterossexual e demisssexual	Formulário: parda Entrevista: branca	Classe E	Mensagem – WhatsApp
P3	35 anos	mulher cisgênero	Heterossexual	Preta	Classe E	Mensagem – WhatsApp
P4	25 anos	mulher cisgênero	Heterossexual	Parda	Classe E	Mensagem – WhatsApp
P5	22 anos	mulher cisgênero	Heterossexual	Branca	Classe C	Vídeo – Google Meet
P6	18 anos	mulher cisgênero	Demisssexual	Branca	Classe C	Mensagem – WhatsApp
P7	30 anos	mulher cisgênero	Heterossexual	Branca	Classe E	Mensagem – WhatsApp

Fonte: a autora.

As entrevistas possibilitaram uma visão mais qualitativa dos dados coletados no formulário. Assim, além de perguntar sobre a experiência de leitura e escrita de *fanfiction* das entrevistadas – uma vez que todas as entrevistadas lêem e escrevem fanfic –, houve questões sobre como elas compreenderam certas questões do formulário, sobre suas relações com a diversidade presente na fanfic e, mais especificamente, sobre a presença de questões sobre classe social e etnicidade nas *fanfictions* com que tinham contato, fosse lendo ou escrevendo.

3.2.1. Fanfic como acesso à leitura e à escrita: relações com a literatura tradicional

Uma das primeiras perguntas da entrevista era sobre como foi o primeiro contato das participantes com a fanfic. Todas disseram que começaram a ler bem cedo, na infância ou na adolescência e, em suas respostas, fica claro o impacto que a prática de ler *fanfictions* teve na vivência literária delas.

P1, por exemplo, apresenta a fanfic como o que desencadeou seu hábito de leitura, com 14 anos, por indicação de uma prima. Sem dinheiro para comprar livros e sem o hábito de frequentar a biblioteca municipal de sua cidade, as fanfics eram mais fáceis de acessar.

Hoje em dia, mais do que a facilidade de acesso que a fanfic provê, P1 busca nas *fanfictions* uma imprevisibilidade, uma diversidade maior do que ela encontrou nas obras literárias tradicionais a que teve acesso quando mudou de escola e pôde ter acesso à biblioteca municipal. De acordo com ela:

É muito mais palpável ler fanfic porque eu lia, tipo, nessa época, adolescência e tudo mais, que eu ia na biblioteca municipal, eu só lia romance de gente branca, europeia, com as mesmas fantasias baratas de sempre. E chegou a ser maçante, por isso que eu fui caçar outro tipo de coisa para ler, por isso que eu fui ler Dan Brown, por isso que eu fui ler Game of Thrones, porque chegou um momento que eu sabia o que ia acontecer no livro depois que eu lia a primeira frase do livro. Então, na fanfic não é assim, sabe? Tipo, você encontra muita coisa ruim, mas você encontra muita coisa boa [...] É muito mais acessível de identificação, tem temas muito mais acessíveis, pautas muito mais acessíveis também. Tipo, a primeira vez que eu fui ler alguma coisa com, por exemplo, com personagem trans, foi em fanfic. E isso para mim é muito importante, né, porque eu sou trans (P1)

P1 traz um ponto muito importante, que é a variedade de assuntos que a fanfic permite, com os autores trazendo experiências próprias muito particulares e que, como ela mesma aponta, não encontrava em outros lugares com a mesma facilidade.

P5 traz um sentimento bastante parecido ao comentar sobre o que a faz ler e escrever fanfics hoje em dia. Ela, que começou a ler *fanfictions* aos 12 anos, em busca de mais conteúdos da série Harry Potter – uma vez que não estava satisfeita somente com o que lhe era oferecido nos livros –, continua nesse universo para ter uma maneira de expressar seus próprios sentimentos e vê-los refletidos na narrativa, também.

Hoje, mesmo porque eu sou bem mais velha, não tenho mais tanto tempo, então muitas vezes quando eu vou escrever alguma coisa, é uma... Por exemplo, uma one-shot⁴² aleatória. A última coisa que eu realmente escrevi e publiquei foi em 2020, foi uma one-shot de Avatar, a Lenda de Aang. E eu tentei muito traduzir o que eu tava sentindo naquele momento com a fanfic. Então passou de ser uma coisa muito... Assim, passou de ser só sobre aquele personagem, passou a ser um pouco sobre mim também. (P5)

Outro caso interessante é de P4, que teve contato com fanfic sem mesmo ter acesso aos sites específicos para tal, ilustrando as histórias que sua irmã mais velha escrevia:

A minha história com as Fanfics também vem desde novinha, eu via minha irmã escrevendo histórias que ela criava e lia com bastante afinho e Animação, como na época não tínhamos notebook e nem acesso a sites e talz, minha irmã usava o caderno de desenho para escrever e eu desenhava os personagens e alguns cenários (eu tentava, tinha uns 7/8 anos por aí kkkk) para ela (P4)

Quando teve acesso a um notebook, os sites de fanfic também foram apresentados por sua irmã e, alguns anos depois, passou a escrever também.

Outra participante que escrevia fanfics mesmo antes de saber o que eram de fato, foi P6, que gostava de escrever desde muito nova, mas, por preguiça de criar os personagens ela mesma, usava o de outras histórias para contar as suas. Só aos 12 anos que foi conhecer os sites de *fanfiction*, usando-os como autora e leitora desde então.

Ela faz um apontamento bastante interessante sobre seu interesse atual na fanfic. De acordo com ela, sente que seu gosto mudou bastante, gostando somente de ler one-shots e fanfics interativas e que, apesar de gostar de escrever, ainda o faz como uma maneira de ganhar validação.

Eu nunca conheci pessoalmente alguém que gostasse de escrever, eu nunca tive minha habilidade reconhecida, então era uma forma (e ainda é) de encontrar pessoas q tbm gostem de escrever e que realmente gostam do que eu faço por ser bom e não por ser eu (tipo as minhas amgs ou os meus pais, eles vão achar incrível minha escrita mas eles nem leem livros para ter uma comparação). Eu realmente tbm gosto de críticas, de saber como melhorar, e postar incentiva uma competitividade em mim de querer sempre ser melhor, postar algo melhor, ser mais surpreendente ou emocionalmente, então tbm acho isso bom (P6)

⁴² One-shot é uma *fanfiction* composta por um capítulo só.

Esse relato de P6 é uma confirmação da importância e do poder que a comunidade construída ao redor à fanfic tem (JAMISON, 2017; HELLEKSON; BUSSE, 2014), criando uma rede de apoio e incentivo à criação que muitos jovens e crianças não recebem em casa, na escola ou em outros ambientes que frequentam e que, querendo ou não, é um fator importantíssimo para que o interesse pela escrita seja mantido.

P7, P3 e P2 têm histórias bastante parecidas: estavam procurando mais conteúdo sobre livros ou séries que assistiam e acabaram encontrando fanfics sobre aquele fandom. Todas as três começaram a ler e, posteriormente, a escrever sobre seus personagens favoritos, muitas vezes escrevendo o tipo de conteúdo a que gostariam de ter tido acesso.

Experiências como essas validam a visão da fanfic como algo que incentiva a leitura e, mais, a prática da escrita como um *hobby*, uma atividade recreativa. Tanto é que pesquisadores como Ribeiro e Jesus (2019), Lima e Mercado (2020) e Souza, Silva e Santos (2020) apresentam o uso da fanfic em sala de aula como um incentivo à produção escrita, em que o estudante, em contato com os pontos positivos da *fanfiction*, se sente instigado a escrever mais.

Constata-se que as fanfics, verdadeiramente, despertam a paixão pela leitura, uma vez que o interesse em escrever Fanfics surge através de algo pela qual o autor já nutria certa afeição. Por esse motivo, incentivam o hábito da escrita e o seu aperfeiçoamento. (SOUZA; SILVA; SANTOS, p. 1427, 2020)

A importância da fanfic para as participantes se mantém, mesmo quando se fala de publicação tradicional, de obras originais, por meio de editoras. Nenhuma delas apresentou a fanfic como uma forma de “exercitar a escrita para uma publicação séria”, uma visão que pessoas que não escrevem fanfic têm e mesmo alguns autores de *fanfiction* (Jamison, 2017). Quando questionada sobre como via a relação entre fanfic e publicação tradicional, P5 foi bastante contundente em não diminuir o valor da primeira em detrimento da segunda:

É, eu acho que fanfic é muito descredibilizada, como se fosse uma coisa boba, mas como é uma coisa que é feita por pura paixão, não tem nenhum outro interesse ali além de realmente escrever sobre aqueles personagens ou então aquela história, eu acho que é uma coisa que é tão boa, boa entre muitas aspas aqui, quanto uma publicação normal. [...] E eu acho muito legal, porque tem muita gente que não consegue entrar na publicação tradicional logo de cara e ter essa plataforma às vezes ajuda muito. Tem vários casos disso, da própria Sarah J. Maas⁴³, que hoje é uma das maiores escritoras de literatura jovem adulto, começou como escritora de fanfic, com 16 anos. Então, assim, eu acho que não deveria ser tão descredibilizado quanto é, porque é uma plataforma que é super interessante. (P5)

⁴³ Sarah J. Maas é uma escritora *best-seller* de fantasia norte-americana, tendo lançado seu primeiro livro em 2012.

Com exceção de P5 e P4, que não foram questionadas especificamente sobre o assunto, todas as outras entrevistadas demonstraram interesse em publicar tradicionalmente algum dia, em intensidades variadas: P2, por exemplo, gostaria de ter algo seu impresso, um ficbook⁴⁴, por exemplo, mas não tem vontade de trabalhar como autora:

eu gosto de escrever o que eu gosto de ler. Não consigo me ver escrevendo para a massa, para vender. Eu já tenho pouco publico em relação a fanfic, por escrever o que eu gosto e não o que tá na moda (porque tem muito disso no ficdom), então eu fico engessada várias vezes com meu texto, mesmo fazendo por diversão. Não consigo me imaginar vendendo minhas coisas (P2)

P3 e P7 demonstraram interesse em publicar tradicionalmente no futuro, pensando em obras que não tenham, necessariamente, relação com as fanfics que têm escritas. Já P6 e P1 também apresentam essa vontade, mas são veementes em apontar como publicar um livro é custoso, especialmente no Brasil. P1, em particular, diz que adoraria que a escrita fosse sua profissão, mas o mercado editorial lhe parece bastante complicado:

Pelo que eu vejo o pessoal comentando, o mercado editorial era muito restrito, ainda é muito restrito, por determinadas bolhas, por determinadas narrativas, por determinados eixos sócio-políticos, econômicos também. E tipo, eu acho que não tem espaço para pessoas como eu, que escrevem coisas como eu escrevo, que falam de coisas como eu falo. (P1)

Na fanfic, porém, essas mulheres têm um espaço em que podem escrever o que desejam e serem recebidas por uma comunidade que lê e comenta em suas criações, como elas mesmas apontaram em suas entrevistas. Isso comprova, em parte, o que os estudos apontam sobre a fanfic como um espaço para vozes marginalizadas, que não teriam como levar sua escrita a uma audiência pelos meios tradicionais, pelo menos não com facilidade (LORENTE, 2020; KOEHM, 2018).

Como foi apontado no começo deste trabalho, contudo, a igualdade participativa (BURT, 2017) não é tão plena quanto parte da teoria apresenta, o que será discutido no próximo tópico.

3.2.2. A *fanfiction* como espaço para a diversidade: o bom e o ruim

Outra parte das perguntas das entrevistas era voltada para o nível de diversidade da fanfic, retomando as perguntas feitas no questionário sobre com que frequência os participantes encontravam questões de sexualidade, gênero, classe social e etnicidade/raça tratadas nas fanfics que liam ou escreviam.

⁴⁴ Ficbooks são, como o nome denota, fanfics diagramadas, impressas e encadernadas como livros. São divulgados e vendidos entre o fandom de que a fanfic faz parte.

Foi pedido que as entrevistadas descrevessem no que pensaram quando responderam à série de três perguntas sobre diversidade no questionário. A necessidade de incluir essa questão na entrevista surgiu da percepção – óbvia, porém atrasada – de que nem todos os participantes entenderiam diversidade como eu, que considere a presença de personagens de diferentes classes sociais, sexualidades, gêneros e etnicidades como o suficiente para considerar a fanfic diversa, sem a necessidade de abordar, também, problemáticas vividas pelas minorias, como a homofobia e o racismo.

Das entrevistadas, a única que pensou em diversidade como, além de ter personagens minoritários, também trazer as dificuldades particulares vividas por aquele grupo foi P4, que achava importante ter isso abordado, mesmo que não fosse o tema principal da história. Usando a presença de personagens LGBTQIAP+ como exemplo, ela explicou seu ponto de vista:

eu acredito que quando uma fanfic tem como proposta trazer personagens LGBTQIA+, é bacana e traz uma profundidade você trazer todos os aspectos, não somente eles falarem que são e pronto, porque mostra como se fosse muito fácil quando na realidade não é assim (P4)

Para as outras participantes, bastava a representatividade de ter personagens diversos participando da história. P3, por exemplo, fez questão de ressaltar que não basta que os personagens estejam na história, eles devem ser personagens principais. Já P7 vai além, explicando que, para a sua realidade, pensando no lugar em que ela vive e nas pessoas com que convive, ter essa representatividade mais sutil, a seu ver, é até preferível:

[...] vai criando aquela empatia pelo outro que é diferente, entendeu? Aquela empatia pela diferença, vai criando aquele laço. Então pra mim, na minha realidade, no meu mundinho que é roça, é esquecido... tenho mais contato com pessoas mais velhas e assim... no meu entendimento já é algo, não é o ideal, mas para entender esse pessoal que é mais tradicional e preconceituoso, eu acho que ir salpicando a história aos pouquinhos com a diversidade seria algo positivo, entendeu? (P7)

P6 tem uma opinião bastante parecida à de P7:

Eu gosto de ler histórias fantásticas, num mundo fictício, enrao [sic] acho que tratar essas questões com naturalidade e dar representatividade é essencial. Claro que eu tbm leio bastante livros que retratem racismo, lgbtqfobia, mas gosto quando a gente fecha os olhos pro preconceito e coloca representatividade (P6)

Além disso, as entrevistadas também foram questionadas sobre quão importante era a diversidade nas fanfics para elas. As respostas tenderam a dar importância, sim, a isso, mas não como o ponto principal. Duas entrevistadas, P3 e P4 apontaram, também, que pensar

sobre a diversidade das histórias foi um senso que desenvolveram depois de algum tempo lendo fanfics, não era algo a que se atentaram desde o começo.

Então não tem como eu generalizar, mas eu confesso que quando eu era nova eu não dava importância para esse tema. Só que quando eu estava escrevendo uma fanfic de Boku no Hero em que a protagonista estava passando por um momento de machismo, eu percebi que os leitores se sentiram meio revoltados e queriam até que matasse o personagem por ser machista com ela, então trazer temas assim começou a me interessar. Foi nesse momento que eu percebi que é importante sim (P4)

Outro grupo de perguntas na entrevista era sobre como a diversidade aparecia na escrita das entrevistadas: elas se propunham a escrever vivências diferentes das suas, a trazer diversidade para as suas fanfics? Tinham algum desafio em relação a isso?

As respostas a essas questões foram bastante interessantes pois, em seus relatos, as entrevistadas se mostram cientes de que nem toda representatividade nas fanfics é bem feita e que, mesmo em áreas tão mais debatidas e, de certa forma, comuns na fanfic como a sexualidade, há muita coisa a ser explorada.

Essa consciência do quão prejudicial é uma representação mal feita está muito presente nas falas das entrevistadas, em uma preocupação de pesquisar e serem respeitadas ao escrever – o que, no caso de P4 e P5 se torna até uma barreira na hora de escrever, por receio de poder ser ofensivo sem intenção:

eu queria trazer mais diversidade sim nas Fanfics antigas que eu escrevia mas eu sempre sentia aquela pontada de medo de acabar trazendo de forma errônea sobre o tema mesmo pesquisando e talz, porque não estou no meu lugar de fala e ficaria muito triste. Isso já aconteceu comigo quando quis trazer em uma fanfic minha um personagem autista, mas como eu era muito nova e não tinha contato eu não trouxe de forma correta e teve uma leitora que se incomodou muito, porque ela tinha um irmão mais novo autista. (P4)

Acaba que para ler, eu não me incomodo nem um pouco em questão de sexualidade e gênero, eu acho que para mim é muito mais uma questão emocional do que uma questão disso. Mas para escrever, caso eu fosse escrever, por exemplo, um personagem homossexual, seria muito mais difícil, porque é uma realidade muito diferente da minha. E não tem como você importar isso para a escrita sem, de certa forma, trazer as dores que essas pessoas sofrem. Então eu já acho que seria um pouco mais difícil. (P5)

Já P1, embora tenha a mesma opinião da importância de pesquisar e ter muito cuidado ao retratar vivências diferentes das suas, encara essa necessidade com tranquilidade, e até mesmo gosta dessa fase do processo de escrita.

olha, acho que nunca parei para pensar nisso porque sempre escrevi com personagens similares... um pouco o grupo de K-POP, mas... eu sempre entendi certas questões que rondam, como, por exemplo, essas questões de orientalismo, que nunca chegou pra mim lidar com isso exatamente na minha história... mas acho

que escrever, tipo, sobre classe social diferente é tão abismal essa diferença de quando você vai ver o que realmente é uma classe alta e o que você tá equiparado, assim, no mundo. É muito complexo e tem todo o lance de pesquisa, de trabalho por trás. Enfim... demanda tempo, mas é gostoso, não vou negar que não seja gostoso, é bom ver tudo bem desenvolvido, bem atado no final. (P1)

Ao falar de suas experiências escrevendo, as entrevistadas também trouxeram situações em que se depararam com representações incômodas, trazendo exemplos relacionados ao gênero e à sexualidade. P6, em particular, trouxe sua experiência como autora de *fanfictions* interativas, falando sobre os personagens que os leitores lhe enviaram:

Então... Eu tenho uma regra de proibir demissexualidade e tem um motivo. Hj eu abranjo essa regra pra abrossexuais tbm. Mas é basicamente pq eu cansei de ver fichas tão erradas e que sexualizavam isso que me deixavam desconfortável, ou até faziam o pior tipo de estereótipo. Eu mesma prefiro não fugir do hétero + lgbp pq tenho medo de não saber trabalhar tão bem. (P6)

[...] especialmente personagens femininas nas Fanfics, a gente acaba vendo umas situações de machismo que a autora escreve e acredito que nem percebe porque é algo estrutural sabe? Mas já me incomodou sim, e também em questão de relacionamento, já vi Fanfics que romantizavam algumas coisas quando claramente era abusivo. (P4)

As questões sobre classe social e etnicidade serão exploradas no próximo tópico, mas ao comentarem sobre a escassez de conteúdo nessas áreas, algumas participantes também levantaram outros grupos minoritários que aparecem pouco nas fanfics. P7 citou pessoas com deficiência e pessoas gordas, P6 trouxe as questões de saúde mental.

E assim eu não sei se cabe na mesma caixinha, tipo eu não sei se tem o mesmo peso... mas assim, eu tenho obesidade mórbida, né? Eu emagreci 32 quilos em um mês, meu ápice foi 140 [quilos] com 28 anos. Então, assim, se eu achasse mais histórias tratando de obesidade com respeito, entendeu? Não é romantizando, pelo amor de Deus... é tratando com respeito, com naturalidade, aquela questão da pessoa ser gordinha, entendeu? [...] se eu achasse mais histórias assim eu ia ler, eu ia amar, ia amar mesmo. (P7)

Apesar dos problemas, das lacunas de representação, todas as entrevistadas concordam que a fanfic é mais diversa do que a mídia tradicional, sendo que encontram, de fato, uma diversidade maior de temas e personagens nas *fanfictions*.

Encontro sim. Pode soar estranho, mas era raro vermos livros lgbt em exposição nas livrarias (hj tem), mas nas fanfics, sempre foi um tema recorrente. Questões étnicas tbm, vejo mais representatividade (sem abranger questões como racismo) em fanfics do que em livros. Não querendo invalidar, mas muitos livros famosos com personagens negros não são livros de temáticas como romance, e sim livros que retratam do racismo. As fanfics naturalmente tem muita representatividade e retratam o Brasil (mesmo quando elas se passam no exterior, as autoras incorporam algo da cultura brasileira lá). Infelizmente a literatura nacional não é valorizada, os livros mais famosos são estrangeiros, então é uma forma de mostrar a cultura brasileira também (P6)

Olha, é inegável isso, no universo das fanfics tem mais diversidade, seja LGBT, seja étnico, seja qualquer coisa... seja isso que a gente tava comentando sobre deficiências. As vezes até numa história junta muita coisa diferente, tipo... personagem que é demisssexual e tem alguma deficiência, entendeu? (P7)

Nossa, eu acho que a mídia tradicional, justamente por ser tradicional, por passar por um longo processo de revisão antes da publicação, passar pela mão de várias pessoas, ela acaba sendo muito mais contida. Então fanfic, como é realmente o autor e o público, um de frente pro outro, é muito mais fácil, você consegue abordar muito mais temas, muitos temas mais complexos também... É... Acaba que tem uma abertura muito maior, porque não tem um afunilamento de assunto que às vezes a mídia tradicional considera que tem que ter para um livro ser publicado e ter sucesso. (P5)

Como P5 aponta, as fanfics têm características muito próprias que as tornam tão especiais quando se trata da diversidade, algo extensamente tratado em estudos sobre o gênero e comprovado pela experiência das entrevistadas.

3.2.3. Classe social e raça na fanfic e nas vivências das participantes

O último grupo de perguntas das entrevistas era voltado à classe social e à etnicidade. Uma das primeiras percepções é sobre as questões sobre classe social que, assim como no questionário, se mostram muito presentes nas experiências de leitura e escrita das participantes. Quando questionadas sobre a presença dos quatro tipos de minoria estudados nesta pesquisa (gênero, sexualidade, classe social e etnicidade), as respostas das entrevistadas foram:

Então, eu acho que na verdade o ponto mais explícito assim é sobre classe social, porque pelo menos para mim, como os livros que eu li, as mídias que eu consumia, tinham muito de classe social, como por exemplo, Jogos Vorazes, Harry Potter mesmo, A Seleção, tudo isso tinha a ver com classe social de certa forma, então eu acho que na fanfic isso se traduzia um pouco. (P5)

Então, sobre classe social sim... tanto é que a história minha atual fala sobre os perrengues do pobre (ri), mas... é com respeito também... é aquela Dizem as más línguas, o nome da história que eu tô postando ainda, é um longfic. E tipo... nessa história em específico fala dos perrengues que o Changbin, personagem principal, entra após se mudar pra um prédio que é mal acabado, cheio de problemas estruturais. (P7)

No caso de P1, que respondeu que encontra questões sobre classe social com bastante frequência nas fanfics, foi pedido que desse um exemplo do que se encaixaria nisso e sua resposta foi:

Olha... é meio merda o que eu vou falar, mas aquelas fanfics basiconas de chefe e o funcionário, sabe? Tem um parada ali, mas ultimamente eu vejo muito mais gente que eu leio abordando isso com mais responsabilidade e seriedade. Até mesmo nas discussões que se tem ao redor da fanfic.. dinheiro é sempre uma questão a ser trabalhada: tipo um personagem tem mais e outro tem menos e isso entra na trama de maneira muito precisa e concisa de acordo como o que vai se desenvolvendo. (P1)

Os relatos das entrevistadas demonstram que a classe social está, sim, muito presente, tanto nas histórias que originam as fanfics quanto nas *fanfictions* em si, apenas não de maneira crítica, como aponta P1, ao comentar que vê a questão sendo trabalhada com mais seriedade ultimamente – coisa que não acontecia antes, infere-se.

Já sobre etnicidade, a situação é diferente, tendendo a apontar para uma falta de representação ou mesmo consideração dessa questão por parte das entrevistadas.

É difícil achar Fanfics assim infelizmente. Quer dizer, as Fanfics sobre representatividade LGBTQIA+ são mais fáceis, mas em questão de raça e etnicidade é muito complicado (P4)

questões de raça... Nossa, é muito incrível você parar para pensar nisso, porque a gente sempre... Porque, pelo menos eu, que sempre li fanfic de asiático, poucas fanfics fora do eixo de k-pop que eu li, é muito difícil ter personagens negros nos enredos. É muito mais comum quando essas narrativas são focalizadas no [inaudível], né? Mas é muito difícil você ver personagens negros. (P1)

Nas fanfics interativas, com que P6 tem uma experiência mais extensa, a situação não é muito diferente:

[...] é muito mais comum apenas reservarem fcs⁴⁵ brancos (no máximo coreanos, nem asiáticos). E acredito que isso seja culpa da nossa representatividade cultural, pq é mt mais fácil achar um ator branco com bastante material do que um ator de cor (P6)

Essa falta de representatividade não é sem consequências. P3, mulher preta e a única das entrevistadas a escrever personagens negros e indígenas com frequência em suas fanfics, conta como essa realidade até a desanimou de escrever personagens que não fossem brancos, no começo de sua vida como autora de *fanfictions*:

Então, eu quero escrever histórias que sejam diversas porque o mundo é assim. Mas como eu disse, tem muitos fandons que eu acompanho e muitas personagens que são brancas, que eu também gosto muito e por isso escrevi na maioria das minhas histórias como protagonistas personagens brancos.

Por outro lado, eu também deixei de escrever sobre as personagens que eu queria (aquelas não brancas) por muito tempo, porque sentia que não seria lida, por não ver muitas fanfics em português focadas nessas personagens.

Eu acho que parte do motivo que escrevemos é porque queremos ser lidos e eu queria ser lida, por isso não escrevi, na época também me sentia muito insegura e achava um esforço inútil retratá-las para ninguém ler. Por outro lado, acredito que se soubesse inglês, onde o fandom é maior e acolhe muito mais outros personagens fora dos principais (pelo menos em determinados fandons), eu teria me arriscado mais. (P3)

⁴⁵ Faceclaims – aqui abreviado como “fcs” – são as celebridades ou personagens que os leitores usam para representar a aparência dos personagens que criam nas fanfics interativas.

P7, por outro lado, relata que escreveu uma one-shot com personagens negras, por conta de um desafio de escrita temática que o “Spirit” promoveu no mês da consciência negra em 2022. No geral, contudo, escreve personagens asiáticos, apenas.

Eu só escrevo com K-POP... cai nisso né? Cai... porque o asiático é amarelo, eles falam, raça amarela, né... Eu não entendo muito bem dessa questão, mas eu acho que é sobre isso... Ah, e também fiz uma, não sei se foi só uma, uma história sobre pessoas negras, sabe? Fui destaque, aquela “Fios de Algodão” que eu postei na minha conta secundária, essa ChangChan⁴⁶ e essa que eu tô comentado que foi pro mês da consciência negra... acho que foi só essa que eu escrevi (P7)

Esse é um ponto interessante e um complicador da discussão de etnicidade: o fato de que a experiência com escrita e leitura de personagens não-brancos das entrevistadas é, em maioria, com personagens asiáticos, questão que será discutida mais profundamente num tópico abaixo. P1, P7 e P2 escrevem, majoritariamente, no fandom de grupos de K-pop⁴⁷ e P4 sobre K-pop e animes⁴⁸. Isso está em consonância com os dados reunidos por centrumlumina (2016) sobre o site AO3, ao constatar que os casais não-brancos com mais fanfics e, logo, com mais popularidade no site são asiáticos.

⁴⁶ É o nome dado ao casal formado por Bang Chan e Changbin, membros do grupo de k-pop Stray Kids.

⁴⁷ Música pop coreana.

⁴⁸ Animação japonesa.

4. DISCUSSÃO

4.1. Gênero e sexualidade nas *fanfictions*

De acordo com os resultados do questionário e das entrevistas, as questões de gênero e sexualidade são, de fato, tópicos muito presentes na fanfic. É, claro, uma exploração longe de ser perfeita, como evidenciam os exemplos de machismo nas fanfics relatados por P4 e as más representações fetichizadas de sexualidades menos conhecidas apontadas por P6. Ainda assim, há muito espaço para muitas narrativas interessantes e inovadoras de uma maneira que a mídia tradicional ainda não comporta.

A cultura pop e a mídia são imensamente influenciadas pela sociedade em que vivemos. Isso significa que muitas vozes e experiências são descartadas e omitidas da mídia que consumimos, favorecendo a experiência branca, heterossexual e majoritariamente masculina. [...] Assim, a marginalização de escritores mulheres, *queer* e não-brancas no mundo editorial, em adição ao descaso com suas experiências na mídia, pode ser a razão pela qual fãs se voltam à *fanfiction* para escrever e ler sobre algo com que podem, finalmente, se relacionar.⁴⁹ (LORENTE, p. 11, 2020 – traduzido pela pesquisadora)

Como refúgio para vozes de mulheres e pessoas *queer*, a fanfic oferece, realmente, uma abertura excepcional – o que é verificável pelo grande número de mulheres e membros da comunidade LGBTQIAP+ na pesquisa. Histórias como a de P1, uma mulher transgênero que leu sua primeira narrativa com uma pessoa trans na forma de fanfic, mostram a importância de poder se enxergar na mídia que consumimos.

Outro exemplo disso é P5, que relatou ter tido seu primeiro contato com ideias feministas por meio da fanfic:

Aparece muito também personagens femininos que são assim *badass*, sabe, aquele estereótipo de personagem fodona e tudo mais. Isso aparece com certa frequência e eu acho que são jeitos de se iniciar um pouco no feminismo, porque você começa a ver que nem toda personagem principal tem que ser aquela princesa que tem que ser resgatada, que está presa no topo de uma torre. Então eu acho isso interessante, pelo menos para mim, foi um dos jeitos que eu comecei a entender o que era o feminismo, foi lendo e escrevendo. (P5)

⁴⁹ Pop culture and media are hugely influenced by the society we live in. This means that a lot of voices and experiences are dismissed and omitted from the media we consume, favouring the white heterosexual and mostly male experience.[...] Furthermore, the marginalisation of women, queer and POC writers in the publishing world, added to the disregard of their experiences in media, might be the reason why fans turn to fanfiction to write and read about something they can finally relate to

4.2. Classe social nas *fanfictions*

A presente pesquisa foi construída com base na hipótese de que questões sobre classe social e etnicidade eram pouco exploradas na *fanfiction*. No caso da classe social, contudo, essa hipótese não se concretizou.

O grande número de participantes que marcaram “frequente” no formulário para a presença de questões sobre classe social em fanfics foi confirmada pelas respostas das entrevistadas, que evidenciaram para mim como essas questões estão em cada interação entre personagens ricos e pobres, seja ela feita com um embasamento crítico ou não.

O formulário também evidenciou que essa presença da classe social nas histórias pode ser um reflexo de quem são as pessoas escrevendo as fanfics: pessoas que se classificam como classe baixa e média, com pouquíssimos respondentes fazendo parte de classes altas. E, como P6 bem apontou em sua entrevista, as *fanfictions* acabam retratando o Brasil, mesmo que se passem em outro lugar do mundo. Trazer as questões socioeconômicas do país, mesmo que de maneira superficial, parece natural, nesse caso.

Claro, cabe pesquisa sobre como, de fato, a classe social aparece nas histórias. Se fica estanke a ter um personagem muito rico, um muito pobre e seus choques de realidade um com o outro, ou se há movimentos para ir além.

Uma das obras muito citadas nas entrevistas e no formulário quando o assunto é classe social, por exemplo, a série de livros Jogos Vorazes. A história segue Katniss, uma garota vivendo em um futuro distópico em que, todos os anos, um grupo de crianças e adolescentes vindo de cada parte do país devem lutar até a morte. Tudo isso televisionado como um grande entretenimento para a classe dominante do país. Ela é escolhida para participar desse massacre e, após sobreviver, acaba se tornando o símbolo de uma revolução que abala a nação.

Apesar de, na época em que foi publicada, ter sido vendida como mais um livro de romance adolescente, a trilogia de livros é toda composta de uma crítica social ferrenha que, com certeza, se encaixa como uma questão sobre classe social. Como a fanfic aborda isso, em sua maioria? A crítica se perde, dando enfoque apenas aos relacionamentos da protagonista? Ou se mantém e abre espaço para atualizações a cada reescrita? Esses são alguns dos muitos questionamentos que podem ser levantados sobre a questão.

4.3. Etnicidade/raça nas *fanfictions*

Diferente da classe social, a questão da etnicidade/raça dos personagens está em conformidade com a hipótese levantada no início desta pesquisa de que há uma frequência baixa desse tipo de representação nas fanfics.

Como foi apontado pelos dados do questionário e pelas respostas das entrevistadas, personagens brancos ainda dominam as *fanfictions* e, em uma espécie de ciclo, essa falta de personagens não-brancos pode desencorajar que os autores escrevam sobre o assunto, como relatou P3.

Cabe, assim, o questionamento sobre o porquê dessa realidade. Para tal, trarei teóricos antirracistas, numa tentativa de levantar respostas. Os apontamentos feitos aqui, contudo, são muito mais questionamentos para a abertura de debates sobre o assunto do que soluções finais.

4.3.1. Como o *soft power* coreano, japonês e chinês afeta as *fanfictions*

Nas pesquisas sociológicas, pessoas asiáticas são apontadas como “brancos honorários” (honorary whites), termo esse que se refere a grupos que alcançaram uma classificação intermediária na hierarquia racial em que a branquitude ocupa o topo. Jiannbin Lee Shiao, professor de sociologia na Universidade do Oregon, explica esse fenômeno:

Sob certas condições, determinados não-brancos podem se tornar socialmente vistos como brancos honorários, como quando o regime do apartheid da África do Sul designou os japoneses como brancos depois que o Japão se tornou o maior parceiro comercial do país. Em particular, os asiáticos transraciais adotados são um subgrupo atraente de asiático-americanos porque sua socialização em famílias brancas lhes dá uma familiaridade excepcionalmente íntima com a cultura branca. De fato, sua aceitação entre os brancos pode ultrapassar até mesmo a de etnias asiáticas e latinas de terceira geração e posteriores (Macias 2006; Tuan 1998). Em contraste, os sociólogos expressaram menos concordância sobre o quanto os brancos estenderam a aceitação condicional a imigrantes negros, latinos de pele clara e multirraciais selecionados (Gullickson e Morning 2011; Roth 2012; Waters 1999). (p. 790, 2017)

O termo é problematizado atualmente, com pesquisas que demonstram que grupos asiáticos sofrem violências racistas e xenofóbicas, por mais “benevolentes” que possam parecer os estereótipos associados a eles (TUAN, 1968; MENON, 2016). Ainda assim, é uma conceituação para ajudar a entender a grande presença de asiáticos na fanfic como a única representatividade étnica não-branca para muitos leitores e autores.

Isso é relevante porque são autores brancos, em maioria, retratando essas personagens asiáticas, sem o aparente temor em ser desrespeitoso ou racista quando se fala da escrita de outras etnicidades. O ponto, de maneira alguma, é implicar que a representatividade de pessoas asiáticas é menos importante do que a de outros grupos étnicos, mas há, evidentemente, uma diferença de tratamento entre os dois quando se trata da fanfic, e cabe questionar o porquê disso.

Uma primeira hipótese é a aproximação de certos grupos asiáticos à branquitude, como explicado acima. Se considerarmos que a ausência de personagens não-brancos na fanfic é uma faceta de um racismo estrutural – o racismo entranhado na sociedade, na linguagem, na cultura, e que acaba sendo reproduzido, não por uma intenção perversa, mas porque foi internalizado (BUENO, 2002) –, a tendência é escolher uma minoria racial que mais se aproxima da branquitude, colocando menos desafios e desconfortos ao confrontar-se com a diferença do outro.

Importante se atentar, porém, que, no caso da fanfic – tanto com base nos fandoms citados pelos participantes quanto pelos dados recolhidos sobre os casais populares do “AO3” (centrumlumina, 2016) – não são todos os asiáticos que têm representação em grande escala. Quando se fala de asiáticos na fanfic, raramente refere-se a indianos, paquistaneses, filipinos, indonésios e assim por diante. Geralmente, nesse caso, asiáticos são coreano, japoneses e chineses, apenas.

Isso não é sem motivo. O fenômeno do *soft power* japonês, chinês e, mais recentemente, coreano já é consolidado e estudado há tempos por especialistas políticos, sociais etc. O *soft power* trata-se de uma conquista de poder através do charme, como aponta o autor Jing Sun (2012). Ele explica:

O que é *soft power*? Segundo o inventor do conceito, "não é força, não é dinheiro", mas "valores compartilhados". *Soft power* é "o poder sobre a opinião" e "o poder de inspirar sonhos e desejos". Em vez de intimidar os outros para que obedeçam, um país que exerce o poder brando alcançará esse objetivo lançando ofensivas de charme, convencendo outros países a perceber o país cortejado como um exemplo e seguir voluntariamente suas preferências⁵⁰ (SUN, p. 5, 2012 – traduzido pela pesquisadora)

⁵⁰ What is soft power? According to the concept's inventor, it is "not force, not money", but "shared values". Soft power is "the power over opinion" and "the power to inspire dreams and desires". Instead of intimidating others into compliance, a country exercising soft power will achieve that goal by launching charm offensives, convincing other countries to perceive the wooing country as an example and voluntarily follow its preferences

O *soft power* pode tomar diversas formas, mas a que interessa neste caso é a exportação da cultura por meio de séries, filmes, músicas etc. Há um esforço consciente desses três países em vender seu modo de vida ao mundo, trabalhando a favor da globalização, não contra ela, como explica Youna Kim (2019), e buscando se mostrar como um ideal social e estético. Indo além, a pesquisadora aponta, referindo-se ao processo de expansão cultural da Coreia do Sul:

A ascensão da Onda Coreana é uma coincidência trabalhada e um amálgama da política estratégica de exportação em um momento em que o mercado de mídia asiático está crescendo rapidamente, alimentado pelo surgimento da afluyente classe média urbana na Ásia e pela cultura de consumo globalizada. [...] A expansão global da Onda Coreana hoje pode ser atribuída ao poder da mídia digital e das tecnologias de informação – auxiliadas pela cultura participativa dos fãs e pelo trabalho voluntário no upload imediato, encaminhamento e compartilhamento com públicos mais amplos, ao mesmo tempo em que molda a produção, distribuição e recepção dos conteúdos culturais da Onda Coreana (Y. Kim 2013). O que é significativo aqui é o papel ativo desempenhado por fãs marginais, em grande parte invisíveis, mas dedicados, em moldar o poder de permanência da Onda Coreana. É o poder do trabalho digital dos fãs, tanto material quanto imaterial, que encoraja outros fãs e novos usuários a participar de comunidades de fãs imaginadas transnacionalmente. [...] A cultura popular da onda coreana pode permitir que os fãs imaginem novas identidades e práticas no centro de suas realidades sociais, hierarquias e desigualdades.⁵¹ (KIM, p. 7, 2019 – traduzido pela pesquisadora)

Como apontado na citação acima, a expansão da cultura sul coreana depende fortemente da divulgação que os fãs realizam, em todas as suas formas: a fanfic inclusa. Faz sentido, assim, pensar na presença de personagens asiáticos nas *fanfictions* como uma consequência dessa propaganda, ainda mais se for considerado juntamente com a questão da branquitude honorária.

Independente de qual seja a resposta mais provável para essa questão, é possível a conclusão de que a *fanfiction* é fortemente influenciada pela sociedade e estado cultural da atualidade, sendo um espelho interessante para se compreender o estado das coisas.

⁵¹ The rise of the Korean Wave is a labored coincidence and amalgamation of the strategic export policy at a time when the Asian media market is rapidly growing, fueled by the emergence of the affluent urban middle class in Asia and the globalized consumer culture. [...] The global expansion of the Korean Wave today can be attributed to the power of digital media and information technologies – aided by fans’ participatory culture and voluntary labor in prompt uploading, forwarding and sharing with wider audiences, while shaping the production, distribution and reception of the Korean Wave cultural contents (Y. Kim 2013). What is significant here is the active role played by marginal, largely invisible yet devoted fans in shaping the Korean Wave’s staying power. It is the power of digital fan labor, both material and immaterial, that encourages fellow fans and new users to participate in transnationally imagined fan communities. [...] The Korean Wave popular culture may allow fans to imagine new identities and practices at the heart of their social realities, hierarchies and inequalities.

4.3.2. Negritude: até onde a interpretação é permitida

“A maioria das fanfics é sobre a exploração do que não foi dito, que faz parte da revisão e reinterpretação do texto original, mas também sobre o que foi ignorado e rejeitado na mídia. Ao introduzir tópicos que são considerados tabus na publicação tradicional e ao explorar “a mutabilidade e variação dessas identidades” (Koehm, 2018, p. 16), tanto escritores quanto leitores podem descobrir que fanfiction “valida sua própria luta” (p. 27). Ao todo, grande parte da fanfiction é sobre encontrar representação e validação de sua própria identidade e experiência.”⁵² (LORENTE, p.12, 2020 – traduzido pela pesquisadora)

Como está explicitado na citação acima, grande parte do processo para a escrita de uma fanfic é analisar a obra original e buscar novos significados, aberturas para interpretações diferentes e, às vezes, criar versões mesmo que o texto base não as justifique. Por que, então, esse processo não costuma acontecer com personagens não-brancos?

A fim de levantar algumas hipóteses, vou me ater à representação de personagens negros (pretos e pardos), me baseando em teorias raciais da área e de estudiosos da *fanfiction* que já trouxeram algum apontamento sobre isso.

Seguindo na lógica levantada sobre a representação de pessoas asiáticas na fanfic, a falta de personagens negros parece ser uma das consequências do racismo estrutural, um reflexo da sociedade em que os autores e leitores de fanfic estão inseridos. Koehm (2018) corrobora com essa afirmação ao apontar que:

O fandom da mídia se engaja na “branquitude estrutural por meio da participação no padrão da cultura americana convencional para a branquitude e por meio do envolvimento com a mídia branca padrão”. Embora o fandom da mídia geralmente tenha um olhar autocrítico nas discussões da comunidade, as conversas sobre raça anteriores aos últimos anos têm estado visivelmente ausentes no discurso.⁵³ (p.48 – traduzido pela pesquisadora)

Indo além, contudo, é possível pensar na ausência de personagens negros, não só como uma falta de pensamento crítico sobre a questão racial, mas, também, como um dos estágios da conscientização sobre o racismo. Grada Kilomba (2018), em seu livro *Memórias da Plantação*, expõe os

⁵²“Most fanfiction is about the exploration of what is left unsaid, which is part of the revision and reinterpretation of the original text, but it is also about what has been ignored and rejected in media. By introducing topics that are considered taboo in traditional publishing and by exploring “the mutability and variation of these identities” (Koehm, 2018, p. 16), both writers and readers might find that fanfiction “validates their own struggle” (p. 27). In all, a big part of fanfiction is about finding representation and validation of your own identity and experience.”

⁵³ Media fandom engages in “structural whiteness through participation in mainstream American culture’s default to whiteness and through engagement with default-white media.” While media fandom often has a self-critical eye in community discussions, conversations about race prior to the last few years have been noticeably absent in the discourse

[...] cinco mecanismo distintos de defesa do ego pelos quais o *sujeito branco* passa a fim de ser capaz de “ouvir”, isto é, para que possa se tornar consciente de sua própria branquitude e de si própria/a como perpetradora/perpetrador do racismo: *negação*; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação (p. 43)

Pelo que foi visto nas entrevistas dessa pesquisa, parece que as participantes se encaixariam na fase de vergonha. Todas as entrevistadas trouxeram, em algum momento, a importância de pesquisar para representar realidades diferentes das suas e como não gostavam de ler representações ofensivas. Algumas delas (P4 e P5) até mesmo expressaram receio em escrever certas realidades, justamente por medo de ofenderem alguém.

Vergonha, por outro lado, é o medo do ridículo, a resposta ao fracasso de viver de acordo com o ideal do próprio ego. Enquanto a culpa ocorre se o indivíduo transgredir uma interdição derivada de seu exterior, a vergonha ocorre quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesma/o. (KILOMBA, p. 45, 2018)

Por meio dos dados desta pesquisa, especialmente as entrevistas, é possível perceber que a consciência sobre questões raciais está muito ligada à identidade das participantes: as entrevistadas com maior clareza quanto ao estado da mídia, e das *fanfictions*, sobre etnicidade foram as duas mulheres pretas que aceitaram participar, P3 e P1. Elas apontaram que:

E tipo, eu acho que não tem espaço para pessoas como eu, que escrevem coisas como eu escrevo, que falam de coisas como eu falo. E não só de ser trans, ou tipo... Mas tem outras questões no total, como, enfim, a mulher negra periférica do Sul global. Enfim, acho que não tem espaço. (P1 – sobre escrever para a publicação tradicional)

Eu vejo que vem crescendo a quantidade de livros com protagonismo não branco quando eles são contemporâneos e principalmente quando discutem questões raciais de forma muito séria ou crua, mostrando a realidade, mostrando a luta e o sofrimento.

Eu acredito que obras assim são imprescindíveis para que o grande público nos veja de forma mais humanizada, entenda as questões raciais e sinta empatia por nossas lutas e sofrimentos. (P3)

Com as outras participantes, mesmo que se identificaram como pardas, era muito mais difícil trazer a questão racial à conversa – P4, uma mulher parda, quando questionada diretamente sobre seu interesse em ver representatividade racial/étnica nas fanfics, trouxe um exemplo sobre preconceito contra pessoas japonesas, por exemplo.

As entrevistas também trazem uma hipótese interessante sobre o porquê de autores negros não colocarem personagens negros em suas *fanfictions*, como é o caso de P1, que escreve personagens asiáticos em suas histórias, em grande maioria.

Um dos primeiros motivos, já citados por P3 na citação acima, é a dificuldade de lidar com certos temas. Lidar com opressão e os traumas que nascem dela não é simples e escrever

sobre isso requer preparo. Levando em conta que nem toda fanfic precisa tratar sobre as violências que uma minoria sofre, outra barreira é a recepção dos leitores.

Ai eu entreguei pra deus assim... eu escrevo o que quero, escrevo o que gosto, lê quem quer, não lê quem não quer também... tanto que... enfim, a minha formação é como cientista social, mais especificamente como cientista política, e eu recentemente terminei uma história muito grande, acho que 20, 18, 19, algo perto de 20 de só... política quase... o romance se desenvolve só no final, o resto é só de política. E pra mim é muito gostoso escrever essas coisas [...] eu desisti da recepção, porque a recepção nem sempre acontece então, ah, eu escrevo por mim, isso eu quero falar, não quero falar, isso quero abordar, isso não quero e vai ser isso mesmo. Quem quiser ler leia, quem não quiser lê, outro dia a gente se toca por aí na internet.
(P1)

Nesse trecho de sua entrevista, P1 estava comentando sobre como a diversidade aparece em sua escrita e como a recepção impacta nisso. Ela levanta uma questão muito importante, ainda que não esteja falando de etnicidade diretamente: nem tudo será bem recebido, nem tudo será lido. Para autores como P6, que gostam da recepção dos leitores e são, de certa forma, movidos pelos comentários, alguns assuntos são deixados de lado – e como P3 apontou, a pouca quantidade de fanfics com personagens negros é um indicador de que não será um assunto tão bem recebido.

Importante destacar que essa recepção ruim não significa, necessariamente, que os autores encontrarão comentários racistas em suas fanfics, mas que não encontrarão comentário algum, na realidade. Em um gênero em que a comunidade e a troca são tão importantes, o vazio de resposta é um desencorajador bastante potente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo levantar dados sobre as identidades, temas e gêneros de *fanfiction* de preferência de um grupo de autoras e leitoras do “Spirit Fanfics e Histórias”, por meio de um questionário e uma entrevista.

A partir dos resultados obtidos, foi possível compreender, no recorte em questão, qual é o perfil das pessoas interessadas em *fanfiction* no Brasil, tomando como base os estudos sobre fanfic no país e, principalmente, no exterior.

Além disso, o ponto principal desta pesquisa era investigar como a diversidade aparece na fanfic, levando em consideração que é um gênero conhecido por dar espaço a vozes marginalizadas, com maior liberdade de escolha de temas para os autores. Essa investigação foi feita pensando-se em quatro tipos de questões: de gênero, de sexualidade, sobre classe social e de etnicidade.

Em consonância com pesquisas anteriores, questões de gênero e sexualidade se mostraram bastante presentes nas fanfics, de acordo com as experiências dos participantes. As questões sobre classe social, apesar de serem pouquíssimo exploradas em trabalhos sobre *fanfiction*, também se mostraram presentes nas narrativas lidas e escritas pelos participantes. As questões de etnicidade, por outro lado, apareceram bem menos, conjuntura essa que era esperada, ao considerar o que pesquisas anteriores apontavam.

Em um fechamento das análises das informações coletadas, houve o levantamento de possíveis explicações para como a etnicidade é tratada nas fanfics, examinando, separadamente, o porque da ausência de personagens negros e as consequências disso para autores pretos e pardos e o porque da grande quantidade de autores não-asiáticos – brancos, principalmente – tendo personagens asiáticos em suas fanfics, geralmente como a única representatividade étnica não-branca.

Como está bem estabelecido na literatura sobre o gênero e também foi demonstrado nesta pesquisa, a fanfic é, sim, um espaço em que a diversidade pode acontecer com mais facilidade e liberdade do que na mídia tradicional, o que é muito importante principalmente se for levado em conta que as pessoas começam a ter contato com a *fanfiction* muito cedo, na infância e adolescência, quando ter acesso a certos temas e representações é muito positivo.

Contudo, como também foi demonstrado, não é um espaço perfeito. Embora muito

avançada em certas áreas, como a sexualidade e o feminismo, em outras o estado pouco diverso das mídias das quais as fanfics se originam acaba ditando como questões como a etnicidade serão exploradas, geralmente com pouca disrupção.

A fanfic é um gênero em constante mudança, se expandindo de maneiras pouco previsíveis. Assim, começar discussões como a proposta neste trabalho não é em vão: transformações podem acontecer, mais pesquisa pode ser feita sobre o assunto. Afinal, não há gênero melhor que a *fanfiction* para promover reimaginações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Lorena da Silva. **A importância das fanfics no incentivo à leitura: uma análise do site ficsos**. Orientador: Joaci Pereira Furtado. 2021. 62 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

BATISTA, Barbara Carvalho. **Precisamos falar sobre fanfictions: literatura e cultura do fã na era digital**. Orientador: Guilherme Sardas. 2016. 70 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2016.

BUENO, Alexandre Marcelo. **O racismo recreativo contra descendentes de asiáticos/as: uma abordagem discursiva**. Scielo, [s. l.], v. 61, p. 137-147, Jan-Abr 2022.

BURT, Stephanie. **The promise and potential of fanfiction**. The New Yorker, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/page-turner/the-promise-and-potential-of-fan-fiction>. Acesso em: 22 set. 2021.

BUSSE, Kristina. **Framing Fan Fiction: Literary and Social Practices in Fan Fiction Communities**. University of Iowa Press, 2017, 263 p.

CABRAL, Diana. **Fanfiction - Novas formas de produção e consumo literário**. Orientadora: Carla Ferreira de Castro. 2020. 248p. Tese de doutoramento (Programa de Doutoramento em Literatura) - Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada, [S. l.], 2020

CASTRO, Gabriella. Dia do Escritor: escritores independentes dão diversidade ao cenário. Agência Brasil, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/dia-do-escritor-escritores-independentes-dao-diversidade-ao-cenario>. Acesso em: 28 set. 2022.

CENTRUMLUMINA. (2013, October 5). **AO3 Census: Masterpost** [Tumblr post]. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/63208278796/ao3-censusmasterpost> . Acesso em: 30 jul. 2021

CENTRUMLUMINA. **Fandom's Race Problem and the AO3 Ship Stats**. Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/16976571> . Acesso em 02 abr. 2023

COUTINHO, Clara P. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática**. Almedina: Coimbra, 2011.

DAFLON, Verônica Toste; CARVALHAES, Flávio; JÚNIOR, João Feres. **Sentindo na pele: percepções de discriminação cotidiana de pretos e pardos no Brasil**. DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 60, ed. 2, p. 293-330, 2017.

FONSECA, Ana Paula C. **A leitura como escrita: fanfiction e práticas de leitura no brasil**. Orientador: Joaci Pereira Furtado. 2020. 82 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (ed.). **The Fan Fiction Studies Reader**. Iowa City: University of Iowa Press, 2014. 265 p.

JAMISON, Anne. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo**. Tradução por Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. 397p.

JÚNIOR, France. **Literatura reflete desigualdade racial no Brasil**. Jornal da USP, 08 de fev. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/literatura-reflete-desigualdade-racial-no-brasil/>. Acesso em: 28 set. 2022

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p. ISBN 978-85-5591-080-7.

KIM, Youna. Hallyu and North Korea: soft power of popular culture. *In*: KIM, Youna (ed.). **South Korean Popular Culture and North Korea**. [S. l.]: Routledge, 2019. cap. 1, p. 41-53. ISBN 978-1-351-10412-8.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (ed.). **A New Literacies Sampler**. Nova York: Peter Lang Publishing, 2007. 263 p. v. 29.

KOEHM, Diana. **Revision as Resistance: Fanfiction as an Empowering Community for Female and Queer Fans**. Orientadora: Margaret Breen. 2018. 64 p. Tese (English Honors Major) - University of Connecticut, [S. l.], 2018.

KRESS, Gunther. **Literacy in the New Media Age**. 1. ed. Londres: Routledge, 2003. 208 p. ISBN 9780415253567.

LIMA, Daniela de Jesus; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **A escrita de fãs no contexto transmidiático: implicações das fanfics no processo de aprendizagem**. Interfaces Científicas, Aracaju, v. 10, ed. 2, p. 50-65, 2020.

LORENTE, Júlia Egido. **Appreciation Or Abomination? A Study Of Fanfiction As Literature**. Orientadora: Dra. Gemma López Sánchez. 2020. 41 p. Trabalho de conclusão de curso (Bachelor's thesis) - Universitat de Barcelona, [S. l.], 2020.

RAMACCIOTTI, Barbara Lucchesi; CALGARO, Gerson Amauri. **Construção do conceito de minorias e o debate teórico no campo do Direito**. SEQUÊNCIA, Florianópolis, v. 42, ed. 89, p. 1-30, 2021. DOI <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2021.e72871>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/72871>. Acesso em: 22 jun. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa; JESUS, Lucas Mariano de. **Produção de fanfictions e escrita colaborativa: uma proposta de adaptação para a sala de aula**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 23, ed. 48, p. 93-108, 2º quadrimestre 2019.

SACHS, Rafael. **Incesto e fanfiction: entre interdito e transgressão**. Orientadora: Profa. Dra. Daniela Palma. 2019. 286 p. Tese de doutoramento - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2019.

SCHREINER, Pâmela. **Diversidade: Os avanços da literatura LGBTQIAP+ no Brasil.** ND+, 17 jul. 2022. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/literatura/diversidade-os-avancos-da-literatura-lgbtqiap-no-brasil/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

SHIAO, Jeannbin Lee. **The Meaning of Honorary Whiteness for Asian Americans: Boundary Expansion or Something Else?.** Editora Brill, Leiden, v. 16, p. 788-813, 2017.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão de. **Desconstrução da fanfiction: resistência e mediação na cultura de massa.** Orientador: Ângela Prysthon. 2008. 131 p. Dissertação (Mestrado em Estética & Cultura Midiática) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SOUZA, Andrey Lopes de; SILVA, Maria Clara da; SANTOS, Rayane Beatriz. **A fanfic e o spirit fanfic: Algumas considerações sobre relações sociais, internet e potencialidade de uso das fanfics como recurso pedagógico.** Ensino em Revista, Uberlândia, v. 27, ed. Especial, p. 1405-1429, dez. 2020.

SUN, Jing. Introduction: "Peaceful Rise" vs. "Beautiful Japan". *In*: SUN, Jing. **Japan and China as Charm Rivals: Soft Power in Regional Diplomacy.** [S. l.]: University of Michigan Press, 2012. cap. 1, p. 1-22. ISBN 0472035606.

SPIRIT Fanfics e Histórias. <https://www.spiritfanfiction.com/home>

URZÊDA-FREITAS, M. T.; PESSOA, R. R. **Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica.** Calidoscópico, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 225-238, 2012.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction.** Orientador: Tania Mariza Kuchenbecker Rosing. 2005. 209 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

APÊNDICE

Entrevista 1 - P1

Pesquisadora: Bom. É... Para começar, vou me apresentar: eu sou Mariama, tenho 23 anos, estou terminando a faculdade e... Bom, qualquer dúvida que você tiver assim que a gente começar, pode me trazer, a gente... Também queria saber, assim... Você se apresentar para mim, só para eu ter uma ideia de como me referir a você e tudo mais.

P1: Hm, ok. Eu sou P1, eu tenho... Nossa, eu fiz quantos anos? Pô, perdão... (risos). Fiz 22 anos, no finalzinho do mês passado, agora no dia 29, e eu só vi o formulário no Twitter e preenchi, falei, vamos ajudar as fanfiqueiras, né? Aí, bom, tô sempre preenchendo. Acabei preenchendo de novo.

Pesquisadora: Muito bem, agradeço muito! Queria agradecer muito por participar da pesquisa que alcançou bastante gente! Fiquei surpresa e fiquei feliz. E espero que, né, saia bastante coisa importante nessa entrevista também. É... Bom, aí, eu acho que não deve passar de uma hora, talvez dê menos, não pretendo me estender muito.

P1: Okay, sem problemas.

Pesquisadora: E aí eu tenho as perguntas aqui, mas assim, talvez vá para outro... Eu pergunte mais sobre alguma coisa que você falou, se quiser se estender mais sobre alguma coisa, alguma coisa que você acha importante falar, fica a vontade, é isso. Bom, para começar, eu queria saber quando que você começou a ler fanfics, como, quando e escrever também. Se foi em momentos diferentes, como é que foi isso.

P1: Nossa. Eu comecei a ler fanfic quando... Hm... Nossa. Minha questão com a leitura foi muito estranha, porque eu comecei a ler tarde, todo mundo começa a ler muito cedo, pelo que eu tenho contato. Mas eu comecei a ler com 14 para 15 anos assim. E... E, tipo, eu não ia na biblioteca municipal da minha cidade, que na minha cidade tem uma biblioteca municipal. Eu moro em Araraquara. Então tem uma biblioteca municipal. Só que na época eu não ia na biblioteca, eu não pegava livro, mas eu escutava k-pop e eu assistia anime. E a minha prima já lia fanfic. Ela me recomendou, aí, cê quer ler? Lê isso daqui. Daí eu caí nas fanfics do BTS. Na época, eu acho que eu tinha 14 anos. É, eu tinha 14 anos e o BTS tinha acabado de debutar naquela época.

Pesquisadora: Eu tava nessa época (risos). Foi quando eu comecei. [Foi quando eu conheci] eles também. (risos).

P1: Aí eu comecei a ler fanfic bem nessa época. Aí depois eu parei de ler fanfic, porque eu mudei de escola e a escola que eu mudei para fazer o Ensino Médio era no centro da cidade e eu tinha acesso à biblioteca municipal, que era 10 minutos de caminhada da minha escola até a biblioteca municipal, então foi a época que eu parei de ler fanfic e li tudo que eu podia ler. Então, Game of Thrones, eu li naquela época; Senhor dos Anéis, eu li a primeira vez naquela época, os livros do Dan Brown, eu li naquela época. Aí, tipo assim, eu entrei em outro abismo, porque eu conheci A Seleção, a série de livros da Seleção. E tipo eu fui ler fanfics da Seleção (risos). Mas escrever, escrever mesmo, eu só fui escrever com... Nossa, eu só fui escrever quando entrei na faculdade, em 2019. Então, eu passei muito tempo só lendo, aí eu fui escrever e escrevo até hoje, eu gosto assim. É... Como que eu posso explicar? É uma forma de passar o tempo saudável.

Pesquisadora: Uhum, muito bem. É... Bom, aí nisso que o que te atraiu para ler e escrever foi essa coisa do, digamos, de disponibilidade, de ler.

P1: É.

Pesquisadora: Mas e aí para continuar, o motivo para você continuar lendo continua sendo o mesmo ou mudou com o passar do tempo?

P1: Olha, mesmo com acesso a dinheiro, né, porque dinheiro compra livros, compra livro em e-book também, mesmo assim é muito... É muito mais palpável ler fanfic porque eu lia, tipo, nessa época, adolescência e tudo mais, que eu ia na biblioteca municipal, eu só lia romance de gente branca, europeia, com as mesmas fantasias baratas de sempre. E chegou a ser maçante, por isso que eu fui caçar outro tipo de coisa para ler, por isso que eu fui ler Dan Brown, por isso que eu fui ler Game of Thrones, porque chegou um momento que eu sabia o que ia acontecer no livro depois que eu lia a primeira frase do livro. Então, na fanfic não é assim, sabe? Tipo, você encontra muita coisa ruim, mas você encontra muita coisa boa, que a pessoa escreve e não tem o mesmo recurso que aquele autor branquelo, londrino tem e que tem umas sacadas muito mirabolantes e muito fudas... E tudo mais. E na maioria das vezes é uma narrativa focalizada, o pessoal fala, ai, você só lê coisa de coreano, você só escreve coisa de coreano. Mas muitas das vezes retrata a realidade que a gente vive porque o autor não é daqui, o autor não é de lá. Então, entende? É muito mais acessível de identificação, tem temas muito mais acessíveis, pautas muito mais acessíveis também. Tipo, a primeira vez que eu fui ler alguma coisa com, por exemplo, com personagem trans, foi em fanfic. E isso para mim é muito importante, né, porque eu sou trans, então, enfim.

Pesquisadora: Faz diferença, né? Achar algo que tem a gente.

P1: É.

Pesquisadora: Justo. É, já que tocou nesse ponto também, né, eu tenho uma pergunta aqui sobre a publicação tradicional, que é essa publicação grande, de massa e tal. Você já teve algum interesse em escrever para isso, publicar tradicionalmente, ou nunca se passou pela cabeça?

P1: Olha, eu tenho, mas a questão é vai ser saudável para a minha cabeça participar de um negócio desse? Porque assim... Assim, no meu sonho ideal, eu viveria de escrita e viveria para escrita e respiraria fanfics, livros e tudo mais. Mas a questão é que não dá dinheiro, né? (risos)

Pesquisadora: Infelizmente (risos).

P1: Infelizmente não dá dinheiro e eu... E o mercado literário agora, desde que... Assim, eu não vou falar que desde que eu leio eu percebo essas coisas, porque eu só fui perceber essas coisas quando eu comecei a mexer no Twitter, né? Que foi lá pela época de 2019 também. Mas, assim, eu só... Pelo que eu vejo o pessoal comentando, o mercado editorial era muito restrito, ainda é muito restrito, por determinadas bolhas, por determinadas narrativas, por determinados eixos sócio-políticos, econômicos também. E tipo, eu acho que não tem espaço para pessoas como eu, que escrevem coisas como eu escrevo, que falam de coisas como eu falo. E não só de ser trans, ou tipo... Mas tem outras questões no total, como, enfim, a mulher negra periférica do Sul global. Enfim, acho que não tem espaço. Seria uma realização para mim? Seria uma realização para mim, mas eu sei que, meio que impossível (risos).

Pesquisadora: Compreendo. (risos). É... Tá, tá. Bom, é... Aí, nessa questão de coisas que a gente lê e que é importante. no formulário tinham várias perguntas sobre questões de sexualidade, se você encontra questões de sexualidade na fanfic, questões de classe social... É, eu queria saber o que que você entendeu de questões de x, né, questões de raça, questões de classe social. O que você acha que se encaixaria dentro dessa pergunta, quando você respondeu.

P1: Hm, questões de raça... Nossa, é muito incrível você parar para pensar nisso, porque a gente sempre... Porque, pelo menos eu, que sempre li fanfic de asiático, poucas fanfics fora do eixo de k-pop que eu li, é muito difícil ter personagens negros nos enredos. É muito mais

comum quando essas narrativas são focalizadas no [inaudível], né? Mas é muito difícil você ver personagens negros. Mas teve uma história muito boa que eu li, gringa, chamada "Respirações Profundas", que era de dois adolescentes morando na Califórnia, dois adolescentes sul-coreanos morando na Califórnia e pega muito orientalismo naquela fanfic. Pega muito orientalismo. Eu fiquei tipo assim, é uma visão muito específica que alguém que passou por isso que tá escrevendo (risos).

Pesquisadora: Então você lê isso, né?

P1: E tipo, nossa, essa história me marcou muito, porque foi uma visão muito íntima. Pessoal chamando de nomes pejorativos que só um asiático vai ouvir e tudo mais, enfim. Foi... Foi... Foi uma dolorosa a leitura, mas foi muito boa também, enfim.

Pesquisadora: Eu faço essa pergunta porque quando eu fiz o questionário, eu tava pensando em questões de classe social e pensando em raça não só como tipo trazer a... Sei lá, como você viu nessa história, né, trazer uma situação que a pessoa sofre xenofobia, sofre racismo, mas também só ter o personagem lá, só ter um personagem negro, pra mim isso seria uma questão de raça. Mas talvez isso não tenha passado pela cabeça de quem tava respondendo, então eu preciso saber isso na hora da pesquisa.

P1: Mas, assim, falando sobre gênero, sexualidade também, foi muito... Foi muito aberto assim tanto que quando eu entrei nesse meio de fanfic... Na época que eu comecei a ler fanfic do BTS, eu não lia tanta coisa, tipo, tanta literatura erótica ainda, até porque a minha prima fazia o filtro para mim, eu só lia o que a minha prima mandava. E então, tipo, eu acabei lendo isso mais pra frente, principalmente com as fanfics da Seleção, mas foi meio, tipo assim, um mundo aberto. Porque quando... Porque tipo assim, um livro erótico que eu tinha lido até então foi 50 Tons de Cinza, que não foi uma coisa muito boa, então... Aí tipo assim, você cai nas fanfics gays, majoritariamente, você descobre muita coisa, lê muita coisa e foi muito bom ver esse tipo de narrativa sendo comentada num "mainstream", no eixo de fanfic que a gente tem acesso no Twitter e que não era antes para mim. Quando que eu ia ler sobre dois rapazes se pegando, tipo, abertamente e tudo mais, tipo, foda-se, eles transam.

Pesquisadora: Sim.

P1: Mas enfim, foi... Foi... Foi bom.

Pesquisadora: Tudo bem. Tá. É... Acho que o que eu tenho que perguntar é mais uma continuação do que você estava falando já, que é sobre essa questão das identidades dos personagens, né, identidade diversa, se é uma coisa que é importante para você na hora de achar uma história para ler, né, e se tem algum tipo que você procura mais, que você gostaria de achar mais, sei lá, que não tem e que você gostaria de ver ou que tem bastante e você procura mais aquele tipo de identidade ali.

P1: Eu sou bem clichê não gosto de ler nada com final triste, mas assim... referente à identidade a identidade... até nos livros de publicação tradicional eu tenho buscado ler coisa que não seja europeia ou americanizada ou tudo mais... mas acho que assim... ler sobre negritude ou ler sobre sexualidade, no geral, principalmente obras sáficas, tem muito romance lésbico muito bom e muito diferente pq tem outra visão né? As questões de gênero importam muito na hora de escrever uma narrativa assim então são coisas que têm atraído minha atenção ultimamente.

Pesquisadora: Certo.

P1: Principalmente histórias com protagonistas trans que... é um custo pra achar.

Pesquisadora: Justo... é. no formulário eu tenho uma pergunta sobre classe social na fanfic e você disse que encontra bastante... não sei se você lembra porque faz tempo que respondeu esse formulário... mas você encontra bastante questões de classe social. O que... um exemplo do que seria isso para você?

P1: Olha... é meio merda o que eu vou falar, mas aquelas fanfics basiconas de o chefe e o funcionário, sabe? Tem um parada ali, mas ultimamente eu vejo muito mais gente que eu leio abordando isso com mais responsabilidade e seriedade. Até mesmo nas discussões que se tem ao redor da fanfic.. dinheiro é sempre uma questão a ser trabalhada: tipo um personagem tem mais e outro tem menos e isso entra na trama de maneira muito precisa e concisa de acordo como o que vai se desenvolvendo. E é interessante ver, tipo, essas sacadas de diferenças salariais até mesmo quando os personagens têm vidas economicamente equiparadas quando eles são postos em uma realidade que não é a deles, seja pra mais ou pra menos... enfim..

Pesquisadora: Bom... aí na parte de você como escritora você se propõe a escrever tipo sobre questões... colocar essas diversidade na sua escrita? Você tem alguma dificuldade com isso? alguma dificuldade na recepção disso quando você escreve? ou você não prefere botar? Qual sua relação com isso?

P1: Ai eu entreguei pra deus assim... eu escrevo o que quero, escrevo o que gosto, lê quem quer, não lê quem não quer também... tanto que... enfim, a minha formação é como cientista social, mais especificamente como cientista política, e eu recentemente terminei uma história muito grande, acho que 20, 18, 19, algo perto de 20 de só... política quase... o romance se desenvolve só no final, o resto é só de política. E pra mim é muito gostoso escrever essas coisas, dá trabalho? Dá trabalho, mas é muito gostoso receber comentários das pessoas, que você fez as pessoas pensarem a respeito de certos temas ou... simplesmente botar pra fora, que nem... eu tava na cabeça de escrever essa história e eu, ah tipo, eu estudo tanto sobre política sociedade e eu ah quero pôr pra fora isso, sei lá, devolver, tirar esse conhecimento da academia e devolver pro mundo; aí o pessoal fala: 'faz uma live, faz um vídeo no tiktok', gente, eu sou anti-social, não vai sair nada.

Pesquisadora: Por isso que sai [na escrita]

P1: É... aí... tipo... é muito tranquilo escrever sobre isso, e tem certas coisas que são gatilhos para mim ainda, como por exemplo escrever sobre personagens trans, eu até tentei, e tô com uma história parada sobre isso, mas pra mim é muito intenso... Eu prefiro deixar descansar um pouco, até planejo voltar para essa história esse ano, mas eu gosto de trabalhar com esses temas, de lidar com esses temas... eu desisti da recepção, porque a recepção nem sempre acontece então, ah, eu escrevo por mim, isso eu quero falar, não quero falar, isso quero abordar, isso não quero e vai ser isso mesmo. Quem quiser ler leia, quem não quiser lê, outro dia a gente se toca por aí na internet.

Pesquisadora: Muito bem... justo. É... e sobre escrever sobre identidades que não são a sua, pessoas que tem é... uma vida bem diferente da sua, você se sente confortável em fazer isso? Como é que você aborda isso? Você pesquisa?

P1: Nossa, depois... olha, acho que nunca parei para pensar nisso porque sempre escrevi com personagens similares... um pouco o grupo de K-POP, mas... eu sempre entendi certas questões que rondam, como por exemplo essas questões de orientalismo, que nunca chegou pra mim lidar com isso exatamente na minha história... mas acho que escrever, tipo, sobre classe social diferente é tão abismal essa diferença de quando você vai ver o que realmente é uma classe alta e o que você tá equiparado, assim, no mundo. É muito complexo e tem todo o lance de pesquisa, de trabalho por trás. Enfim... demanda tempo, mas é gostoso, não vou negar que não seja gostoso, é bom ver tudo bem desenvolvido, bem atado no final.

Pesquisadora: Certo... olha eu acho que é isso... deu 20 minutos, foi muito rapidinho, mas... ah uma questão, porque eu também comecei a escrever fanfic pelo caminho da Seleção, comecei a ler A Seleção e entrei no mundo da fanfic por ela e... A seleção tem uma questão de classe social muito forte, só que é trabalhado de um jeito muito às vezes muito esquisito...

P1: Muito nada a ver.

Pesquisadora: Eu queria saber qual sua opinião sobre isso... como que foi essa introdução pra você? Se mudou, se começou a achar esquisito com a idade, tipo... faz sentido?

P1: Eu acho que o sistema de casta que a Kiera Cass coloca é muito surreal e poderia ser explorado de maneiras muito melhores. Mas enfim, ela entregou isso pra gente, né? Aquele romancinho mixuruca... pior que eu não consigo desgostar daquele livro, por mais que... o pessoal fala 'é problemático' e eu 'gente, não eu ainda gosto'... mas enfim, acho que sei lá, gostaria de ver algo trabalhando melhor aquela situação de casta e tudo mais, porque pra mim que não conhecia casta e aí depois fui pesquisar e o sistema Hindu é um sistema de casta, mas é totalmente diferente do sistema da Seleção e eu achei muito interessante como eles colocam as castas, [na Seleção] eu queria saber o que muda de uma casta para outra, o que não muda de uma casta para outra, enfim... eu acho que deveria ser melhor mostrado, exemplificado... é algo que deixa a desejar ao longo da história.

Pesquisadora: Com certeza. E aí lendo fanfics da Seleção, não sei se você teve essa fase, mas eu tive, é... você sente que esse jeito que a Kiera Cass montou a sociedade reflete na forma como as pessoas montam as delas também? Tipo, as pessoas não vão imaginar algo que seja mais crítico ou mais diferente, elas vão pela mesma linha assim?

P1: Sim e raramente algo diverge daquele sistema que ela já montou... é muito difícil expandir quando o autor não dá conteúdo para você expandir então... não vou jogar pra cima das fanfiquinhas.

Pesquisadora: Justo...

P1: Mas... é muito... muito empobrecedor isso. E eu vejo isso, quando peguei para Senhor dos Anéis, e fui ler fanfic de Senhor dos Anéis e tipo assim, a passagem das fanfics que eram feitas na década dos anos 80 para as fanfics que são feitas agora, tipo, as fanfics eram muito mais épicas, conteúdo de RPG, e hoje em dia é especulação se o Frodo e o Sam se pegam... é... tipo, acho muito interessante isso, porque acho que nem o autor pensava, né, que ia gerar

esse tipo de especulação. Mas eu gosto quando expande a obra original de uma forma que é até melhor que a escrita da autora. Eu não sei se você já acompanhou Harry Potter, mas tem uma fanfic dos Marotos bem antiga que expande os Marotos assim que fica, caralho, isso dá uma surra na J.K Rowling, dá uma surra naquela mulher de escrita, dá uma surra naquela mulher de conteúdo, enfim... J.K Rowling precisava aprender com aquela mulher que escreveu aquela fanfic, mas enfim, aquilo é exemplo de história que expande a obra original que expande a obra de uma forma que... sem comparação.

Pesquisadora: Com certeza, de acordo. É... que mais? Olha, eu acho que é isso, algumas perguntas acabaram sendo respondidas no processo... acho que tá ótimo. É... tem algo que você gostaria de acrescentar? Eu tô aberta. Se quiser me perguntar alguma coisa também... fica à vontade.

P1: Na verdade eu queria saber o tema da sua pesquisa, porque eu achei muito interessante pesquisa de fanfic.

Pesquisadora: Então, é... tem muito trabalho de fanfic vendo a fanfic como um lugar onde as pessoas discutem muito gênero e sexualidade, né? Então isso, inclusive a gente consegue perceber com muita facilidade... então tem muito trabalho debatendo isso e não tem quase nada debatendo etnicidade e raça e muito menos sobre classe social e aí eu queria um pouco... preencher esse buraco, saber como as pessoas lidam com isso, o que que elas querem ver, sei lá, se tem uma falta, se não tem... eu queria ver isso assim, no geral

P1: Ah, entendi. Muito válido, muito válido, muito foda. Enfim... e vem aí.

Pesquisadora: E vem aí... bom, isso aqui é a gravação que eu vou usar na pesquisa, não vou usar sua imagem, não vou usar nada disso...

P1: Ah é tudo bem também, já cedi o direito. Pode fazer o que quiser.

Pesquisadora: Mas aí... não sei, daqui um tempo vou tentar publicar os dados do formulário para todo mundo que viu, né, e eu te contato pra isso. E bom, acho que é isso eu agradeço muito por ter aceitado a entrevista, suas respostas ajudaram bastante, vai acrescentar muito na pesquisa.

P1: Ah obrigada

Pesquisadora: Com certeza e... é, acho que é isso aí... acabamos.

P1: Muito obrigada por ter me chamado, por ter feito o formulário, achei muito foda. A gente precisa de mais pesquisas trabalhando com temas terrenos, né? Chega de academicismo, mas achei muito bom, muito válido. Foi um prazer fazer a entrevista.

Pesquisadora: Muito obrigada, bom, é isso. Até a próxima!

P1: Até, tchau!

Entrevista 2 - P3

Pesquisadora: Oiee!

Pesquisadora: Bom, pra começar vou pedir pra você se apresentar, falar nome, idade, profissão

Pesquisadora: E, depois, me contar como que foi seu começo na fanfic! Quando e como você começou a ler fanfics? E a escrever?

P3.: Olá!

P3.: P3, 35, jornalista

P3.: Então, é uma história um pouco engraçada, mas acho que começa como toda história de fanfiquero, com o amor por alguma coisa e essa coisa na época era Harry Potter. Eu era muito apaixonada por Harry Potter e na época a internet não era o que é hoje e eu também estava dando meus primeiros passos nela e fui pesquisar sobre Harry Potter (não lembro bem o motivo) e achei uma história curtinha falando sobre um casal inusitado Draco e Gina, era uma história que parecia um epílogo anos depois dos livros e eu nunca tinha pensado nesses dois personagens como um casal, foi um choque.

O engraçado dessa história é que eu li tudo, achando que era um spoiler, algo que algum fã traduziu da autora ou que um fã resumiu. Eu acabei descobrindo que não era uma história oficial eventualmente. Mas aquela história me fez querer outras com aquele casal que parecia incrível.

Não lembro exatamente em que ano isso aconteceu, mas os livros de Harry Potter ainda estavam saindo, acho que foi bem no começo dos anos 2000.

De lá pra cá muita coisa aconteceu e eu fui me apaixonando cada vez mais pelo mundo das fanfics, indo para outros fandonos e por fim me arriscando a escrever histórias que eu não conseguia encontrar.

Não lembro bem quando exatamente comecei a escrever, porque as primeiras coisas que eu escrevi ainda estão perdidas em algum caderno aqui em casa e eu nunca tive coragem de publicá-las. Eu ajudei algumas pessoas antes, gente que eu comecei a fazer amizade, no texto delas, antes de fazer o meu. E publiquei minha primeira história em 2007, que era do fandom de Sailor Moon e fez relativo sucesso.

Pesquisadora: Entendi! Já que você falou dessa "passagem" da literatura tradicional pra fanfic, como você enxerga a publicação tradicional em relação à fanfic (diferenças, semelhanças...)? Você escreve ou pretende escrever para publicação tradicional?

P3.: Eu acho que não tem muitas diferenças em essência, pra mim fanfic também é literatura, sinceramente falando.

As únicas diferenças são os processos, como a publicação em tempo real de forma capitular, um feedback com os leitores, a falta de um compromisso, afinal muita gente faz por hobbie e também a falta de uma lapidação profissional no texto (como revisores, leitura crítica e afins), apesar disso muitos autores de fanfics conseguem leitores betas e pessoas que ajudam a revisar o texto, mas tudo de forma colaborativa e gratuita.

P3.: E com tudo isso ainda existem muitas fanfics que são melhores que muitos livros de editoras grandes que passam pela mão de muitos profissionais

P3.: E isso é tanto verdade que algumas fanfics se tornam livros de sucesso com pouquíssimas diferenças entre a sua versão fanfic e sua versão literária.

P3.: Quanto a mim, eu pretendo, se Deus quiser, escrever um livro e publicar de forma profissional sim. Mas não faço uma enorme questão de tornar qualquer obra minha em um físico, só desejo ter sucesso nessa empreitada e viver disso, mesmo se só vender ebooks. Acho que pessoalmente só publicarei um físico se houver uma demanda para isso, mas um passo de cada vez e no momento o melhor é investir em ebooks que demandam menos custo.

Pesquisadora: Amém!

Pesquisadora: Agora, mudando um pouco pro formulário

Pesquisadora: Tinham quatro questões sobre a frequência que você lê/escreve fics com questões de sexualidade, etnicidade etc. O que você entendeu que seria uma “questão de sexualidade”, “questão de gênero”, “questão de etnicidade” e “questão de classe social”? Digo, o que se encaixaria nisso?

P3.: Na questão de sexualidade pra mim seria se os personagens principais ou de destaque seriam gays, lésbicas, bissexuais. Na questão de gênero seria se as pessoas se identificavam como homem, mulher ou gênero neutro. Na questão étnica se há representação de pessoas não brancas, como povos originários, negros, asiáticos e afins. Na questão de classe social se todas se as pessoas de classes mais baixas (que classe média) são retratadas.

Pesquisadora: Certo!

Pesquisadora: Nesse assunto sobre diversidade:

A diversidade das identidades dos personagens (em questão de gênero, sexualidade, etnicidade e classe social) é um ponto importante na leitura/escrita de fanfics para você? Se sim, há algum tipo (de diversidade) que te interessa mais?

P3.: Sim, é, mas isso aconteceu com o tempo. A diversidade que mais me interessa é a étnica. Mais isso é um reflexo dos meus personagens que eu gosto na verdade. A maioria das personagens que eu gosto ainda são brancas, mas quando em algum livro ou série tem um personagem não branco geralmente curto ele e se eu gosto muito dele, vou procurar fanfics centradas nesse personagem, foi isso que aconteceu com a Bonnie de *The Vampire Diaries* (que é negra) e a Leah de *Crepúsculo* (que é nativa americana).

Foi meu amor por elas que me fez querer ver mais sobre essas personagens, mas acredito que meu amor por elas vem da identificação e essa identificação atravessa com sim questões étnicas.

E como essas personagens também não são retratadas com justiça ou destaque em suas obras originais, meu desejo por vê-las em papéis de protagonismo e tendo um final digno aumenta e as fanfics entram nessa equação pra suprir esse desejo.

Se eu pudesse leria muito mais fanfics sobre essas personagens, mas não há realmente tantas fics sobre elas, como eu gostaria.

Pesquisadora: Sobre esse ponto final, você se propõe a escrever fanfics que tenham a diversidade que você gostaria de ver? Há algum desafio em particular na hora de escrever ou na recepção das histórias?

P3.: Então, eu quero escrever histórias que sejam diversas porque o mundo é assim. Mas como eu disse, tem muitos fãdons que eu acompanho e muitas personagens que são brancas, que eu também gosto muito e por isso escrevi na maioria das minhas histórias como protagonistas personagens brancos.

Por outro lado, eu também deixei de escrever sobre as personagens que eu queria (aquelas não brancas) por muito tempo, porque sentia que não seria lida, por não ver muitas fanfics em português focadas nessas personagens.

Eu acho que parte do motivo que escrevemos é porque queremos ser lidos e eu queria ser lida, por isso não escrevi, na época também me sentia muito insegura e achava um esforço inútil retratá-las para ninguém ler. Por outro lado, acredito que se soubesse inglês, onde o fandom é maior e acolhe muito mais outros personagens fora dos principais (pelo menos em determinados fãdons), eu teria me arriscado mais.

Sinto também que ainda hoje há sim muito desafio em escrever protagonistas não brancos, mesmo quando saímos do mundo das fanfics e adentramos o mundo literário. Vejo, e pode ser uma percepção apenas minha, que enquanto vem crescendo muito a quantidade de livros voltados para a comunidade LGBTQI+, ainda há menos histórias voltadas para pessoas não brancas no papel de protagonistas, principalmente nos meus gêneros favoritos de fantasia e romance de época.

Eu vejo que vem crescendo a quantidade de livros com protagonismo não branco quando eles são contemporâneos e principalmente quando discutem questões raciais de forma muito séria ou crua, mostrando a realidade, mostrando a luta e o sofrimento.

Eu acredito que obras assim são imprescindíveis para que o grande público nos veja de forma mais humanizada, entenda as questões raciais e sinta empatia por nossas lutas e sofrimentos. Ainda assim esse não é meu tipo de leitura, eu sou o tipo de leitora que sinto muito intensamente durante a leitura, até mais do que acompanhando obras áudio visuais, por isso quando leio evito temas pesados e gatilhos, ainda mais nos últimos anos.

Sinto falta demais, de histórias de fantasia ou romance de época em que personagens não brancos, tenham seus finais felizes, seus contos de fadas, que sejam vencedores, que não fale só sobre o sofrimento ou sobre a etnia, afinal pessoas não brancas, são mais do que a cor de suas peles, elas tem desejos e sonhos também. Por isso acho que elas merecem tanto quanto as pessoas brancas um conto de fadas, histórias solares e escapistas, não apenas no gênero contemporâneo, mas na fantasia, no romance de época e em outros tantos outros gêneros.

É por causa disso também que sinto que as fanfics sejam um espaço seguro pra mim, lá gatilhos são bem marcados e geralmente você percebe quando as histórias são mais solares ou sombrias e eu sempre tô lendo minha fantasia também onde um final feliz é praticamente garantido

Pesquisadora: Hmm, entendi. E você acha que a maneira como a obra original trata os personagens não-brancos reflete em como isso aparece na fanfic?

Pesquisadora: Digo isso porque tem trabalhos sobre fanfics que falam sobre como questões de sexualidade aparecem nos fandoms mais heteronormativos, tendo queerbating ou n

Pesquisadora: Você acha que isso acontece com etnicidade e classe social também?

P3.: Acho que pode acontecer de formas diferentes. Eu vi algo assim no fandom de The Vampire Diaries, eu não lembro bem como começou, como fui atrás disso, mas eu passei a acompanhar muito o fandom de TVD de língua inglesa, mais do que o fandom brasileiro depois de um tempo, motivo: a forma como a Bonnie (a única personagem negra com algum destaque) era percebida pelo público brasileiro.

Eu me simpatizei com a Bonnie (melhor amiga negra e mágica da protagonista da série) desde o começo com ela, não só por me chamar a atenção dela ser negra, mas porque ela seria a bruxa da série e eu adoro bruxas. Conforme a história progredia e sua personagem crescia e endurecia sim (por bons e lógicos motivos) eu fui gostando cada vez mais dela. Já a protagonista e seu romance pareciam um pouco sem graça em comparação.

No entanto, acontecia uma coisa muito estranha quando eu via comentários aqui no Brasil, as pessoas detestavam a personagem, sério, detestavam de uma maneira, muitas vezes violenta e eu não entendia isso bem, pois apesar de suas falhas, não havia nada de tão grave pra ela

receber essa quantidade de hate. E eu raramente encontrava pessoas que simpatizassem minimamente com a personagem.

Em algum momento eu comecei a interagir mais com o fandom de língua inglesa (eu consegui isso com a ajuda do google tradutor) e lá as coisas eram muito diferentes, havia pessoas que realmente detestavam a personagem, mas também achei pessoas, muitas pessoas que eram apaixonadas pela sua personagem. Havia muitas discussões de como ela era retratada e uma indignação geral que crescia, com a negligência do roteiro quanto a sua personagem.

Nesse eu entendi muitas coisas sobre os recortes de raça que não tinha compreendido então. Havia análises interessantíssimas sobre os episódios e sua personagem e como o racismo estrutural ou não dentro da produção era culpado pela forma como a personagem era tratada e retratada na série. E com isso havia também um desejo geral de ver a personagem ser vista com mais justiça e é aí que as fanfics entram. Havia muitas fanfics sobre essa personagem, com melhores histórias e jornadas do que víamos na TV dentro da série, era realmente incrível e fantástico ver tantas pessoas se reunindo em torno dessa personagem, discutindo temas sérios e criando um espaço seguro e feliz para apreciarmos ela.

Eu acredito que as fanfics não são apenas um espaço para a criatividade, para realização de desejos, mas também um espaço para externarmos nossos sentimentos, retratarmos nossas realidades e assim mostrar o mundo como ele é em toda sua diversidade.

E isso é algo muito poderoso, porque é uma forma de nós como fãs (e aqui eu faço o recorte dentro das minorias) termos algum poder e criar espaços que por muito tempo foram negados a nós, nas grandes mídias.

Pesquisadora: Pra finalizar, inclusive pensando nisso que você trouxe do fandom de TVD em língua inglesa e o em português, como você sente que são essas questões de representatividade na fanfic aqui no Brasil e lá fora? Costuma seguir esse padrão que você viu com a Bonnie, depende do fandom, depende do tipo de identidade (gênero, classe social, etc)...?

P3.: Eu não estou tão inserida em novos fandoms nos dias de hoje e nem li tantas fanfics em português como lia no passado. Primeiro porque eu sempre gosto dos casais que todo

mundo menos gosta e acaba que nos fandoms de língua inglesa existem mais opções e um leque de personagens que o povo escreve mais, segundo porque eu realmente leio fandoms mais antigos mesmo e terceiro porque os fandoms de língua inglesa sempre são maiores, por isso é mais fácil achar em fanfics nichadas (por ter protagonismo de personagens mais obscuros ou casais que menos pessoas torcem) bem escritas do que aqui em terras tupiniquins. Não dizendo que a qualidade das fanfics escritas aqui é inferior, mas sim que como lá é maior a chance de ter mais fics bem escritas também é maior.

Mas acho que hoje em dia talvez uma personagem como a Bonnie seria um pouco melhor recebida até aqui no Brasil, ainda assim acho que é um trabalho muito em andamento, vejo muito mais histórias focando em mudar a sexualidade dos personagens, do que histórias dando destaque a personagens não brancos, acho que é parecido com o mundo literário nesse aspecto.

Mas como eu disse, eu tenho me movimentado bem pouco em novos fandoms, pra saber se isso condiz com a realidade. Sem contar que eu sinto que, embora o entendimento do que é fanfic tenha se difundido mais e as pessoas num geral entendam melhor o que é uma fanfic, a quantidade e o fervor em produzir fanfics tenha diminuído ou se difundido em fandoms menores.

Isso pode estar ocorrendo ao meu ver, porque hoje em dia não temos ondas estrondosas de fã como foi com Harry Potter, Crepúsculo ou Jogos Vorazes. O mais próximo disso que eu vejo são os fandoms de Kpop onde há uma enorme incidência de fanfics com representatividade gay e bi, embora exista uma representatividade étnica óbvia também.

Pesquisadora: Entendi!

Pesquisadora: Bom, com isso finalizamos

Pesquisadora: Muito obrigada por ter aceitado participar!

Pesquisadora: Se você quiser acrescentar ou perguntar alguma coisa, fique à vontade

Pesquisadora: Se não, encerramos por aqui mesmo

P3.: Ok, não tenho nada a acrescentar, obrigada também!

Entrevista 3 - P2

Pesquisadora: Bom, vou começar do básico, me apresentando direitinho kkkkkk

P2: Okayyy

Pesquisadora: Meu nome é Mariama Soares, tenho 23 anos, sou estudante de graduação de Letras e essa entrevista aqui é pro meu TCC. Comecei a escrever fanfic bem nova, então foi bem bacana poder trazer isso pra minha vida acadêmica!

Aí se você puder se apresentar brevemente também, nome, idade, profissão...

P2: Ahhh que bacana Mariana! ❤️ Eu amo fanfics, fiquei muito feliz quando vi sua pesquisa, fui correndo assinar o forms kkkkkkkk

P2: Meu nome é P2 e eu tenho 21 anos! Também estudo Letras em PTBR/Inglês e estou no primeiro semestre. Comecei a escrever fanfics também muito nova KKKKKK com 14 anos se eu não me engano, para o fandom de Hora de Aventura. Depois fui conhecendo outros e cheguei no fandom do EXO. Foi através do Nyah Fanfiction e do Spirit que eu pude começar a escrever

Pesquisadora: Que legal! Comecei pelo Nyah também, o falecido kkkkkk

P2: Saudades kkkkkkk

Pesquisadora: E como foi esse começo do contato da fanfic, em mais detalhes? Como você descobriu a fanfic, o que te atraiu a ler e a escrever?

P2: Então, eu não me lembro ao certo como descobri o Nyah e o Spirit. Eu me lembro de procurar por coisas de hora de aventura e cair no site, então eu procurei o que era fanfic e até entender que eram histórias feitas por fãs uma possibilidade de mundos se abriu na minha frente. Eu queria muito ver meus personagens favoritos tomando vida de outros jeitos, era muito divertido! Então eu conheci o Spirit depois, e foi lá que eu comecei a ler mais coisas com pessoas de verdade. Então, fanfics com o Justin Bieber, a Taylor e até ONED foram minhas portas de entrada pra esse outro lado das fics. Eu comecei escrevendo fanfics originais, então eram histórias originais, não sei se posso chamar de fanfic. Mas o Spirit sempre deu entrada pra isso, o "poder" postar histórias originais sem fins lucrativos, e isso era muito legal. Eu gostava de criar coisas com mundos fantásticos, e gosto até hoje. O que me motiva é criar personagens e eu basicamente escrevo o que gosto de ler, gostaria de ler. Cheguei no EXO e até hoje escrevo com eles, na plataforma spirit e ao3, que é internacional. Adoro fanfics de Marvel também

Pesquisadora: Já que você mencionou as histórias originais, você gostaria de escrever para a publicação tradicional, publicar um livro e tal?

P2: Siiim eu tenho muita vontade!! Na verdade, eu queria começar com um ficbook. Acho isso uma boa oportunidade de ver algo meu impresso, mas infelizmente até hoje nunca consegui receber nenhuma proposta. Eu tenho vontade de, caso não conseguir fazer nenhum ficbook, por ser difícil independentemente, eu quero tentar lançar ebook na amazon! Não tenho tanta vontade de trabalhar com isso, eu admito. Eu queria somente ter alguma história minha impressa mesmo ou tentar ebook. Capitalizar a escrita não me dá tanta vontade, eu gosto de escrever pra me divertir

Pesquisadora: Ahh, entendo! Pra você a diferença entre a publicação tradicional e a fanfic é só na questão da capitalização ou você vê diferenças em outras áreas, tipo público, conteúdo etc

P2: Eu vejo muita diferença. Além da capitalização, como eu disse, eu gosto de escrever o que eu gosto de ler. Não consigo me ver escrevendo para a massa, para vender. Eu já tenho pouco publico em relação a fanfic, por escrever o que eu gosto e não o que tá na moda (porque tem muito disso no ficdom), então eu fico engessada várias vezes com meu texto, mesmo fazendo por diversão. Não consigo me imaginar vendendo minhas coisas

Pesquisadora: Hmm, justo

Pesquisadora: Aí mudando um pouquinho pra falar do formulário que você respondeu: tinham algumas quest

Pesquisadora: Opa kkkkk

Tinha algumas questões sobre a frequência que você lia/escrevia fics com questões de gênero, de sexualidade, de etnicidade e de classe social. Quando você respondeu, o que você entendeu que se encaixaria como uma "questão de etnicidade", uma "questão de sexualidade" etc?

P2: Olha, eu entendo como: eu sou branca. E escrevo com personagens amarelos, e entendo que isso é uma questão difícil hoje em dia, por conta da representatividade e tudo mais, mas sinceramente eu faço tudo com muito muito respeito e eu escrevo com o exo porque eu amo muito eles. E sobre sexualidade também, já que eu escrevo em maior parte com casais héteros e gays. Eu demorei a entender minha sexualidade mas me identifico como hetero sksksks E

entendo essas questões como importantes, mas sempre respeito muito essas comunidades e apoio demais as pautas que são discutidas por fora, como eu disse, em relação a representatividade. Mas como mulher, sinto que somos muito pressionadas e cobradas em relação a isso, por gostarmos de conteúdo como BLS/casais gays e eu não vejo problemas. Tratando com respeito e amor, é isso que importa

Pesquisadora: Entendi! Então seria ter pessoas com identidades diversas na história, não necessariamente abordar homofobia, por exemplo?

P2: Issoo. Eu acho super importante ter a questão da homofobia. Mas por exemplo, como eu disse anteriormente, muitas das vezes eu abordo histórias em meios fantasiosos. Então não há porquê abordar a homofobia. Podemos ter gays trambiqueiras e fadinhas também, acho importante isso. Mas por outro exemplo ksksk, eu acabei de escrever uma fanfic de época. Eu precisei abordar a homofobia, mas fiz isso com sensibilidade e respeito. Não querendo me apropriar de uma dor que não é minha, claro, mas representando o tópico da homofobia através das situações ao redor dos personagens. E isso porque a historia nao gira em torno disso, mas sim do desenvolvimento dos personagens principais e ao redor

P2: Acho que faz muito sentido abordar em certos casos, mas tem outros que não precisa * (reiterando)

Pesquisadora: Entendi, faz sentido!

Pesquisadora: Você falou lá em cima sobre a pressão de escrever casais gays sendo mulher (sei bem o que é isso kkkk), você pode falar um pouquinho mais sobre isso? Quais são os desafios que você enfrenta na hora de escrever, na recepção da escrita?

P2: Então, eu não sinto muuita pressão em relação a recepção, nessa questão. Mas por exemplo quando eu estou em comunidade, ou seja, no ficdom, as vezes eu sinto um distanciamento, mais pela minha sexualidade do que meu gênero. Como se eu não pudesse escrever fanfics de gays por estar usando da "fetichização" quando na verdade eu só estou escrevendo sobre um casal fictício que acho fofo?? E eu consumo sim casais héteros, como disse antes. Então não faz sentido nenhum. Levam à uma pauta que não tem relação com a realidade, que seria a diversão. E sobre ser mulher, é difícil até para escrever, as vezes. Porque a mente feminina é diferente do universo masculino, em relação a vivências, sensibilidade, amor e viver em sociedade. Mas isso não me impede de escrever, eu gosto dos meus personagens! Só quando sai da bolha que vejo o tópico anterior sendo discutido.

Pesquisadora: Ahh, entendo

Pesquisadora: Já tá acabando, juro kkkkk mais duas perguntas só

P2: Sem problemas que isso

Pesquisadora: Você prefere encontrar fanfics com personagens e situações que se assemelhem à sua realidade de alguma forma, ou esse é um ponto que não faz diferença? Principalmente com relação a raça e classe social

P2: Então, em relação a raça é mais difícil, porque eu leio em maior parte do exo. Mas também leio fanfics de outros fandoms, como da Marvel/DC e Star Wars, entre outros, e encontro mais fanfics com personagens brancos. Mas como a questão de representatividade tá longe da minha realidade, eu não procuro por isso não, já que sou branca. Agora em relação a classe social, eu amo muito! Adoro ler fanfics que os personagens tem alguma relação de dificuldade em contrapartida com a riqueza. Por isso gosto muito de ler fanfics jogos vorazes!au, pela relação dos pobres tentando vencer na vida kkj

Pesquisadora: Justíssimo kkkkkkk

Pesquisadora: E, pra fechar, você espera encontrar um nível maior de diversidade nas fanfics em comparação com a mídia tradicional (filmes, séries, livros)? E encontra, de fato?

P2: Siimmm muitooooo. Principalmente em certas obras, como a Marvel por exemplo, que ama fazer um queerbaiting. Eu adoro ler fanfics dos XMEN onde tem casais gays, porque da pra ver que em muitos casos eles ocultam isso ou deixam implícito nas obras, como acontece com Charles Xavier e Magneto. Em senhor dos anéis, Star Wars, etc. Uma infinidade de fandoms que tem muitos casais héteros mas que tem pouco casal lgbt. E também, em relação a dinâmicas. Tem muita dinâmica que é mostrada em fanfics que eu vejo pouco nos livros, como temas fantasiosos (abo verse) que são super legais. Mas pouco explorados em outras mídias

Pesquisadora: Justo! Tem bastante estudo sobre isso até, como a fanfic é pioneira em um monte de coisas que só chega na grande mídia bem depois - se é que chega

Pesquisadora: Mas é isso!

Pesquisadora: Muito, muito obrigada por participar ❤️

P2: SIM!!!! as fanfics fazendo muito pelos leutores

P2: Leitores

P2: Nada que isso, desculpa a demora e umas confusões aqui e alickkkkkk

P2: Espero que dê tudo certo na sua pesquisa

P2: Me manda depois se sair alguma coisa??? Não sei se você tem permissão pra publicar o levantamento todo etc

P2: Mas tenho muito interesse

P2: Muito feliz em ver estudante de letras dando relevância pras fanfics

Pesquisadora: Imagina, deu tudo certo no fim kkkkkk

Pesquisadora: Claro! Meu plano é publicar pelo menos os dados do forms de um jeito q todo mundo possa ver

P2: 🥰🥰🥰 obrigada Mari

Pesquisadora: Eu que agradeço

Entrevista 4 - P5

Pesquisadora: Bom... Boa noite! Vamos conversar então.

P5: Boa noite!

Pesquisadora: É... Bom, vou começar por me apresentar, primeiramente, aí você faz o mesmo depois, com o que você quiser, pode acrescentar algo além do que eu falar, enfim, fica à vontade. É... Bom, meu nome é Mariama, eu tenho 23 anos, sou estudante de Letras, estou acabando a graduação. Esse trabalho aqui é para o meu TCC e, basicamente, essa é uma entrevista para ir aprofundando o que você respondeu naquele primeiro formulário lá. Aí você se apresenta, fala seu nome, sua idade, sua profissão e o que mais você quiser apresentar. É isso.

P5: É, meu nome é P5 e eu tenho 22 anos e eu sou estudante de Direito [em Belo Horizonte], só que desde que eu tenho 12 anos, eu sou super envolvida no mundo da fanfic e é por isso que, né, eu [concordei com essa entrevista], participei do formulário e estou aqui para responder quaisquer perguntas que eu puder.

Pesquisadora: Muito bem. É, bom, aí vamos começar do começo, né? Eu queria que você falasse um pouco sobre como você começou a ler fanfic, o que que te incentivou a começar a ler e escrever também, se foi um momento separado, se foi junto, enfim, esse começo na fanfic, como é que ele foi?

P5: Bom, a minha história com fanfic tá muito relacionada a Harry Potter, na verdade. Porque lá no longínquo ano de 2013, 2014, é, eu tava lendo Harry Potter, a coleção original pela primeira vez e eu não estava sentindo que a história era suficiente. Eu queria saber mais sobre os personagens, eu queria saber mais da história e foi quando eu encontrei... Não foi o Spirit na verdade, foi quando eu encontrei o Nyah. E foi uma história do Draco e da Hermione na verdade, eu nunca vou esquecer disso, minha primeira fanfic foi do Dramione e... Eu comecei a escrever pouco tempo depois, na verdade, porque eu falei, ah, as pessoas estão escrevendo, eu também vou escrever. Eu escrevi uma fanfic sobre a Lily e o James Potter, que são os pais do Harry, porque eu achava realmente que não tinha conteúdo suficiente dessas histórias e eu precisava escrever mais sobre isso.

Pesquisadora: Justo. (risos) Muito bem. É... Bom, e a partir disso, essa coisa de escrever porque não tem conteúdo, é bem interessante isso, eu também queria saber se desse escrever para fanfic você também foi para um querer escrever para uma publicação tradicional. Como é que você enxerga a publicação tradicional em relação à fanfic, se tem diferença, se não, enfim, nesse âmbito, assim.

P5: Você diz redação tradicional como...

Pesquisadora: Publicação. Publicação tradicional, tipo, livro normal.

P5: Ah, tá.

Pesquisadora: Isso.

P5: É, eu acho que fanfic é muito descredibilizada, como se fosse uma coisa boba, mas como é uma coisa que é feita por pura paixão, não tem nenhum outro interesse ali além de realmente escrever sobre aqueles personagens ou então aquela história, eu acho que é uma coisa que é tão boa, boa entre muitas aspas aqui, quanto uma publicação normal. Inclusive, existem fanfics que viraram publicações e, tudo bem que não são os melhores exemplos de fanfics boas, mas, eu acho que isso reflete como que a mídia tá mudando nesse sentido também. Abriu-se muito espaço para... com a globalização e a Internet e todos esses sites de

fanfic, com o Tumblr e tudo mais, abriu-se muito espaço para escritores de fanfic poderem de fato fazer uma carreira a partir disso. E eu acho muito legal, porque tem muita gente que não consegue entrar na publicação tradicional logo de cara e ter essa plataforma às vezes ajuda muito. Tem vários casos disso, da própria Sarah J. Maas, que hoje uma das maiores escritoras de literatura jovem adulto, começou como escritora de fanfic, com 16 anos. Então, assim, eu acho que não deveria ser tão descredibilizado quanto é, porque é uma plataforma que é super interessante.

Pesquisadora: Justo. É... Bom, não vou fazer muitos comentários sobre porque eu não quero... Como é que fala? Influenciar a sua resposta. Então vou ser assim, breve, nas minhas respostas. Mas... É.... Sobre essa coisa do que te atraiu na fanfic no começo, né, essa questão de gerar conteúdo que não existia. Continua assim? Agora, depois de tantos anos na fanfic, você ainda lê e ainda escreve por esses mesmos motivos ou mudou com o passar do tempo?

P5: De certa forma, sim. Mas hoje, mesmo porque eu sou bem mais velha, não tenho mais tanto tempo, então muitas vezes quando eu vou escrever alguma coisa, é uma... Por exemplo, uma one-shot aleatória. A última coisa que eu realmente escrevi e publiquei foi em 2020, foi uma one-shot de Avatar (risos), a Lenda de Aang. E eu tentei muito traduzir o que eu tava sentindo naquele momento com a fanfic. Então passou de ser uma coisa muito... É... Assim, passou de ser só sobre aquele personagem, passou a ser um pouco sobre mim também.

Pesquisadora: Uhum, uhum.

P5: É basicamente isso, eu acho, que evoluiu.

Pesquisadora: Entendi. É... Tá. Aí, fechando um pouco mais essa parte e indo mais para a questão do formulário, né. Faz tempo que você respondeu tudo, mas tinham umas quatro perguntas lá sobre com que frequência você encontrava questões de sexualidade ou questões de gênero e de classe social e de etnicidade na fanfic. Tinha as opções de você responder se era com muita frequência, pouca frequência, enfim. Aí eu queria que você me contasse o que você entendeu que seria uma questão de sexualidade, uma questão de gênero, o que se encaixaria nessa questão quando você respondeu, assim.

P5: Então, eu acho que na verdade o ponto mais explícito assim é sobre classe social, porque pelo menos para mim, como os livros que eu li, as mídias que eu consumia, tinham muito de classe social, como por exemplo, Jogos Vorazes, Harry Potter mesmo, A Seleção, tudo isso tinha a ver com classe social de certa forma, então eu acho que na fanfic isso se traduzia um

pouco. Ainda que de forma implícita, indireta, é... A questão de sexualidade eu acho que aparecia na medida em que as pessoas vinham amadurecendo e vendo que a vida não é só o casal hétero de uma fanfic (risos), mas isso ainda era... Eu acho que quando eu comecei a ler fanfic, quando eu comecei a entrar nesse mundo, ainda era 2013, ainda era uma época muito diferente, nesses 10 anos muita coisa mudou. Hoje, quando você pega uma fanfic, existem muito mais... Muito abertura, sabe? Sobre esses assuntos do que tinha antigamente. Questão de gênero... Eu vou ser bem sincera: eu não vejo discussões sobre gênero em fanfic. Assim, você diz sobre transexualidade, essas coisas, eu nunca vi. Nunca. É... É. Realmente, eu nunca vi.

Pesquisadora: Uhum... Justo. Mas aí, por exemplo, então entraria a questão de transexualidade na questão de gênero. Mas, por exemplo, questões feministas, você acha que entraria nessa pergunta ou não?

P5: É... Bom, se aparecem questões feministas, a resposta é sim. Eu acho que nos últimos anos as pessoas falaram [com mais consciência] sobre esse assunto e isso tem se revelado também no mundo dos escritores de fanfic, ainda mais porque a maioria das pessoas que escrevem são mulheres. E inegavelmente quando você é mulher, o assunto do feminismo vai aparecer para você uma hora ou outra. Normalmente, quando você está ali na adolescência, começa a fazer aula no ensino médio de sociologia e tal. Então eu acho que isso acaba aparecendo um pouco. Aparecem... É... Peraí, deixa eu formular essa frase de novo. Aparece muito também personagens femininos que são assim badass, sabe, aquele estereótipo de personagem fodona e tudo mais. Isso aparece com certa frequência e eu acho que são jeitos de se iniciar um pouco no feminismo, porque você começa a ver que nem toda personagem principal tem que ser aquela princesa que tem que ser resgatada, que está presa no topo de uma torre. Então eu acho isso interessante, pelo menos para mim, foi um dos jeitos que eu comecei a entender o que era o feminismo, foi lendo e escrevendo.

Pesquisadora: Uhum. Justo. É... Que mais, deixa eu ver aqui. Bom, aí nessa coisa de diversidade. Você, quando você vai ler fanfics ou escrever, você gostaria de encontrar um personagem que se assemelha à sua realidade, tipo você prefere fanfics que tem personagens que se assemelham a você ou tanto faz? Ou isso não faz diferença no final das contas.

P5: Olha, as fanfics que eu leio normalmente são muito fora desse mundo, então é difícil achar uma questão que seja muito próxima a mim nesse sentido assim, principalmente realista. Eu gosto muito de coisa de época, eu gosto muito de coisas de universo [e tema]

antigo. Então eu não procuro coisas assim, que façam o mesmo mundo que eu vivo, por assim dizer. Mas quando eu vou procurar alguma coisa, eu tendo buscar em relação a sentimentos que eu também sinto, sabe? Então isso eu acho que é uma coisa que reflete tanto quanto na minha escrita quanto na minha leitura. Eu gosto de personagens que passam por coisas e pensem as coisas do mesmo jeito que eu. Eu acho que é basicamente isso.

Pesquisadora: Justo. Hm... E aí em questão tipo de identidades. Personagens que são, sei lá, é, de sexualidades diferentes da sua ou de gêneros diferentes do seu ou raça e etc. Você já escreveu personagens assim? Você se sente apta a fazer isso? Você sente que tem algum desafio em fazer isso? Como é que é isso para você?

P5: Ah, eu já escrevi sobre o ponto de vista de homem, né, eu, no caso, sou mulher, cisgênero. Então eu já escrevi no ponto de vista de homens. Eu não acho difícil. Assim, nem um pouco, na verdade. É... Agora, sobre questão de sexualidade, eu nunca pensei muito sobre isso, para ser sincera. É... Acaba que para ler, eu não me incomodo nem um pouco em questão de sexualidade e gênero, eu acho que para mim é muito mais uma questão emocional do que uma questão disso. Mas para escrever, caso eu fosse escrever, por exemplo, um personagem homossexual, seria muito mais difícil, porque é uma realidade muito diferente da minha. E não tem como você importar isso para a escrita sem, de certa forma, trazer as dores que essas pessoas sofrem. Então eu já acho que seria um pouco mais difícil.

Pesquisadora: Sim. Entendi. Estamos indo muito depressa, está acabando já, tem tipo duas perguntas, mas enfim.

P5: É, eu falo muito (risos).

Pesquisadora: Não, que isso! Não, está indo rápido! Faz... Nem 15 minutos de entrevista. É...

P5: Gratidão!

Pesquisadora: (risos). É... Em relação à mídia tradicional, né, tipo, livro, filme, série, você espera que a fanfic seja mais diversa, nesse sentido de personagem, de temas, ou você acha que é a mesma coisa... Ou que a mídia tradicional tem mais, como é que é essa relação para você?

P5: Nossa, eu acho que a mídia tradicional, justamente por ser tradicional, por passar por um longo processo de revisão antes da publicação, passar pela mão de várias pessoas, ela acaba

sendo muito mais contida. Então fanfic, como é realmente o autor e o público, um de frente pro outro, é muito mais fácil, você consegue abordar muito mais temas, muitos temas mais complexos também... É... Acaba que tem uma abertura muito maior, porque não tem um afunilamento de assunto que às vezes a mídia tradicional considera que tem que ter para um livro ser publicado e ter sucesso. E querendo ou não, fanfic é gratuito. Você senta ali, você edita o seu texto, claro, mas quando você publica algo, por exemplo, no Spirit, você não está recebendo nada por isso, mas também não está pagando nada por isso. Mas quando você vai e publica um livro, é um processo muito custoso. Existe uma série de... Pessoas, naquela cadeia produtiva que precisam de salário. E aquilo tem que voltar de alguma forma. E é por isso que eu acho que é tão mais delicado quando você vai publicar um livro que quando você vai escrever uma fanfic. Acaba que os temas são mais limitados, acaba que o jeito de escrever tem que ser mais tradicionalzão. É... Então tem isso, tem realmente uma questão a se pensar. Eu gosto mais de fanfic, tipo, eu leio mais fanfic hoje do que eu lia no passado, porque eu acho muito mais fácil. É menos custoso para mim também, até porque para comprar livro, a gente tem que desembolsar um bocado. É... Então, tem isso. Eu acho que essa é uma questão que impacta bastante na hora de se estruturar sobre um assunto, sabe?

Pesquisadora: Uhum, sim. É... Bom, essa é a última pergunta. Sobre, tipo, quando a gente vai pensar na fanfic e o... A mídia de onde a fanfic se originou, né. Você acha que a mídia original, você acha que a mídia original, tipo o estado [do canône], digamos, se aquele livro que não tem pessoas negras ou se aquele livro não tem pessoas transexuais. Você acha que isso impacta na maneira como essas questões aparecem na fanfic ou a fanfic, ela vai criar o que quiser, independente do que tiver na mídia original, assim. Não sei se está claro a pergunta, mas (risos), enfim.

P5: É... Eu não sei se o que eu vou responder vai fazer sentido, espero que faça. Mas assim, a impressão é que o quanto menos de verdade, entre aspas, questões de raça mesmo tem, mais as pessoas vão ficar revoltadas e escrever fanfic incluindo isso. Mas ao mesmo tempo, eu acho que é muito prejudicial, porque aí quando você vai e escreve uma coisa em cima disso, todo mundo vai falar que você está viajando muito. Mesmo sendo uma fanfic que é literalmente (risos) uma ficção feita por um fã, são comentários que a gente tem que escutar. E assim, eu acho que é um... É realmente um problema que existe hoje, principalmente no gênero de fantasia, né. Fantasia e romance de época, que são os dois gêneros que eu mais leio, raramente aparecem personagens de raças que não sejam caucasianos. Isso é um fato. Aí em fanfic e até mesmo em adaptações, eles estão tentando trazer mais diversidade. Você pega,

por exemplo, Bridgerton, O Senhor dos Anéis, uma série de obras tem aparecido. Eu acho que muito disso é reflexo do fato que em fanfic as pessoas puderam ser mais inclusivas.

Pesquisadora: Uhum... Entendi. Fez sentido, fez bastante sentido, inclusive. (risos). É... Bom, era isso! Acabamos. Se você quiser acrescentar mais alguma coisa, me perguntar alguma coisa, fique à vontade!

P5: Eu... Não, só queria parabenizar pela ideia, pela iniciativa de fazer essa pesquisa, eu acho que é um nicho muito desvalorizado, mesmo que as pessoas não fazem ideia do tanto que é importante para todo mundo hoje, assim. Fanfic mudou a minha vida, alterou a química do meu cérebro para sempre, sabe? A pessoa que eu sou foi infinitamente impactada por esse mundo e pelas pessoas que eu conheci. Uma das minhas amigas mais próximas, eu conheci através de um site de fanfic. Minha amizade mesmo com você! A gente tem muito em comum também, tem ali aquele ponto de interseção que é a fanfic, então eu queria parabenizar muito por essa iniciativa. Eu acho que é muito nobre.

Pesquisadora: Ah, muito obrigada! (risos)

P5: Querer fazer isso, eu acho mais do que justo.

Pesquisadora: Muito obrigada, agradeço! É... Trazendo fanfic para a academia, é isso! (risos). Bom, é isso, vou parar a gravação, encerramos por aqui. Muito obrigada!

P5: Eu que agradeço!

Entrevista 5 - P4

Pesquisadora: Bom, vamos começar então!

P4: Vamos!

Pesquisadora: Começando com uma apresentação básica: meu nome é Mariama Soares, tenho 23 anos, sou estudante de graduação de Letras e essa entrevista aqui é pro meu TCC. Comecei a escrever fanfic bem nova, então foi bem bacana poder trazer isso pra minha vida acadêmica!

Aí se você puder se apresentar brevemente também, nome, idade, profissão... E, claro, qualquer dúvida que você tiver durante a entrevista, só falar

P4: Está bem, eu me chamo P4, tenho 25 anos e sou formada em pedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Atualmente estou fazendo a minha pós na UERJ, na área de gestão escolar. A minha história com as Fanfics também vem desde novinha, eu via minha irmã escrevendo histórias que ela criava e lia com bastante afinco e Animação, como na época não tínhamos notebook e nem acesso a sites e talz, minha irmã usava o caderno de desenho para escrever e eu desenhava os personagens e alguns cenários (eu tentava, tinha uns 7/8 anos por aí kkkk) para ela e assim foi até hoje, hoje em dia não escrevo mais tantas Fanfics quanto antes, mas mantenho uma constância na leitura das Fanfics.

Pesquisadora: Que bacana!! E como foi a transição dessa escrita em papel pra fanfic digital, em sites e tal? Algo em particular te atraiu?

P4: Então eu não sabia que tinha sites, então a gente acabou nem passando esse material escrito para postar em Fanfics. Então quando minha irmã fez 15 anos e ganhou um notebook de presente do meu pai, eu descobri primeiro o site nyah fanfics, onde a primeira fanfic que eu postei foi relacionado ao anime D.Gray-Man que eu fiquei muito animada assistindo e lendo o mangá.

P4: Agora em questão de algo em particular me atrair, eu lembro da minha irmã me mostrar uma fanfic no Orkut que era "todo mundo odeia o Neji" mas nem pensava de escrever e talz.

Pesquisadora: Hmm, entendi

Pesquisadora: E o que você costumava escrever? Ler também, que tipos de fanfics você gosta de ler (pode ser o fandom, o tema...)

P4: Então, o que me inseriu de fato para o mundo das Fanfics foi quando escrevi Fanfics para o fandom de Undertale, depois eu dei uma pausa e voltei a ler e escrever para o fandom de Boku no Hero Academia, mas depois fui para outros fandoms como Chainsaw Man, Tales of Arcádia, Hataraku Saibou e The Promised Neverland. Eu costumava escrever Romance e Fanfics hot, mais one-shots do que Fanfics longas. Eu leio Fanfics de ação, romance, algumas são longas, mas procuro ler mais One-shots.

Pesquisadora: Justo! Aí agora falando do formulário que você respondeu na primeira parte da pesquisa:

Tinha quatro perguntas sobre com que frequência você via “questões de sexualidade”, “questões de gênero”, “questões de etnicidade” e “questões de classe social”. O que você entendeu que seria uma questão de gênero, etnicidade etc quando respondeu?

Por exemplo, no caso de questões de sexualidade, bastaria ter personagens LGBTQIA+ na história ou teria que tratar de homofobia?

P4: Quando eu li essa questão, eu imaginei que seria as Fanfics trazerem essa pauta como tema da Fanfic, nem que seja um sub-tema para a trama sabe? Por exemplo, quando eu fazia parte de um projeto de Haikyuu do Spirit que tinha como foco trazer Fanfics para o social Spirit, um dos temas para o mês e que os escritores deviam escrever era trazendo outros espectros da sexualidade, além da lésbica e gay que são os mais abordados, então muitas Fanfics que foram lançadas traziam o espectro ace, o espectro pan e da bissexualidade, claro com todo o cuidado e pesquisa para não acabar ofendendo.

Sobre a segunda pergunta, do exemplo, eu acredito que quando uma fanfic tem como proposta trazer personagens LGBTQIA+, é bacana e traz uma profundidade você trazer todos os aspectos, não somente eles falarem que são e pronto, porque mostra como se fosse muito fácil quando na realidade não é assim. E assim como nos livros, eu acredito que as Fanfics tem o poder de nos conectar a história, aos personagens e podemos acabar até nos referenciando em algumas questões.

Pesquisadora: Com certeza! Acho bem importante trazer essas questões pra fanfic - tanto é que tô aqui fazendo essa pesquisa kkkkk

Pesquisadora: Seguindo nesse ponto, a diversidade das identidades dos personagens (em questão de gênero, sexualidade, etnicidade e classe social) é um ponto importante na leitura/escrita de fanfics para você?

P4: Então não tem como eu generalizar, mas eu confesso que quando eu era nova eu não dava importância para esse tema. Só que quando eu estava escrevendo uma fanfic de Boku no Hero em que a protagonista estava passando por um momento de machismo, eu percebi que os leitores se sentiram meio revoltados e queriam até que matasse o personagem por ser machista com ela, então trazer temas assim começou a me interessar. Foi nesse momento que eu percebi que é importante sim, ainda mais dependendo do fandom e sabemos que a maioria dos escritores e leitores, pelo menos do Social Spirit, estão na faixa dos 15-30 anos

Pesquisadora: E especificamente em relação à classe social e etnicidade/raça, você gostaria de ler fanfics que com personagens e situações que se aproximassem da sua realidade, ou esse é um ponto que não faz muita diferença?

P4: Em questão de etnicidade/raça, eu gostaria de ler sim, ainda mais envolvendo épocas complicadas como a segunda guerra mundial e talz, onde essa questão era pior do que nos dias de hoje.

P4: Uma vez eu li uma fanfic de romance que trazia como tema isso, que era um americano que se apaixonou por um japonês, estaria tudo ok se eles não vivessem na época de segunda guerra mundial e o preconceito fosse o triplo do que é hoje em dia.

Pesquisadora: Óia, entendi

Pesquisadora: E você costuma encontrar fanfics com esses temas? Até em comparação com a mídia tradicional, você acha mais fácil ou mais difícil encontrar esse tipo de representatividade na fanfic?

P4: É difícil achar Fanfics assim infelizmente

P4: Quer dizer, as Fanfics sobre representatividade LGBTQIA+ são mais fáceis, mas em questão de raça e etnicidade é muito complicado

Pesquisadora: Né? Que tristeza viu...

Pesquisadora: Tamo acabando, só mais uma pergunta!

P4: Kkkkk

P4: Preocupa não

P4: Tô feliz respondendo as perguntas

P4: Ta abrindo até mais minha mente para as Fanfics que eu quero voltar a escrever

Pesquisadora: Uiaa, que belezaa

Pesquisadora: Fico feliz kkkkk

P4: Siiim

P4: Tá me empolgando ❤️

Pesquisadora: Quando você escrevia fanfics, você se propunha a ter nelas diversidade que você gostaria de ver? Havia/Há algum desafio em particular na hora de escrever ou na recepção das histórias?

Pesquisadora: E já que você falou de voltar a escrever, me fala um pouco disso! Seus planos, ideias se tiver...

P4: Sinceramente não, eu queria trazer mais diversidade sim nas Fanfics antigas que eu escrevia mas eu sempre sentia aquela pontada de medo de acabar trazendo de forma errônea sobre o tema mesmo pesquisando e talz, porque não estou no meu lugar de fala e ficaria muito triste. Isso já aconteceu comigo quando quis trazer em uma fanfic minha um personagem autista, mas como eu era muito nova e não tinha contato eu não trouxe de forma correta e teve uma leitora que se incomodou muito, porque ela tinha um irmão mais novo autista. Um desafio na hora de escrever? Ah tem sim, o meu principal é ânimo, eu não sei porque mas eu costumo começar a escrever e me dá um cansaço de repente sendo que antigamente, eu chegava ao ponto de escrever 10k a 15k de palavras por capítulo e postava por semana.

P4: Então meu plano atual é trazer uma fanfic envolvendo espionagem, mas as personagens são adolescentes e cada uma tem seu dilema. Por exemplo, uma das personagens é uma garota trans, e ela tem questões envolvendo sua mãe estar em coma e talz e ela tem medo da mãe acabar não a reconhecendo e talz. Só que como disse antes, mesmo pesquisando eu tenho medo de acabar trazendo de forma errônea o tema, então tô quase desistindo da ideia.

Pesquisadora: Entendo, escrever o que tá fora da nossa vivência sempre é difícil

Pesquisadora: Ohhh, entendi. Mas parece muito bacana, é um tema mega relevante

Pesquisadora: Falei que era a última pergunta, mas só mais uma: você já teve algum momento em que se incomodou com a maneira com que algum autor representou um personagem de uma identidade na qual você tem lugar de fala? Em qualquer aspecto

P4: Já sim, especialmente personagens femininas nas Fanfics, a gente acaba vendo umas situações de machismo que a autora escreve e acredito que nem percebe porque é algo estrutural sabe? Mas já me incomodou sim, e também em questão de relacionamento, já vi Fanfics que romantizavam algumas coisas quando claramente era abusivo.

Pesquisadora: Nossa, é de lascar realmente

Pesquisadora: Mas é isso! Terminamos

Pesquisadora: Muito, muito obrigada por participar ❤️

Entrevista 6 - P6

Pesquisadora: Vamos começar então

P6: Blz

Pesquisadora: Começando com uma apresentação básica: meu nome é Mariama Soares, tenho 23 anos, sou estudante de graduação de Letras e essa entrevista aqui é pro meu TCC. Comecei a escrever fanfic bem nova, então foi bem bacana poder trazer isso pra minha vida acadêmica!

Aí se você puder se apresentar brevemente também, nome, idade, profissão... E, claro, qualquer dúvida que você tiver durante a entrevista, só falar

P6: Meu nome é P6, tenho 18, mas estou quase fazendo 19, sou estudante de direito

Pesquisadora: Certo! Sobre seu começo na fanfic, quando e como você começou a ler fanfics? E a escrever?

P6: Eu comecei a escrever antes mesmo de saber o que era fanfic kkkkkk

Desde muito nova eu gostava de escrever e as vezes tinha preguiça de criar personagens, então fazia histórias de hora de aventura, eah, essas coisas. Mas eu só fui descobrir fanfic aos 12 anos, por aí, no nyah

Eram fanfics sasusaku (eu tinha acabado de assistir todo o anime e tava atrás de mais conteúdo sabe, então cai de para-quedas no nyah), depois de mais de um ano uma das minhas autoras favoritas migrou pro ss e assim eu migrei tbm

P6: Eu tava virando kpopper naquela época também e no nyah não tinha fanfics de kpop, então acabei adentrando mais o Spirit por isso

Pesquisadora: Justo! Meu começo foi no nyah também, o saudoso kkkkkk

Pesquisadora: E, desse começo pra cá, o que te atrai a ler/escrever fanfic mudou? Ou mantém sendo o mesmo motivo?

P6: Nossa mudou demais kkkk

Na verdade a única coisa que me prende no mundo das fanfics é as interativas mesmo e as oneshots

eu gosto de criar personagem né, então as interativas são boas por isso

As fanfics eu acabei não me agradando mais o estilo exato de escrita, sinto que eu amadureci e, não querendo taxar fanfics como escritas ruins, mas muitas não são profundas. E eu tbm mudei meu gosto (o q é um tanto preocupante pq hj eu n gosto de hot e com menos de 16 eu era fissurada), prefiro coisas mais calmas (sem temas como mafia e afins kkkkk), que tragam alguma reflexão e façam a gente pensar e mesmo quando é romance, eu não quero que tenha do nada um capítulo de sexo

P6: Isso pode soar ruim

Eu ainda gosto MUITO de escrever

Mas eu sinto que eu ainda escrevo e posto para ganhar biscoito mesmo

Eu tenho inúmeras coisas que eu não posto, mas eu gosto da validação de desconhecidos. Eu nunca conheci pessoalmente alguém que gostasse de escrever, eu nunca tive minha habilidade reconhecida, então era uma forma (e ainda é) de encontrar pessoas q tbm gostem de escrever e que realmente gostam do que eu faço por ser bom e não por ser eu (tipo as minhas amgs ou os meus pais, eles vão achar incrível minha escrita mas eles nem leem livros para ter uma comparação). Eu realmente tbm gosto de críticas, de saber como melhorar, e postar incentiva uma competitividade em mim de querer sempre ser melhor, postar algo melhor, ser mais surpreendente ou emocionalmente, então tbm acho isso bom

Pesquisadora: Hmm, entendi! Nesse ponto, e a publicação tradicional, você já considerou?

P6: Já sim

Inúmeras vezes

Já tentei ir atrás uma época, mas acho que é difícil. Infelizmente a literatura nacional não é valorizada e não acredito que minha escrita seja boa o suficiente para alguma editora grande publicar (pq infelizmente tenho noção que nas pequenas vc gasta mais do q recebe)

Pesquisadora: Vida de autor nacional é complicada mesmo...(não vou comentar muito as respostas pra n influenciar, tá?)

Pesquisadora: Aí agora falando do formulário que você respondeu na primeira parte da pesquisa:

Tinha quatro perguntas sobre com que frequência você via “questões de sexualidade”, “questões de gênero”, “questões de etnicidade” e “questões de classe social”. O que você entendeu que seria uma questão de gênero, etnicidade etc quando respondeu?

Por exemplo, no caso de questões de etnicidade, bastaria ter personagens não brancos na história ou teria que tratar de racismo?

P6: acho que para mim bastaria a representatividade

Eu gosto de ler histórias fantásticas, num mundo fictício, enrao acho que tratar essas questões com naturalidade e dar representatividade é essencial

Claro que eu tbm leio bastante livros que retratem racismo, lgbtqfobia, mas gosto quando a gente fecha os olhos pro preconceito e coloca representatividade

Enfim, basta ter representatividade para eu considerar

Pesquisadora: Entendi! E tem algum tipo de representatividade que te interessa mais?

P6: Acho que gosto de todas

Mas em geral eu acabo indo mais atrás de livros com temática lgbt, principalmente saficos já que tbm sou lgbt

P6: Em livros saficos é mais fácil me colocar no lugar da protagonista

Pesquisadora: E na escrita? Você se sente apta a escrever sobre personagens e realidades diferentes da sua? Há algum desafio particular em relação a isso?

P6: Acho que sim

Não vejo isso necessariamente como um desafio

Porém questões de saúde mental (q vc n citou mas quis comentar kkkk) eu acho mais complicado, como personagens autistas, boderliners, etc

Pesquisadora: Faz bem citar! Tô focando em certas coisas pq senão a pesquisa n acaba kkkkkk

P6: Sim simkkkkkk

Pesquisadora: Sobre interativas: como é sua experiência como autora em relação à diversidade nesse caso? Você já recebeu fichas que não foram bacanas ou fichas que fizeram você considerar algo novo...

P6: Então.... Eu tenho uma regra de proibir demissexualidade e tem um motivo

Hj eu abranjo essa regra pra abrossexuais tbm

Mas é basicamente pq eu cansei de ver fichas tão erradas e que sexualizavam isso que me deixavam desconfortável, ou até faziam o pior tipo de estereótipo. Eu mesma prefiro não fugir do hétero + lgbp pq tenho medo de não saber trabalhar tão bem. Tenho muita vontade de fazer personagens trans, mas eu não sou próxima o suficiente de pessoas trans para pedir ajuda e tenho medo de fazer a mesma coisa que aconteceu comigo de deixar os outros desconfortáveis a partir de estereótipos. Enfim vi inúmeros casos em relação a sexualidade

Em questão étnica, acho que não é exatamente um problema das pessoas de construírem, mas é muito mais comum apenas reservarem fcs brancos (no máximo coreanos, nem asiaticos). E acredito que isso seja culpa da nossa representatividade cultural, pq é mt mais fácil achar um ator branco com bastante material do que um ator de cor

P6: E os que tem (como a zendaya) são os primeiros a serem reservados

Pesquisadora: Justo...

Pesquisadora: E agora, pra acabar, você espera encontrar um nível maior de diversidade nas fanfics em comparação com a mídia tradicional (filmes, séries, livros)? E encontra, de fato?

P6: Eu espero

E encontro sim

Pode soar estranho, mas era raro vermos livros lgbt em exposição nas livrarias (hj tem), mas nas fanfics, sempre foi um tema recorrente

Questões étnicas tbm, vejo mais representatividade (sem abranger questões como racismo) em fanfics do que em livros. Não querendo invalidar, mas muitos livros famosos com personagens negros não são livros de temáticas como romance, e sim livros que retratam do racismo.

As fanfics naturalmente tem muita representatividade e retratam o Brasil (mesmo quando elas se passam no exterior, as autoras incorporam algo da cultura brasileira lá). Infelizmente a literatura nacional não é valorizada, os livros mais famosos são estrangeiros, então é uma forma de mostrar a cultura brasileira também

Pesquisadora: Muito bem! Era isso, terminamos

Pesquisadora: Muitíssimo obrigada por participar ❤️

Entrevista 7 - P7

Pesquisadora: Começando com uma apresentação básica: meu nome é Mariama Soares, tenho 23 anos, sou estudante de graduação de Letras e essa entrevista aqui é pro meu TCC. Comecei a escrever fanfic bem nova, então foi bem bacana poder trazer isso pra minha vida acadêmica!

Aí se você puder se apresentar brevemente também, nome, idade, profissão... E, claro, qualquer dúvida que você tiver durante a entrevista, só falar

P7: Bora!

P7: Meu Nome é P7, tenho 30 anos e estou nesse mundinho das fanfics há 11 anos. Estou no terceiro ano de pedagogia e faço estágio remunerado em uma creche das 10 da manhã às 4 da tarde. Se vc quiser mais alguma info pessoal, pode pedir, Mariana! No momento só lembro disso :')

Pesquisadora: Só isso já tá ótimo! Aí sobre sua experiência com a fanfic em mais detalhes, quando e como você começou a ler fanfics? E a escrever?

P7: Eu comecei no mundo das fanfics por acaso. Na época que eu esbarrei sem querer nesse universo, eu estava com 19 anos e era fã de Naruto. Eu nem sabia mexer no computador direito (tinha ganhado um recentemente), e foi na procura de um resumo escrito do anime Naruto que eu caí numa fanfic, no Nyah

P7: Obviamente eu descobri que aquilo que eu achei não era um resumo, mas mantive meu interesse inicial pelas histórias criadas por fãs

P7: Fiquei um bom tempo como escritora fantasma lá no Nyah, e mais um tempinho no Spirit antes de finalmente fazer minha conta no Spirit, há cerca de 6/7 anos atrás

P7: A minha primeira conta lá no spirit é onde vc me achou. Tenho mais outra, mas essa é uma conta reserva

P7: Antes, eu só comentava e favoritava, mas quando o Spirit lançou os desafios de escrita (esses desafios não são de agora, são antigos), eu me arrisquei a escrever e tomei gosto

P7: Ô Mariama, só para explicar direitinho essa parte, o spirit voltou com esses desafios mensais agora, mas eles já existiam antigamente. Eu só não lembro se era mensal tbm, mas eu lembro que teve um que concorria a um livro físico... eu não tô lembrada o nome do livro, gente... tá na pontinha da língua? Como era o nome mesmo? eu não sei direitinho o nome, mas é a história do cara que era... trétraplégico, mas a menina que foi contratada para cuidar dele chama Louise, aí no final ele recorre à eutanásia, um trem assim... ela fez de tudo pra ele ver beleza na vida, pra ele não recorrer a esse meio, mas no final ele vai e realmente morre, ele quer morrer, é isso a história do livro. Então eu concorri... eu me arrisquei na escrita através desse desafio, desse tema, que a gente tinha que fazer alguma história de até 2000 palavras com esse tema como era antes de você, alguma coisa assim... só te explicando direitinho pra não ficar confuso na hora de você fazer seu relatório, a sua pesquisa. Tá bom?

P7: Ah e qualquer coisa que você precisar às vezes... tô respondendo, não tá tão detalhado, pode falar "especifica isso aqui", que eu especifico, tá? Às vezes eu não tenho noção de algo que tá meio que em branco, de algo que tá sem explicação. Então pode me falar que eu tento detalhar, tá bom?

Pesquisadora: Ahh, é o Como eu era antes de você

Pesquisadora: Meu Deus, eu n sabia q dava prêmio! Q bacana

P7: Esse mesmo! KANSSKDNSKND

Pesquisadora: Belezura! Mas você tá sendo bem clara

P7: Antes eles também liberavam a planilha que usavam para dar as notas nas histórias. Deve ter gerado insatisfação no pessoal que participou pq hj em dia não liberam mais

P7: Fico feliz com isso 😊

Pesquisadora: Hmm, entendi... Competição sempre dá uns atritos

P7: Aliás, é por causa dessa planilha que eles liberavam que eu fiquei sabendo que fiquei em 9º lugar nesse desafio

Pesquisadora: Genteee, q fantástico

Pesquisadora: Eu ficaria nas nuvens kkkkkk

Pesquisadora: E o que te atraiu a ler/escrever fanfics, lá no começo? É o mesmo motivo que te fez continuar lendo/escrevendo?

P7: Eu fiquei toda boba AAAAAA

P7: O que eu mais gostei, como leitora, foi ter mais história dos personagens que eu gostava para ler. Tipo, é como se fossem criados novos universos e eu pudesse ler com os meus personagens favoritos em todos esses universos diversos

P7: Eu continuo lendo por esse mesmo motivo: a variedade de universos em que eu posso explorar junto com os meus personagens favoritos

P7: Como escritora, é semelhante, sabe. Esse lance de construir narrativas com base em temas e universos diversos me encanta. Fora que a escrita também me ajuda pra caramba a me tirar todo o estresse da vida cotidiana. É muito satisfatório poder tirar um tempinho para que eu possa me sentar à frente do computador, abrir meu docs e embarcar nos meus humildes textinhos, na companhia dos meus personagens favoritos

Pesquisadora: Compartilho do sentimento kkkkkkk

P7: É muito bom, não é? 😊

P7: Às vezes, quando não sai como queremos, bate aquele estresse

P7: Mas é tão boooooom

P7: Principalmente quando a história sai do jeito que queremos

Pesquisadora: Nossa, com certeza!!

Pesquisadora: N tem sentimento melhor

Pesquisadora: E publicação tradicional? Você já quis/quer escrever para publicar?

P7: Pra falar a verdade, eu gostaria de ter algo meu publicado, mas sei que não é tão fácil e nem barato

P7: Eu escrevo muita coisa, mas queria mesmo publicar algo destinado ao público mais novo, de crianças até os pré adolescente

P7: Algo leve e educativo

P7: Talvez fábulas ou vida cotidiana? Não sei. Mas algo que seja leve, com certeza!

Pesquisadora: Que legal!

Pesquisadora: Mudando um pouquinho de assunto agora:

Falando do formulário que você respondeu na primeira parte da pesquisa, tinha quatro perguntas sobre com que frequência você via “questões de sexualidade”, “questões de gênero”, “questões de etnicidade” e “questões de classe social”. O que você entendeu que seria uma questão de gênero, etnicidade etc quando respondeu?

Por exemplo, no caso de questões de etnicidade, bastaria ter personagens não brancos na história ou teria que tratar de racismo?

P7: Eu respondo isso como leitora e escritora? O foco da pergunta é nas histórias dos outros ou nas minhas?

Pesquisadora: Depende de como foi pra você: você pensou em coisas diferentes quando se tratava da sua escrita e quando era a escrita dos outros?

Também posso explicar de outro jeito a pergunta, até agora foi a que mais deu confusão pra todo mundo responder kkkkkk

P7: Eu não lembro como eram as perguntas do formulário, pq respondi ele há bastante tempo, mas creio que apenas mencionar um personagem não branco numa história ou uma letrinha avulsa da sigla lgbtqiap+, por exemplo, já é algo. Tipo, no meu ver, o mundo atual, apesar de ser mais "aberto", ainda tá preso à muitos preconceitos. Então, pra mim, ir inserindo esses tópicos com leveza nas histórias é algo bom, porque cria aquele sentimento de que não há nada de errado na diversidade

P7: Tipo... só explicando melhor isso aí, Mariama... tipo assim, é... o mundo hoje em dia, pelo menos pra mim que sou uma pessoa que mora na roça, então eu tô mais ligada a uma

mente mais fechada, do pessoal mais fechado, que tem inúmeros preconceitos, inúmeras questões, sabe? Então... é um pessoal mais fechadinho, então na minha vivência, na minha realidade, o meu mundinho é assim, do pessoal ser mais tradicional, que não vê com bons olhos por exemplo o poliamor, sabe? Por exemplo, não vê com bons olhos coisa banal, menina sair com uma roupa curtinha pra uma festa, coisa boba, né? Então onde eu moro ainda tem esse pensamento... então assim, no meu ponto de vista é... como uma pessoa que tem aquele desejo de escrever algo voltado pro infante juvenil, pra criança em fase de alfabetização, pro público mais jovem, né? Que tá começando a se interessar por leitura. Então assim, pra mim, do lugar onde eu tô, se eu por exemplo fizer alguma história, algum livro com, por exemplo, um personagem assexual, sabe, colocar de forma mais leve já é alguma coisa, porque vai criando no imaginário das crianças e também dos pais que acompanham as crianças que aquilo é normal, e realmente é normal. Então vai criando aquela empatia pelo outro que é diferente, entendeu? Aquela empatia pela diferença, vai criando aquele laço. Então pra mim, na minha realidade, no meu mundinho que é roça, é esquecido... tenho mais contato com pessoas mais velhas e assim... no meu entendimento já é algo, não é o ideal, mas para entender esse pessoal que é mais tradicional e preconceituoso, eu acho que ir salpicando a história aos pouquinhos com a diversidade seria algo positivo, entendeu?

P7: E tipo, por exemplo, vai que uma mãe do lugar onde eu moro vai e pega um livrinho LGBT, um livrinho, um livreto com historinhas LGBT na mochila do filho que é fornecida pela escola, meu Deus do céu... vai ser o fim do mundo, aqui onde eu moro é assim... mas, se por exemplo, chegou um livrinho na casa da pessoa contando sobre a vida de um personagem do exemplo que eu dei, um personagem assexual... sem ter aquele negócio "ah livro LGBT", sabe, é uma história normal, conta a história com outro foco, não é na sexualidade, a sexualidade tá ali embutida, é comentada, mas não é o foco daquilo. Eu acho que esse tipo de coisa, esse tipo de história que trabalha uma história maior e coloca a sexualidade um pouquinho mais abaixo, como se fosse importante na história, mas não o mais, acho que histórias assim é mais fácil de gerir e de criar empatia, entendeu? Porque eles vão ler, vão ver que não tem nada de mais, que aquele conteúdo é educativo, não tem nada daquela história "ai, tão levando as crianças...." não gente não tão transformando as crianças em nada, a pessoa nasce do jeito que é e pronto acabou. Então, tipo, os pais podem ver "hum é uma história de aventura", sem se prender tanto e fazer reboliço sobre um personagem ser sexual ou não, não vai ter aquele medo, aquele pânico do LGBT, essas coisas. Então pra mim, isso é uma coisa que eu acredito que seja ideal no lugar onde eu moro, da minha vivência, eu moro

aqui no interior de Minas e eu moro na roça, é bem roça... eu moro na comunidade, é bem pequenininho, coisa que... lugar onde eu moro não tem nem 200 pessoas, é bem pequenininho mesmo...

P7: E eu acredito muito na busca, sabe? Tipo... é... desse mesmo exemplo que eu dei, se uma criança começa a ler esse tipo de conteúdo desde novinha e os pais veem aquilo, conforme as crianças vão crescendo e os conteúdos vão avançando nessas questões, os pais vão *enlaçando* junto, então aquele pai preconceituoso que tinha uma filha de 5 anos, o pai ou a mãe preconceituoso, ele vai começar a ver as historinhas que o filho tá lendo, vai embarcar naquilo e quando o filho estiver adolescente, ele vai estar muito mais engajada do que quando o filho tinha 5 anos, entendeu? Então vai aprendendo junto, vai até buscando mais aquilo... isso é o que eu acho, sabe? E... é... aumentando o grau de acesso, aos pouquinhos, tanto para a criança quanto para os pais que tão expondo... levando pra vivência que eu tenho aqui, pro pessoal que eu conheço aqui onde eu moro. Não adiante eu te falar nessa entrevista o que eu acho que deveria ser tal tal tal, numa cidade, numa metrópole... eu moro na roça com um pessoal de mente fechada ainda. A minha mãe é super de boa com questão de sexualidade, mas tipo, ela tem os preconceitos dela, meu pai também... então é coisa que eles vão aprendendo, minha mãe hoje com as coisas que ela entende, que ela aceita, é uma pessoa diferente da que ela era a 10, 20 anos atrás... então ela foi se educando, se politizando, foi aprendendo conforme o tempo foi passando, conforme eu fui evoluindo nessas questões também, que eu fui aprendendo... hoje eu falo que acho muito bonito um casal de mulher junto, porque aprendeu isso na novela, depois a gente foi conversando sobre... entendeu? ENtão ela fala que acha muito bonito, mas ainda tem as questões dela, os preconceitos dela, que ela tá trabalhando também... tem hora que ela solta comentário preconceituoso e eu "mãe...." e ela "tá, *foi do momento*, desculpa", mas não é aquele "foi coisa de momento desculpada" desleixado, é aquele "é verdade, tô errada". Ela sabe que aquilo tá errado, escapuliu da boca dela, mas ela sabe que tá errado e tenta melhorar aquilo, entendeu?

Pesquisadora: Hmmm, entendi... Realmente, é preciso bastante jeito pra chegar nesses lugares mais tradicionais

Pesquisadora: É um processo né, de fato

Pesquisadora: Minha família tá aprendendo também kkkkkk mas pelo menos eles tem paciência de aprender!

Pesquisadora: Nesse ponto da diversidade, tem algum tipo que você gosta/gostaria mais de encontrar nas fanfics?

P7: Assim, eu gosto de ler fanfic LGBT, seja qualquer história que seja, o que me interessa é... a construção da história... não... assim, eu não procura fanfic só de assexualidade, ou só de gays ou só de lésbicas, não... eu leio de tudo, de tudo um pouco eu leio. O que me interessa mais nessas histórias é a escrita e o desenvolvimento, tipo... se a qualidade da escrita é boa e o desenvolvimento. Acho que mais o desenvolvimento e o respeito à sexualidade do que qualquer outra coisa, se tem uma história com escrita boa, mas não respeita a sexualidade eu largo ali... tipo, por exemplo... é... vamos fingir que eu peguei uma história com personagem trans, que é gênero, né? Ai a pessoa começa a história bem, tem a escrita boa, começou a história boa, mas aí no momento final tem uma coisa amplamente errada que não tem nem como o autor consertar no final pra dar... sei lá... acontece uma cena transfóbica, mas no final a gente descobre que foi a... não, acontece uma coisa terrível ali que não tem nem como o escritor consertar aí eu já abro mão, desisto e dependendo do jeito que for já até denuncio a história. Então, assim, pra mim certas letrinhas da sigla LGBT são bem apagadas tipo a assexualidade, demissexualidade, pessoas que... que são aromânticas.... esse tipo de sigla mais apagadinha existe falta, mas eu não não faço tanta questão de ter tanta história, sem ter uma história que respeita....tipo, se vai ter história eu prefiro que tenha poucas histórias que respeitem as letrinhas da sigla, do que ter aquele monte, um montarel, de histórias, de todas as siglas... e tá tudo desrespeitando. Então, se for pra escrever, que escreva direito, não precisa falar aquele monte de merda e postar....sabe? Não sei se dá pra entender, eu sou a favor de vamos respeitar, mesmo sendo pouquinhas histórias vamos respeitar. Vamos fazer um trem que... leve informação e não desinformação e preconceito, eu sou desse clubinho.

Pesquisadora: Simm, entendo kkkkkkkk

Pesquisadora: E na hora da escrita, você se sente apta a escrever sobre personagens e realidades diferentes da sua? Há algum desafio particular em relação a isso?

P7: Então... você pisou num terreno bem cheio de espinhos, porque eu sou hétero escrevendo sobre histórias LGBT, então eu tenho que ter muita responsabilidade com aquilo que eu escrevo, porque como eu não sou do vale (ri) eu não posso sair escrevendo qualquer merda, igual na pergunta anterior... eu não vou ler alguma coisa que tenha algo errado, eu também não posso escrever algo errado, algo que leve desinformação e preconceito, entendeu? Então

assim quando eu quero escrever por exemplo, com... eu gosto muito de BinChang que é o Bang Chang e o Changbin do Stray Kids então assim é o meu casal favorito, são meus personagens favoritos da vida, então quando eu coloco eles como um casal, que geralmente são dois homens cis gays, eu vou tratar da vivência deles com respeito, eu não vou colocar nada preconceituoso naquilo que eu escrevo e normalmente eu não aprofundo muito na questão da sexualidade, tipo explicar e tudo tal... eu trato com leveza, igual as histórias que eu normalmente leio, histórias mais leves... eu prefiro esse tipo de coisa. Eu trato com normalidade, pra mim não tem nada de anormal em um casal gay, não tem nada, entendeu? Então eu trato com normalidade, eu até escrevo histórias com classificação livre, porque assim, eu escrevo umas coisinhas meio picantes, mas não é nada absurdo, não é nada demais, tem a cena lá +18 não é nada... sabe, diferente, tipo tratando com respeito o amorzinho deles... porque os grandes... tipo, eu tenho uma fanfic que tem 30 capítulos, que é classificação livre, com eles crianças, e tipo tem namorinho lá, não é namorico adolescência é namorinho de criança/pré-adolescência, tipo aquele interessezinho, aquele primeiro olhar... coisa simples entendeu? Bobinha... tipo... algo do tipo, né, desculpa...mas assim eu trato com naturalidade porque no meu entendimento deveria ser assim para tudo, tratar tudo com naturalidade.

Pesquisadora: Entendo! Com respeito e naturalidade dá pra escrever oq a gente n vivencia

P7: Isso 

Pesquisadora: E em questão de etnicidade/raça e classe social? Você já chegou a incluir isso, nunca tinha pensado sobre...

P7: E assim eu não sei se cabe na mesma caixinha, tipo eu não sei se tem o mesmo peso... mas assim, eu tenho obesidade mórbida, né? Eu emagreci 32 quilos em um mês, meu ápice foi 140 [quilos] com 28 anos. Então, assim, se eu achasse mais histórias tratando de obesidade com respeito, entendeu? Não é romantizando, pelo amor de Deus... é tratando com respeito, com naturalidade, aquela questão da pessoa ser gordinha, entendeu? Então eu iria gostar também... a obesidade é uma doença, mas se a pessoa que é obesa for tratada com respeito e naturalidade no processo dela... que não é só a pessoa virar pro espelho e falar "hum, vou fazer jejum intermitente" ou "hum, vou fechar a boca ou vou fechar a boca pra doce ou fritura" não é assim, o corpo da pessoa não é uma máquina que você vai lá programa e pronto, vai perder todo mês dois quilos...vai emagrecer saudável, vai ser assim até você chegar no seu peso ideal... tipo, nem peso ideal é a realidade de todo mundo, tem gente com

60 quilos na tabela lá o corpo, a estrutura corporal da pessoa não é para aquilo, entendeu? Então assim você vê uma pessoa obesa e não sabe se ela tá com tratamento, se ela tá tratando outras questões que não estão relacionadas à obesidade, é um monte de coisa, não é só fechar a boca, é o tratamento, é o processo da pessoa. Então se eu achasse mais histórias falando de obesidade com respeito e... sabe, com aquele carinho que a gente quer ver, ou pelo menos eu quero ver histórias com pessoas assim como eu, né, com mais carinho e mais respeito... aí cara, se eu achasse mais histórias assim eu ia ler, eu ia amar, ia amar mesmo. Então da mesma forma que eu queria que tivesse histórias me representando com carinho e respeito, eu também faço histórias com carinho e respeito, é isso... eu vejo dessa forma.

Pesquisadora: Nossa, mas é muito bacana falar disso também! Não inclui pq se colocasse tudo a pesquisa n acabava kkkkkk

Pesquisadora: Mas fica a vontade pra trazer isso nas próximas questões se vc quiser, bem importante

P7: Então, sobre classe social sim... tanto é que a história minha atual fala sobre os perrengues do pobre (ri), mas... é com respeito também... é aquela *Dizem as más línguas*, o nome da história que eu tô postando ainda, é um longfic. E tipo... nessa história em específico fala dos perrengues que o Changbin, personagem principal, entra após se mudar pra um prédio que é mal acabado, cheio de problemas estruturais. Ele vai... ele vai ajudar o pessoal de lá que ele conhece, vai se ajudar também porque ele vai crescer, né? Vai tomar responsabilidade, às vezes até responsabilidade que não é dele ele toma a frente, ele se sobrecarrega. Mas tipo mostra a realidade de alguém que tá lá embaixo, quase que abaixo da linha da pobreza... pessoa tá como se diz vendendo o almoço pra comprar a janta. A realidade dele e o pessoal desse prédio é bem assim, bem tensa, bem complicada. Mas apesar disso tudo ainda pinto como uma alegria cada capítulozinho, porque é igual já falei anteriormente, eu falo de várias coisas mas com certa naturalidade, tem um problema com um piso rachado, desgastado e paredes rachadas, eu menciono isso, mas eu não trago aquilo toda hora e eles ficam com medo do prédio cair... não... eu menciono os problemas que tem no prédio, eu menciono as dificuldades de cada um, a violência que cerca esse prédio também, porque é um lugar bem duvidoso... mas eu não vou tanto assim para o lado... menciono aqui e ali, mas não aprofundo não...sabe? Mas... sobre classe social eu menciono isso, mas... etnicidade é o que? Eu só escrevo com K-POP... cai nisso né? Cai... porque o asiático é amarelo, eles falam, raça amarela, né... eu não entendo muito bem dessa questão... mas eu

acho que é sobre isso... AH e também fiz uma, não sei se foi só uma, uma história sobre pessoas negras, sabe? Fui destaque, aquela Fios de Algodão que eu postei na minha conta secundária, essa Chang Chan e essa que eu tô comentado que foi pro mês da consciência negra... acho que foi só essa que eu escrevi, aí Mariama não sei... acho que foi só... é foi só essa sim.

P7: Ai, ficaria interessante falar sobre acessibilidade também... seria bem interessante. Sobre... é... como fala, gente... deficiências invisíveis que é o caso por exemplo do autismo, é considerada uma deficiência invisível, tipo a pessoa tem aquela condição com ela, mas não é visível a olho nu, tanto é que... a pessoa que é cadeirante você aca que é alguma questão com a locomoção, entendeu... mas no autismo por exemplo só de você olhar pra pessoa você não sabe, não dá pra identificar; tem até o cordãozinho do autismo, do autista, é como se fosse um quebra cabeça a estampa dele e tem também tem o de girassol. Depois cê pesquisa que eu não sou muito aprofundada nessas questões então prefiro ficar mais quietinha, não falar bosta... mas tem essa questão também, depois você procura se você se interessar, seria bem interessante se você colocasse né? Seria interessante você ter isso na sua pesquisa do TCC também, mas eu entendo também, é muita coisa, aí até desanima o pessoal de responder o formulário... eu não, eu gosto de responder, mas muita gente pode não gostar, eu entendo o seu lado.

Pesquisadora: Simm! Quem sabe numa fase 2, mas é um assunto q me interessa demais (até porque minha irmã é cadeirante e ela sabe tuuudo da militância, me ensina um monte)

P7: Nossa... ou... aproveita viu Mariama, se tiver a oportunidade de você fazer o formulário tipo esse que você mandou faz... porque não é tão comentado... não tem muita informação, não chega pra gente que não é... pra gente que não tem é... pra gente que eu falo eu... que não tem tanto contato, como eu falei, eu moro num lugar minúsculo... assim, não tem tanto contato com pessoas com esse tipo de deficiência... então seria muito bom, aproveita que a sua irmã tem bastante conhecimento nesse campo, porque ela vive essa realidade e aproveita o conhecimento dela, se politiza ainda mais, sabe... nossa aproveita.

P7: Eu tô te mandando áudio porque eu tô morrendo de sono, eu cheguei da faculdade, comi alguma coisa, nem tomei banho pra te ajudar na entrevista do TCC... então cê me desculpa (ri) mandar só áudio de um tempinho pra cá, eu tô com sono mas eu vou acabar a entrevista, tá? Depois eu tenho que tomar banho ainda pra deitar, mas tô livre pra você, tá? Pode

perguntar o tanto de coisa que você quiser, até a mais da lista de perguntas que você tem aí, estou aqui, aproveita hoje, tá? (ri)

Pesquisadora: É até um jeito de fazer as pessoas pensarem no assunto

P7: Isso!

Pesquisadora: Tá bem demais, eu agradeço pela disposição kkkkkkkk

Pesquisadora: Mas tamo quase acabando! Tem mais umas duas perguntas só

P7: Disponhaaaa 💕

P7: Opa, então bora 😍

Pesquisadora: Bora

Pesquisadora: Você espera encontrar um nível maior de diversidade nas fanfics em comparação com a mídia tradicional (filmes, séries, livros)? E encontra, de fato?

P7: Olha, é inegável isso, no universo das fanfics tem mais diversidade, seja LGBT, seja étnico, seja qualquer coisa... seja isso que a gente tava comentando sobre deficiências. Às vezes até numa história junta muita coisa diferente, tipo... personagem que é demisssexual e tem alguma deficiência, entendeu? Eu encaro isso nos universo das fanfics então às vezes... às vezes não... sempre eu topo com fanfics assim que é muita coisa para ter numa fanfic só. Só que assim... ultimamente, né, de uns tempo para cá... essas outras... a mídia tradicional... vem trabalhando isso também... vem... não sei... acho que estão atendendo a demanda, atendendo ao processo de evolução porque assim, igual por exemplo... não teve a questão toda do filho do Superman namorar um menino na HQ? Ou... não sei... numa história, acho que foi HQ. Então quando que isso ia ter? Tipo, quem poderia imaginar isso a uns 5 anos atrás? E 5 anos nem é muito... se a gente foi parar pra pensar. Então tá tendo essas questões sim na mídia tradicional... igual eu comentei mais cedo no áudio anterior, sobre a minha mãe ter visto numa novela um casal de senhoras e duas mulheres e ter achado aquilo legal, numa novela, na Globo. Tipo... entendeu? Muita gente fala mal da Globo e eu não vou entrar nessa questão de politicagem, mas a Globo é um canal bem famoso, já ganhou... tipo, novela da Globo é exportada para fora, então é referência em questão de novela, entendeu? Então vê um casal assim na Globo? Num canal tão importante... é notório, né? No mínimo notório...e... eu tô gostando pra caramba de ver isso na mídia tradicional por mais que eu não acompanhe

tanto, eu não acompanho novela, eu só mais dos doramas, mas... quando chega esse tipo de informação da mídia tradicional pra mim eu gosto porque eu tô vendo que o pessoal que não tem tanto contato... do que eu falei nos áudios anteriores que eu moro em lugar pequeno... da mãe, do pai e da criança ter acesso a esse tipo de coisa por exemplo numa novela, num livro infantil, seja por qualquer lado, seja pela mídia tradicional, seja a tela do celular pra mim é ótimo, mas assim... só para dar uma resumida: eu vejo que tem mais diversidade na fanfics, porém a mídia tradicional tá trazendo mais diversidade também, é isso.

Pesquisadora: Novela faz milagres, gostemos ou n kkkkkk

Pesquisadora: E, pra acabar:

Você acha que a maneira como a obra original (ou o que origina a fanfic, uma celebridade, banda, etc) trata a representatividade reflete em como isso aparece na fanfic?

P7: Tipo assim... é.... eu sou mais engajada com KPOP então eu tanto leio quanto escrevo mais sobre KPOP, principalmente sobre Stray Kids... eu vejo que no kpop eles não podem falar demonstrando muita coisa tanto por questão de contrato pa pa pa, são artistas a gente querendo ou não... são artistas num país absurdamente conservador, então essa questão de feminismo, LGBT, essas questões eles não podem se manifestar muito sobre isso... mas tipo, teve uma live... foi live? Não... foi uma videochamada com fã, que o Chan fez no Halloween que ele tava até vestido de vampirinho... o Chan, líder do Stray Kids, que é o grupo que eu mais escrevo e leio sobre... ele tá nessa vídeo chamada com fã e ela conta que foi através do Stray Kids que ela conheceu a namorada e tipo nessa live ele foi pego totalmente de surpresa e conta que tava mega feliz por aquilo, entendeu? Ele a' te pergunta "sério?", "estou muito orgulhoso disso", então tipo ele está tanto orgulhoso delas quanto o Stray Kids estar associado a elas. Então tipo... quando é uma questão assim, em que eles podem falar de certa forma, não tão abertamente, mas... não podem apoiar tão abertamente, mas não só eles, mas todo mundo lá do KPOP que tem contrato e pá pá pá. Quando dá para eles fazerem isso, em que é permitida a situação em que abre essa brecha e eles demonstram isso, a gente vê, consegue ver que eles apoiam... quando fazem show fora do país deles... pegam bandeira e tudo, entendeu? E eles falam muito sobre igualdade... eles que eu falo é o KPOP em geral... não só o Chan, não só o Stray Kids. Eu só mencionei esse episódio do Chan com o fã porque foi algo que eu lembrei aqui agora, mas os artistas de KPOP quando vão para fora em turnê, eles normalmente pegam em bandeira LGBT, normalmente é mais ... sobre o pessoal LGBT que eles mais apoiam, pelo que eu mais percebo, eu, Deisiane... E agora largando o KPOP de

lado e indo para outras obras... Harry Potter... é... né? Tipo... eu não vejo tanta representatividade assim não... e eu acho que o pessoal que gosta, os fãs que gostam dessas séries, filmes, livros e tal... eles meio que dão aquela mudançazinha, pegam os personagens lá e... Maze Runner, por exemplo, que é uma trilogia de filmes, pegam os dois lá que mais gostaram e transformam em fanfic como casal gay, tendeu? Tipo Minho que é o personagem asiático da história com o principal, o Thomas, aí faz fanfic deles... Então muito vai do imaginário da né... daquela necessidade de ter mais representatividade naquelas séries, filmes e livros favoritos e eu vejo bem assim... Mas obviamente tem certas séries que são focadas nesse público LGBT, Heartstopper que é focado... adolescentes, pré-adolescentes... tão se descobrindo agora e querer começar a ter aquela representatividade com algo levinho, eu acho bonitinho fofo, sabe? Coisa assim que eu gosto... eu acho legal... acho que é só isso também... nossa olha o tamanho do áudio que eu mandei.

P7: Achei que tinha enviado o áudio assim que gravei ele, mas a minha internet instável não mandou :')

P7: Desculpa por mandar atrasado e também pelo tamanho KANSSKSN

Pesquisadora: Tá maravilhoso, adoro resposta detalhada kkkkkkk

Pesquisadora: Tô ouvindo

P7: 

Pesquisadora: Bom é isso!!!

Pesquisadora: Boa noite, bom descanso!